

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

IDIOMATICIDADE EM PALAVRAS COMPLEXAS PREFIXADAS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE TEÓRICO-EXPERIMENTAL

Thays Ferreira Alves



IDIOMATICIDADE EM PALAVRAS COMPLEXAS PREFIXADAS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE TEÓRICO-EXPERIMENTAL

Thays Ferreira Alves

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador (a): Profª Drª Isabella Lopes Pederneira

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2025

CIP - Catalogação na Publicação

A482i Alves, Thays Ferreira
 Idiomaticidade em palavras complexas prefixadas
 no Português Brasileiro: uma análise teórico
 experimental / Thays Ferreira Alves. -- Rio de
 Janeiro, 2025.
 120 f.

 Orientadora: Isabella Lopes Pederneira.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
 Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
 Graduação em Linguística, 2025.

 1. Formação de palavras complexas. 2. Interface
 Sintaxe-Semântica. 3. Idiomatizações de prefixos. 4.
 Modelos Construcionistas. 5. Análise experimental.
 I. Pederneira, Isabella Lopes, orient. II. Título.

IDIOMATICIDADE EM PALAVRAS COMPLEXAS PREFIXADAS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE TEÓRICO-EXPERIMENTAL

Thays Ferreira Alves

Orientadora: Isabella Lopes Pederneira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

Prof.^a Dra. Isabella Lopes Pederneira - Orientadora - UFRJ

Prof. Dr. Rafael Dias Minussi - UNIFESP

Prof.^a Dra. Daniela Cid de Garcia - UFRJ

Prof.^a Dra. Paula Roberta Gabbai Armelin - UFJF (Suplente)

Prof.^a Dra. Rafaela do Nascimento Melo Aquino - SME-RJ (Suplente)

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2025

AGRADECIMENTOS

Durante esses anos de mestrado, enfrentei muitos desafios, sobretudo relacionados ao meu mental, fui agraciada com muitas conquistas que me fizeram crescer não só como pesquisadora e passei por derrotas que pareciam ter me derrubado por completo, mas percebi que foram colocadas em meu caminho para me fortalecer. Todos esses acontecimentos foram cruciais para me fazer chegar até aqui hoje e, por isso, agradeço primeiramente a Deus, por me guiar ao longo de toda essa trajetória, sempre me dar forças para continuar a cada dia e colocar as pessoas certas na minha história, dentro e fora do ambiente acadêmico.

Agradeço à minha orientadora Isabella Lopes Pederneira, por todo o conhecimento que me proporcionou, por todas as orientações de trabalho, especialmente aquelas feitas de última hora, por todo o incentivo dado para que eu perdesse os meus medos nas apresentações e por aguentar minhas chatices e desesperos. Seu apoio foi essencial para que eu conseguisse seguir em frente e terminasse essa etapa, principalmente após momentos que abalaram completamente o meu emocional e me fizeram duvidar da minha capacidade.

Agradeço ao Rafael Minussi, por ter dado ótimas sugestões enquanto meu debatedor nas minhas apresentações no SEPLA, o que proporcionou novas percepções para as minhas análises. Agradeço à Daniela Cid e à Juliana Novo, pois o experimento deste trabalho não teria saído sem a ajuda delas. Ressalto aqui os inúmeros e-mails trocados e as videochamadas feitas com a Daniela no momento de preparação do experimento, bem como resalto as análises dos resultados fornecidas pela Juliana. Também agradeço à Paula Armelin e à Rafaela Aquino por terem aceitado fazer parte da banca.

Agradeço à CAPES por ter me financiado em meu primeiro ano de mestrado, o que possibilitou a minha participação em eventos fora do Rio que contribuíram muito para a minha formação. E agradeço FAPERJ pelo financiamento desta pesquisa em meu segundo ano de mestrado. Os recursos fornecidos foram responsáveis pela minha participação em quatro congressos fora do país, promovendo a oportunidade de obter inúmeros feedbacks para o andamento da minha dissertação.

Agradeço aos membros do LabSin, por todas as discussões ao longo dos anos que agregam sempre não só para a minha pesquisa como também para a minha formação como linguista. Em especial, agradeço a Rafa por todas as conversas, tanto sobre a faculdade quanto sobre assuntos do dia a dia, desde a graduação, por todas as risadas, incentivos e apoio quando foi necessário. Gostaria de agradecer também à Dani pela amizade e à Giovana por toda a ajuda com as dúvidas deste trabalho.

Agora, fora do contexto acadêmico, agradeço profundamente aos meus pais Angela e Wanderlei, pois eu não chegaria aqui se não fosse por todo o incentivo (emocional e financeiro), carinho, cuidado e sacrifícios que fizeram por mim, sou grata até mesmo pelos esporros e pelas preocupações ao me verem acordada durante inúmeras madrugadas para entregar algum trabalho. Vocês são tudo na minha vida, e nada que eu faça será capaz de demonstrar a gratidão que sinto por tudo que me proporcionaram.

Agradeço aos meus irmãos Paulo Victor e Luana, por sempre estarem ao meu lado, seja rindo vendo vídeos bobos na internet e séries, seja me confortando quando algo não sai como eu planejo. Ninguém no mundo poderia exercer o papel que vocês têm na minha vida. Sou eternamente grata pela parceria de vocês.

Agradeço à minha avó Clea, por todo carinho que tem por mim e por todas as rezas que faz sempre que eu preciso. Todo esse amor e suporte sempre me deixa mais forte e segura para enfrentar o que quer que esteja em meu caminho. Também, agradeço a todos os meus familiares, por todo o suporte no dia a dia desde que nasci.

Agradeço à Ana, à Kyanne e à Mylena, por toda amizade desde os tempos de escola. Eu nunca trocaria nenhuma lembrança que tenho com vocês, seja de brigas ou de palhaçadas, porque todas mostram o quanto a nossa relação é forte em cada etapa da nossa vida. Agradeço aos meus amigos do pré-vestibular Gustavo e Rafa, sobretudo por aparecerem na minha vida em um momento que eu não estava bem emocionalmente. Vocês me ajudaram muito, mesmo que não saibam, no processo de escolha da minha faculdade e se dividiram no papel de serem a minha dupla. Gostaria de enfatizar, ainda, que estou muito orgulhosa da formação de vocês (Ana, Ky, My e Gustavo) e da sua grande conquista (Rafa).

Agradeço, por fim, ao meu namorado Gabriel, por todo companheirismo e amor que me dá desde que nos conhecemos. Você esteve comigo nos melhores e nos piores momentos dessa jornada, sendo crucial para que eu me mantivesse firme e forte no meu objetivo. Peço desculpas se descontei em você o estresse causado pela escrita dessa dissertação, e agradeço mais ainda a sua compreensão, sobretudo pela minha falta de tempo nessas últimas etapas do processo. Você estará sempre no meu coração e já sonho com todo o caminho e com todas as conquistas que teremos juntos pela frente. Amo você!!

Há sem dúvida quem ame o infinito,
Há sem dúvida quem deseje o impossível,
Há sem dúvida quem não queira nada —
Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o possível,
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder
ser,
Ou até se não puder ser...

(Fernando Pessoa - “O que há em mim é
sobretudo cansaço”)

RESUMO

IDIOMATICIDADE EM PALAVRAS COMPLEXAS PREFIXADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE TEÓRICO-EXPERIMENTAL

Thays Ferreira Alves

Orientadora: Isabella Lopes Pederneira

Resumo da dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

O objetivo desta pesquisa é relacionar a teoria da gramática à explicação para a formação de palavras complexas prefixadas no português brasileiro (PB) e seus limites para a idiomatização e recursividade. Os referenciais teóricos são a Morfologia Distribuída – MD – (Halle e Marantz, 1993; Marantz, 1997 etc) e a Exoesqueletal – XS – (Borer, 2003; 2005a; 2005b etc), nas quais a sintaxe vai até o interior das palavras. Pederneira (2010) observou que os prefixos podem idiomatizar palavras e, a partir disso, a questão principal desta pesquisa é se existe um limite para essa idiomatização. Medeiros (2012, 2016) argumenta que a segunda inserção de um mesmo prefixo nunca é idiomática, como em *re-remeter*, mas o mesmo não parece ocorrer em palavras com prefixos diferentes, como *comprometer*. A hipótese seria de que a duplicidade seria o limite, não a adição de uma segunda camada prefixal. Na XS, Borer (2013) assume que a formação de palavras complexas não teria limite para significados especiais, considerando casos de idiomatização tardia (como em *reactionary*). Ao comparar teorias, argumenta-se que as idiomatizações podem ocorrer em camadas tardias de derivação, resultando em um limite maior para a idiomatização na inserção de prefixos diferentes. A XS se mostrou uma vertente mais econômica para a análise teórica, mas a análise experimental envolvendo a técnica de *Priming* encoberto com Decisão Lexical, inicialmente, não se demonstrou a favor dessa perspectiva. O efeito morfo-ortográfico é a variável independente, já o índice de decisão e o tempo de resposta “SIM” são as variáveis dependentes. A previsão era a de que a condição de palavras relacionadas morfológica / morfo-ortograficamente teriam uma maior facilitação na resposta, o que não ocorreu, demonstrando uma pouca correlação entre os aparatos experimentais e as análises abstratas.

Palavras-chave: Formação de palavras complexas; Interface Sintaxe-Semântica; Idiomatizações de prefixos; Modelos Construcionistas; Análise experimental.

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2025

ABSTRACT

IDIOMATICITY IN PREFIXED COMPLEX WORDS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: A THEORETICAL-EXPERIMENTAL ANALYSIS

Thays Ferreira Alves

Orientadora: Isabella Lopes Pederneira

Abstract da dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

The aim of this research is to relate the theory of grammar to the explanation for the formation of prefixed complex words in Brazilian Portuguese (BP) and their limits for idiomatization and recursivity. The theoretical frameworks are Distributed Morphology (DM) (Halle and Marantz, 1993; Marantz, 1997, etc.) and Exoskeletal (XS) (Borer, 2003; 2005a; 2005b, etc.), in which syntax goes to the interior of words. Pederneira (2010) observed that prefixes can idiomatize words, and from this observation, the main question of this research is whether there is a limit to this idiomatization. Medeiros (2012, 2016) argued that the second insertion of the same prefix is never idiomatic, as in *re-remeter*, but the same does not seem to occur with words having different prefixes, like *comprometer*. The hypothesis is that duplicity is the limit, not the addition of a second prefixal layer. In XS, Borer (2013) assumes that the formation of complex words would have no limit for special meanings, considering cases of late idiomatization (such as *reactionary*). By comparing theories, it is argued that idiomatizations can occur in later layers of derivation, resulting in a greater limit for idiomatization in the insertion of different prefixes. The XS has proven to be a more economical approach for theoretical analysis, but the experimental analysis involving the Priming technique with Lexical Decision, initially, did not support this perspective. The morpho-orthographic effect is the independent variable, while the decision index and the 'YES' response time are the dependent variables. The prediction was that the condition of morphologically / morpho-orthographically related words would facilitate the response more, which did not occur, showing a low correlation between the experimental apparatus and the abstract analyses.

Keywords: Formation of complex words; Syntax-Semantics Interface; Prefix idiomatizations; Constructionist Models; Experimental analysis.

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2025

SUMÁRIO

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÃO.....	12
ÍNDICE DE QUADRO.....	13
ÍNDICE DE TABELA.....	14
CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....	15
1. 1 Por que palavras complexas prefixadas idiomáticas?.....	15
1.2 Objetivos e Hipóteses.....	17
1.3 Metodologia.....	18
1.4 Organização da dissertação.....	19
CAPÍTULO 2 : FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2.1 Pressupostos da Gramática Gerativa: criatividade e recursividade.....	21
2.2 O modelo Lexicalista de Gramática Gerativa.....	23
2.2.1 A recursividade e a idiomatidade no Léxico.....	24
2.3 Modelos Construcionistas de Gramática Gerativa.....	27
2.3.1 Morfologia Distribuída.....	28
2.3.2 Palavras complexas e a categorização de raízes na MD.....	32
2.3.2.1 Assunção de categorização.....	32
2.3.2.2 As fases e a idiomatização.....	38
2.3.3 O modelo Exoesquelético.....	44
2.3.3.1 Palavras complexas e a idiomatização tardia.....	48
2.4 Por que adotar os modelos construcionistas?.....	52
CAPÍTULO 3. A PREFIXAÇÃO - DEFINIÇÕES, DEBATES E LACUNAS.....	54
3.1 Os prefixos do português.....	54
3.2 Revisitação de literaturas e exploração de lacunas acerca da prefixação.....	59
CAPÍTULO 4. A RECURSIVIDADE DOS PREFIXOS.....	72
4.1 Os prefixos <i>re-</i> e <i>des-</i>	72
4.1.1 O prefixo <i>re-</i> com valor restitutivo.....	73
4.1.2 A sobreposição de prefixos iguais.....	78

4.2 O fenômeno recursivo em prefixos diferentes.....	81
CAPÍTULO 5. A IDIOMATICIDADE EM CAMADAS PREFIXAIS.....	84
5.1 O verbo <i>comprometer</i>	85
5.2 O verbo <i>indispor</i>	87
5.3 O verbo <i>desenrolar</i>	88
5.4 Propostas de análise: reanálise estrutural, fases ou idiomatização tardia?.....	89
CAPÍTULO 6. ANÁLISE EXPERIMENTAL.....	96
6.1 Experimento Priming com Decisão Lexical.....	96
6.2 Método.....	97
CAPÍTULO 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	109
ANEXO 1.....	116
ANEXO 2.....	118

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1: Árvore sintática do verbo <i>alongar</i>	15
Figura 2: Árvore sintática do verbo <i>adestrar</i>	16
Figura 3: Arquitetura da Gramática do Lexicalismo.....	24
Figura 4: Componente Morfológico no Lexicalismo.....	26
Figura 5: Arquitetura da Gramática da Morfologia Distribuída.....	29
Figura 6: Unidade Básica da Morfologia na Morfologia Distribuída.....	30
Figura 7: Competição dos IVs.....	32
Figura 8: Árvore sintática do nome <i>flor</i>	34
Figura 9: Nome, verbo e adjetivo derivados de <i>flor</i>	34
Figura 10: Derivação do nome <i>hammer</i>	35
Figura 11: Derivação do verbo <i>to hammer</i>	35
Figura 12: Derivação do nome <i>tape</i>	35
Figura 13: Derivação do verbo <i>to tape</i>	35
Figura 14: Mapa estrutural da fase.....	38
Figura 15: Domínios para a interpretação semântica.....	39
Figura 16: Árvore sintática do nome <i>globalização</i>	40
Figura 17: Possibilidades de significado da raiz $\sqrt{\text{GLOB}}$	41
Figura 18: Domínio de <i>Spell-Out</i>	42
Figura 19: Árvores sintáticas com o sufixo <i>-able</i> na XS.....	46
Figura 20: Arquitetura da Gramática do modelo Exoesqueletal.....	47
Figura 21: Árvore sintática de <i>reactionary</i> cf. Borer (2013a).....	50
Figura 22: Árvore sintática reformulada de <i>reactionary</i>	50
Figura 23: Categorizadores nulos - MD vs XSM.....	53
Figura 24: Subdivisão da operação <i>Merge</i>	63
Figura 25: Palavras parassintéticas no PB.....	64
Figura 26: Árvore sintática do verbo <i>entardecer</i>	64
Figura 27: Categoria Preposição.....	65

Figura 28: Proposta de categorização da palavra <i>atomic</i>	67
Figura 29: Características de cada tipo de afixo.....	69
Figura 30: Características dos prefixos negativos <i>in-</i> e <i>des-</i>	69
Figura 31: Reformulação da classificação de Cremmers <i>et al.</i> (2018).....	70
Figura 32: Distribuição do <i>re-</i> e do <i>des-</i>	80
Figura 33: Coocorrência <i>redesdes-</i> (árvore sintática).....	81
Figura 34: O verbo <i>desenrolar</i> na internet.....	88
Figura 35: Árvores sintáticas dos verbos após o processo de reanálise.....	91
Figura 36: Domínio de fase da palavra <i>comprometer</i>	92
Figura 37: Domínio de fase da palavra <i>indispor</i>	92
Figura 38: Domínio de fase da palavra <i>desenrolar</i>	93
Figura 39: Árvore sintática de <i>comprometer</i> (XS).....	94
Figura 40: Árvore sintática de <i>indispor</i> (XS).....	94
Figura 41: Árvore sintática de <i>desenrolar</i> (XS).....	94
Figura 42: Desenho do experimento.....	100
Figura 43: Porcentagem de Respostas SIM e NÃO.....	102
Figura 44: Tempo médio de resposta.....	103

ÍNDICE DE QUADRO

Quadro 1: Listagem da palavra <i>acometer</i> no Léxico.....	25
Quadro 2: Formação de palavras complexas composicionais.....	33
Quadro 3: Prefixos do português.....	54
Quadro 4: Novas formações prefixais da língua portuguesa.....	57
Quadro 5: Partículas dependentes e independentes no PB conforme Cunha e Cintra (2016).....	60
Quadro 6: Categorização sintática (sufixos).....	61
Quadro 7: Núcleos e Adjuntos.....	63
Quadro 8: Itens e condições experimentais.....	98
Quadro 9: Quadrado Latino (<i>Latin Square</i>).....	99

Quadro 10: Análise dos resultados experimentais.....	101
Quadro 11: Percentuais de Respostas SIM na tarefa de DL por condição experimental.....	102

ÍNDICE DE TABELA

Tabela 1: Leituras idiomáticas em palavras complexas do inglês.....	48
Tabela 2: Tipos de afixos.....	68

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

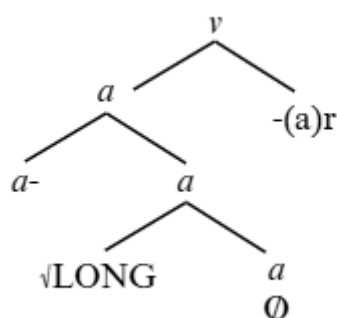
1. 1 Por que palavras complexas prefixadas idiomáticas?

No ramo da teoria Construcionista, da Linguística Gerativa, palavras complexas são aquelas que possuem sua formação para além da primeira concatenação entre uma raiz (ou listema) e um núcleo categorial (ou funtor categorial). A forma como será feita a atribuição de significado diverge entre as teorias, mas os vocábulos, ao final do processo, podem possuir sua significação proveniente de uma semântica regular (composicional) ou podem adquirir um significado especial (idiomático).

Dito isso, o foco principal desta dissertação recai mais precisamente sobre o estudo do segundo grupo. Para tal fim, foi preciso delimitar o enfoque, adotando o fenômeno da prefixação no português brasileiro (PB). Embora não sejam categorizadores, os prefixos têm potencialidade de acrescentar significado tanto composicional quanto idiomático, demonstrando-se, portanto, um campo rico para essa análise.

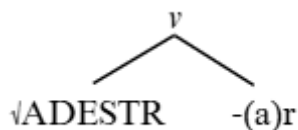
Na língua portuguesa, alguns verbos têm prefixos claramente identificáveis. Pederneira (2010) ressaltou que tais prefixos, geralmente, quando concatenados à raiz, acrescentam conteúdos semânticos que são, em grande parte, claros, regulares e composicionais, já que prefixos possuem significado proveniente da Forma Lógica. No entanto, há outros casos em que o significado semântico se perdeu entre os falantes, restando apenas a semelhança fonológica com a raiz, sem uma identidade morfológica clara, conforme observado por Lemle e Pederneira (2012) na comparação entre os pares *longo* e *alongar* vs. *destro* e *adestrar*.

Figura 1: Árvore sintática do verbo *alongar*



Fonte: Elaboração própria

Figura 2: Árvore sintática do verbo *adestrar*



Fonte: Elaboração própria

Pederneira (2010), baseando-se em pressupostos da Morfologia Distribuída (MD), observou que os prefixos podem idiomatizar palavras, o que provoca um espaço entre a derivação estrutural e a demarcação fonológica, que precisa ser explicado. Em sua proposta, a autora, através do experimento com o protocolo de *priming* aberto, demonstrou que é possível que prefixos, em palavras em que há uma lacuna no seu significado composicional, possam causar alterações na percepção da família morfológica e possivelmente dar origem a novas raízes, como, por exemplo, na palavra *despencar*, em que não se compõe mais com o nome *penca*. Com a perda da composição sintática da palavra base, as derivadas com mais uma camada passam a ser as primeiras, e uma nova raiz é criada, com a primeira sílaba apenas semelhante ao prefixo.

Nessa perspectiva, palavras morfológicamente complexas possuem a possibilidade de serem interpretadas de maneiras distintas por diferentes indivíduos, sem que essas divergências resultem em problemas de inteligibilidade mútua e ocasionem falhas na eficácia da comunicação. Como exemplificação, tem-se o verbo *comover*, o qual pode ser computado como composto pela adjunção do morfema prefixal *com-* e o verbo *mover*, ou por meio da raiz $\sqrt{\text{COMOV-}}$ mais a marcação de categoria verbal (Pederneira, 2010).

O vocábulo citado é um perfeito exemplo no que diz respeito à idiomaticidade em palavras prefixadas, tendo em vista que a inserção do prefixo *com-* provoca um desajuste semântico ao significar “causar ou sofrer emoção”, significado este que não advém composicionalmente de *mover*, que, a grosso modo, pode significar “pôr em movimento”. Essa não correspondência entre a morfologia e a semântica mostrou-se um tópico bem promissor. Com base nisso, pode-se também perguntar se existe um limite para a idiomaticidade do prefixo. Medeiros (2012, 2016), ao tecer considerações sobre os prefixos *re-* e *des-*, abarca o fenômeno da recursividade e de sobreposição de prefixos iguais, estipulando que nunca uma segunda ocorrência dessas partículas implicará uma nova

idiomatização. Mas como esse limite se daria em casos como *comprometer*, em que se observa sobreposições com prefixos diferentes?

Somadas essas questões, observa-se que tal temática favorece debates proveitosos capazes de contribuir para o estudo de formação de palavras complexas no PB. E devido à adoção da concepção de que a sintaxe opera desde constituintes maiores até o interior da palavra, surgem dois modelos interessantes para essa análise: a Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993; Marantz, 1997; Embick e Noyer, 2007; entre outros) e a Exoesqueletal – XS – (Borer, 2003, 2004, 2005a, 2005b, etc). Mas será que as abordagens comportam-se da mesma forma em relação aos dados empíricos? Ou uma delas apresentará uma melhor adequação a tais dados?

Outro aspecto trazido pelo tema é sobre como se daria a computação morfológica do falante em casos de palavras complexas com mais de uma camada de prefixação em que não há composicionalidade. Há uma harmonia entre o que é proposto em análises teóricas e análises experimentais? O presente trabalho busca responder (ou pelo menos trazer reflexões) acerca desses pontos, o que demonstra o quanto o enfoque em palavras complexas prefixadas pode resultar em inúmeras discussões.

1.2 Objetivos e Hipóteses

Este estudo tem como objetivo geral contribuir para os debates acerca do processo de idiomatização em palavras complexas prefixadas do português brasileiro, por intermédio de uma análise teórica da linguística formal, que parte de uma revisão de literatura envolvendo modelos distintos de Gramática Gerativa a fim de traçar um caminho para uma investigação própria dos fenômenos destacados.

Nesse sentido, busca-se explorar dados do português com múltiplas camadas de prefixação, de modo a (i) identificar se existe algum limite para a idiomatização e para a recursividade em palavras complexas do PB; (ii) estabelecer como se dá a interface sintaxe-semântica em modelos que possuem perspectivas distintas no que concerne à concepção de raiz e sua contribuição na idiomatidade; (iii) comparar os modelos de gramática da Morfologia Distribuída e da Exoesqueletal, visando avaliar qual das vertentes possui maior adequação aos dados empíricos; e (iv) entender até que ponto análises teóricas e experimentais estão em conformidade.

Com base nos objetivos apresentados, sustenta-se a hipótese de que o limite para as idiomatidades em palavras prefixadas com prefixos distintos não é o mesmo proposto para

os prefixos iguais adicionados novamente à estrutura, o que leva à proposta de que a adição de um mesmo prefixo é um limite para significados especiais, mesmo a recursividade sendo potencialmente ilimitada. Além disso, com base nessa hipótese, surge outro ponto de destaque para a pesquisa: o modelo da Exoesqueletal apresenta uma proposta mais isomórfica entre morfofonologia e significado para lidar com os dados selecionados no que diz respeito a uma análise teórica abstrata.

1.3 Metodologia

A metodologia desta pesquisa pode ser dividida em quatro partes fundamentais: revisão de literatura, coleta de dados, análise teórica e análise experimental. O primeiro passo adotado foi o de resgatar trabalhos que traziam uma abordagem da temática, sejam eles das mesmas vertentes teóricas assumidas ou não. Para isso, além de textos difundidos e fornecidos no espaço acadêmico da UFRJ, utilizou-se o Google Acadêmico devido à sua facilidade de fornecer publicações diversas sobre o tema por meio de poucas palavras-chave.

O segundo passo trilhado corresponde ao da coleta de dados. Esta foi feita por meio de trabalhos compilados, introspecção linguística, *corpus* online e dicionários etimológicos. Alguns trabalhos como o de Medeiros (2012, 2016), Pederneira (2010) e Alves (2023) serviram de base para a seleção de palavras prefixadas com prefixos iguais e de palavras com idiomatização na primeira camada, bem como forneceram famílias de palavras que levaram aos dados levantados de palavras prefixadas com idiomatização para além da primeira inserção do prefixo.

Em relação ao processo de introspecção, este é bem-vindo na teoria de Gramática Gerativa, visto que o falante, como nativo de sua língua, consegue identificar dados gramaticais e agramaticais. Logo, a intuição do pesquisador acerca dos dados proporcionou a identificação de significados idiomáticos como também a elaboração de sentenças capazes de comportar determinados significados.

Ainda na coleta de dados, as ferramentas online *Corpus do Português* e o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* facilitaram a seleção de alguns contextos dos verbos, e o segundo auxiliou na identificação da etimologia das palavras para saber se os vocábulos compartilhavam ou não raízes, o que era primordial para sua seleção.

O terceiro passo metodológico consistia na análise dos dados, a qual foi motivada por estudos teóricos dentro da Gramática Gerativa, sobretudo ligados aos modelos construcionistas. Esses estudos suscitaram as observações e afirmações feitas nesta pesquisa,

principalmente por fornecer ferramentas capazes de lidar com processos de formação de palavras complexas, categorização de raízes e atribuição de significado.

Finalmente, o último passo da metodologia corresponde a uma análise experimental, a qual envolveu o paradigma de *Priming* encoberto com Decisão Lexical. Nesse experimento, dados coletados para a análise teórica foram utilizados em sua forma complexa participial como *prime* (ex: comprometido) e em sua forma verbal ou nominal enquanto palavra simples como alvo (ex: METER). Os vocábulos utilizados continham a mesma quantidade de sílabas (5), o que resultou no descarte de algumas amostras (como foi o caso do vocábulo indisposto). Após o preparo do experimento, os resultados foram estatisticamente analisados.

1.4 Organização da dissertação

A fim de manter um debate linear e coeso, esta dissertação foi dividida em sete capítulos. O primeiro capítulo contém as questões introdutórias que nortearam esse estudo, bem como os objetivos gerais e específicos, a hipótese assumida e a metodologia adotada para a coleta e análise dos dados.

O segundo capítulo abarca toda a fundamentação teórica, explicando características gerais da Gramática Gerativa, com foco na propriedade recursiva da língua, e as abordagens que dela derivaram. Explorou-se o porquê de não adotar o modelo lexicalista e os aspectos centrais das vertentes construcionistas da MD e da XS. Os modelos apresentados possuem divergência e semelhanças, os quais motivaram a escolha de uma análise comparativa entre ambos. As seções do capítulo, portanto, deram enfoque às propostas acerca da categorização de raízes e de negociação de significado e suas repercussões para as idiomatizações.

Em seguida, o terceiro capítulo envolve a elucidação do fenômeno da prefixação ao apresentar essas partículas no português e percorrer os debates sobre sua definição. Buscou-se, neste capítulo, evidenciar como o estudo envolvendo a prefixação apresenta um vasto campo de análise e muitas lacunas que ainda precisam ser exploradas. A partir dessa trajetória, foi delimitado, de maneira geral, o que este trabalho entende como prefixo.

O quarto capítulo é o pontapé inicial do debate central desta pesquisa. Essa parte consistiu na revisão das literaturas que motivaram as perguntas norteadoras da dissertação. Mostrou-se, dessa forma, análises sobre os prefixos *des-* e *re-*, principalmente este último, e como tais análises proporcionaram um debate sobre recursividade em camadas prefixais e suas relações com o significado da palavra.

Após explorar os caminhos que levaram às principais questões aqui abordadas, o quinto capítulo focaliza a análise das palavras complexas prefixadas e os possíveis limites para a idiomaticidade. Primeiramente, foram fornecidos os significados e as origens dos vocábulos selecionados para, em seguida, explorá-los de acordo com os pressupostos dos modelos construcionistas adotados. Como resultado, um deles mostrou uma maior isomorfia entre a morfofonologia e o significado.

O sexto capítulo, ao abordar a relação entre previsões teóricas e ferramentas experimentais, trouxe um desenho de um experimento piloto com a técnica de *Priming* encoberto com Decisão Lexical, o qual apresentou algumas características que fornecem as primeiras pistas para responder algumas das questões teóricas.

Por fim, o sétimo capítulo consiste nas considerações finais, que retomou a hipótese levantada e como foi seu desdobramento. Ainda, vislumbrou-se alguns passos futuros da pesquisa envolvendo outros campos, como o da sufixação, o da estrutura argumental e o da área experimental, bem como mostrou-se as contribuições da pesquisa aos modelos teóricos.

CAPÍTULO 2 : FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Pressupostos da Gramática Gerativa: criatividade e recursividade

Contrariando as concepções sustentadas pelas teorias behavioristas (Skinner, 1953) e construtivistas (Piaget, 1959) de que o preenchimento da mente era feito do exterior para o interior, ao estipular a linguagem como uma convenção estabelecida socialmente, o linguista Noam Chomsky inicia uma revolução cognitiva ao postular a capacidade da linguagem como uma dotação genética intrínseca e estrita aos humanos, corroborando a Hipótese Inatista. A teoria da Gramática Gerativa (Chomsky, 1957; Chomsky, 1965 etc) intitula essa aptidão genética de *Faculdade da Linguagem*, em que os indivíduos terão de ser submetido ao *input* desde criança para que haja a aquisição de sistemas particulares de uma língua natural.

No gerativismo, propõe-se, portanto, que a mente seja modular, sendo materializada em módulos mentais incumbidos por diferentes aspectos da gramática. Com a designação de um módulo específico para a linguagem, a Gramática Universal (GU), componente inato que constitui esse módulo, é o estágio inicial para o desenvolvimento da gramática na mente do falante, possibilitando a aquisição de línguas, e é onde os princípios e os parâmetros estão estabelecidos.

Conforme a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), os princípios são universais, ou seja, leis gerais válidas a todas as línguas, enquanto os parâmetros são particulares de cada língua e são instaurados de acordo com as experiências linguísticas dos sujeitos (Kenedy, 2013, p.91). Uma sentença que viola um princípio não é tolerada em nenhuma língua natural, ao passo que uma sentença que não atende uma propriedade paramétrica pode ser gramatical em uma língua e ser agramatical em outra.

Com a fixação dos parâmetros particulares feitos até o período crítico de aquisição da linguagem, a criança internaliza a gramática de sua língua (Língua-I). Vale frisar que os estudos da Gramática Gerativa são voltados para a Língua-I por se tratar do conhecimento internalizado, e muitas vezes inconsciente, na mente falante, e não para a Língua- E, que seria a língua externa ao indivíduo e que é compartilhada por uma comunidade linguística.

Essa teoria também possui aparatos para lidar com a criatividade linguística, uma vez que os falantes de uma língua têm a capacidade de criar sentenças infinitas por meio de recursos finitos, bem como de compreendê-las sem que tenham tido contato com tal estrutura anteriormente. Com relação a essa infinitude, pode-se observar as operações matemáticas, em

que é possível contar os números infinitamente, mesmo que haja limitação por outros fatores, como a memória, por exemplo, ou até mesmo a finitude da vida. Além disso, é viável não apenas contabilizar os numerais como também efetuar operações ilimitadas, tal qual em (1)

(1) $S(\text{oma}) = n(\text{úmero}) + 1 \dots$

$S = 1 + 1$

$S = 1 + 1 + 1 + 1 + 1 \dots$

A esse conceito de encaixe dá-se o nome de *recursividade*, fenômeno fundamental para o entendimento desta pesquisa. Assim, “uma estrutura é recursiva se ela é formada pela aplicação de uma dada operação ao produto de outra aplicação daquela mesma operação (ou, alternativamente, se ela contém em si uma subestrutura com as mesmas propriedades relevantes do todo)” (Guimarães, 2017, p. 130). Tal fenômeno também pode ser contemplado na sintaxe de uma língua natural, como o português, como exemplificado abaixo.

(2) a. [^SAnita mentiu].

b. [^SKaren provou [^Sque Anita mentiu]].

c. [^SJanice disse [^Sque Karen provou [^Sque Anita mentiu]]].

d. [^SCassie sabe [^Sque Janice disse [^Sque Karen provou [^Sque Anita mentiu]]]].

(Guimarães, 2017, p.132)

(3) a. Eu vi [^{SN}a professora].

b. Eu vi [^{SN}a amiga [^{SP}d[^{SN}a professora]]].

c. Eu vi [^{SN}a prima [^{SP}d[^{SN}a amiga [^{SP}d[^{SN}a professora]]]]].

d. Eu vi [^{SN}a mãe [^{SP}d[^{SN}a prima [^{SP}d[^{SN}a amiga [^{SP}d[^{SN}a professora]]]]]]].

(Guimarães, 2017, p. 133)

Em (2), nota-se a existência de uma recursividade sentencial, em que uma sentença é encaixada na posição de objeto direto de outra. No entanto, esse não é o único tipo de recursividade encontrada, já que em (3) o mesmo processo ocorre envolvendo sintagmas, no qual os SNs são inseridos em outros SNs e o mesmo ocorre entre os SPs. Há também a

possibilidade de considerar essa intercalação entre SNs e SPs uma recursão¹, já que se observa uma operação de encaixamento entre eles.

Por meio desses exemplos, vê-se que, teoricamente, a recursividade configura um processo infinito, porém alguns obstáculos, tal como a memória, impedem que ele se perpetue infinitamente. As concepções de *competência* e *desempenho* ajudam a explicar o ponto da infinitude, pois a competência é a capacidade humana de produção e compreensão das estruturas da língua (isto é, a Língua-I), o que significa que os indivíduos possuem aptidão para gerar a recursão infinitamente. Entretanto, o desempenho, que consiste no uso concreto dessa competência, dificulta esse processo. Observa-se, então, como esse fenômeno demonstra a concepção da modularidade da mente ao evidenciar a interface entre a linguagem e a memória, por exemplo.

Por último, destaca-se que a recursividade não se restringe apenas a sintagmas e sentenças. Será defendido, neste trabalho, que a recursão é um processo que pode ser visto também na formação de palavras complexas através de mecanismos sintáticos, o que implica a adoção de modelos construcionistas de Gramática Gerativa, os quais postulam que a sintaxe atua também no interior das palavras, opondo-se a algumas perspectivas lexicalistas. Ademais, no que diz respeito ao Lexicalismo, surge um questionamento sobre como o processo recursivo ocorreria no léxico. Há algum limite? Somado a isso, tendo em vista que a recursividade possibilitaria a concatenação de novos morfemas funcionais a uma estrutura base, como o léxico daria conta de novas idiomatizações?

2.2 O modelo Lexicalista de Gramática Gerativa

A teoria Gerativa proporcionou debates variados responsáveis por originar muitos ramos. A partir dessa abordagem, surgem os modelos de gramática intitulados Lexicalismo (Chomsky, 1995; Jackendoff, 1992; Levin, 1999 etc) e Construcionismo (Halle; Marantz, 1993; Marantz, 1997; Borer, 2003, 2005a, 2005b; Harley, 2014 etc), que divergem acerca da atuação do domínio sintático.

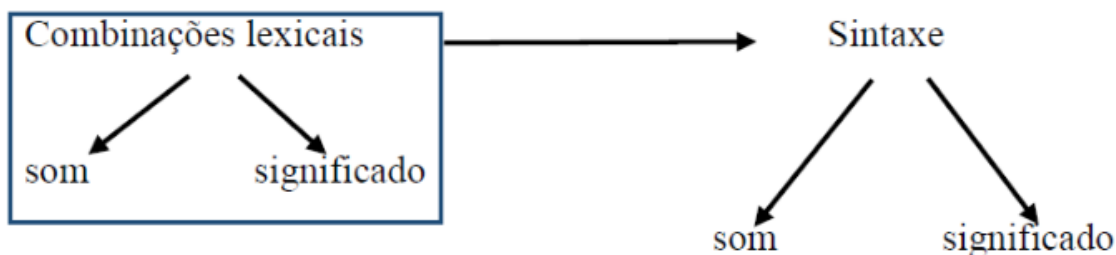
A vertente lexicalista concebe que as palavras são criadas no léxico via processos distintos dos processos sintáticos². Assim sendo, o léxico é o componente responsável por

¹ Pinker e Jackendoff (2005), devido a uma utilização do conceito de recursividade pré-minimalista, defendem que esse processo só pode ocorrer entre constituintes de mesma categoria: “Recursion consists of embedding a constituent in a constituent of the same type, for example a relative clause inside a relative clause”.

² É válido destacar que essa concepção se restringe a uma parte dos estudos dessa teoria, uma vez que algumas vertentes atuais do Lexicalismo defendem a sintaxe até o interior das palavras. Na defesa desta dissertação, essa questão foi apontada e foi mencionado que alguns autores lexicalistas defendem a sintaxe nas palavras, mas

estabelecer parte da fonologia e da correlação entre estrutura e significado, à medida que a sintaxe deriva outros aspectos fonológicos e de conexões entre estrutura e semântica (Marantz, 1997). O léxico, então, abastece as operações sintáticas por atuar como uma unidade independente e como um átomo repositório da sintaxe.

Figura 3: Arquitetura da Gramática do Lexicalismo



Fonte: Scher, Bassani e Minussi (2013) - (adaptado de Marantz, 1997, p. 202)

Além disso, Jackendoff defende que o léxico é o local que abarca as expressões idiomáticas (Jackendoff, 1992). Tal postulação gera debates até hoje e, nesta pesquisa, busca-se entender como tal vertente lida com palavras complexas idiomáticas e suas potencialidades para recursão infinita. Dito isso, a seção seguinte pretende observar o comportamento desses fenômenos em abordagens lexicalistas e argumentar a favor de uma unificação da estrutura da gramática na Sintaxe Gerativa.

2.2.1 A recursividade e a idiomatidade no Léxico

Como observado na seção anterior, as abordagens lexicalistas argumentam a favor de uma separação entre o local responsável por gerar palavras (Léxico) e o local que forma sintagmas e sentenças (Sintaxe). Os itens lexicais estariam alocados no Léxico e sairiam desse módulo com todos os traços gramaticais já estipulados. Esses itens seriam escolhidos por meio da operação *select* e estariam disponíveis para serem manipulados pelos mecanismos sintáticos na formação de sintagmas e sentenças, servindo apenas como matéria-prima da sintaxe e não tendo suas propriedades internas manipuladas.

Defende-se, neste trabalho, que o modelo lexicalista não se apresenta como a melhor proposta para lidar com as irregularidades semânticas, tais como as vistas em formações de

argumentam que não ocorre recursividade no Léxico. Tendo isso em vista, a análise mantida abarca apenas a perspectiva mais “clássica” do modelo e, posteriormente, as novas visões serão incluídas em trabalhos futuros.

palavras com caráter polissêmico ou idiomático. Tal posição será adotada tendo em vista que alguns estudos dessa abordagem consideram que os significados especiais são inerentes aos itens lexicais e possuem seus significados alocados desde o Léxico. Jackendoff (1992), por exemplo, amplia essa visão ao destinar as expressões idiomáticas também a esse componente. Um exemplo pode ser visto com o vocábulo *acometer*. Em termos morfológicos, pode-se considerar que os vocábulos polissêmicos *meter* e *cometer* encontram-se em *acometer*. Esses verbos, além de idiomáticos, também possuem polissemia. Sendo assim, em sua listagem no Léxico, seriam encontradas algumas das seguintes entradas:

Quadro 1: Listagem da palavra *acometer* no Léxico

meter ₁ - introduzir	cometer ₁ - executar	acometer ₁ - manifestar-se fisicamente ou emocionalmente
meter ₂ - copular	cometer ₂ - atacar	meter o nariz (em) ₂ - intrometer-se
meter ₃ - inserir	meter o pé na jaca ₁ - passar do ponto na bebida	

Fonte: Elaboração própria

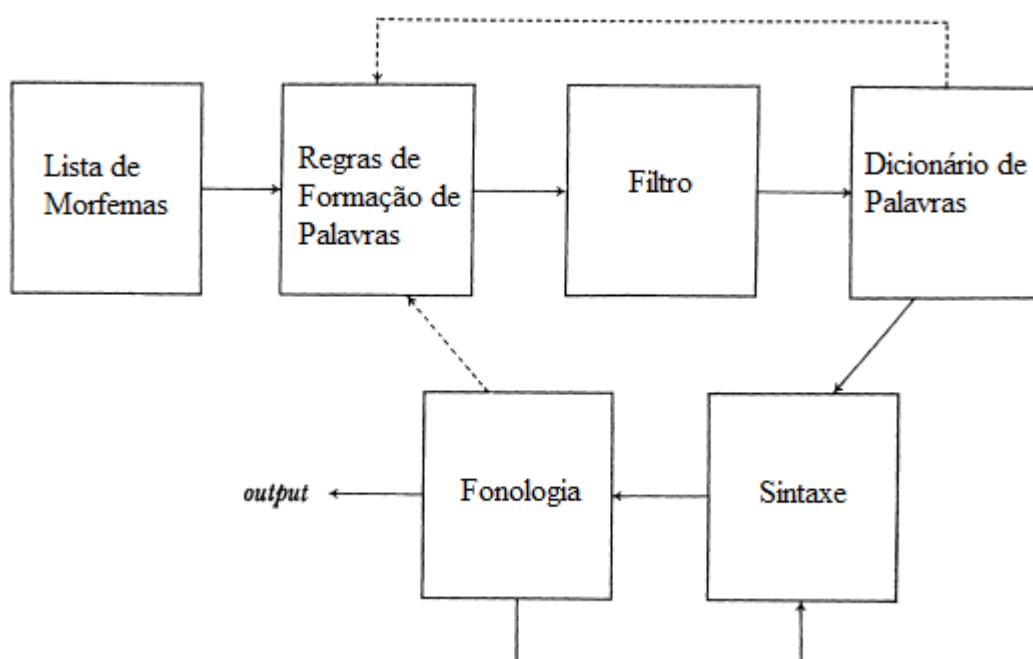
O quadro acima mostra que um único vocábulo derivado e semanticamente irregular necessitaria de múltiplas entradas estabelecidas no Léxico para lidar com seus significados diversos. Isso quer dizer que o verbo *meter*, por exemplo, será interpretado como pelo menos três itens lexicais diferentes e, ainda, teria os seus significados especiais de expressões idiomáticas listados. Agora, ao imaginar o mesmo processo ocorrendo nas inúmeras palavras existentes de uma língua, é coerente pensar que esse excesso de informação oneraria o sistema computacional do falante. Por isso, adota-se a perspectiva de *Decomposição Plena* proposta por Embick (2015), a qual argumenta que a memória não tem objetos complexos armazenados, estes precisam ser derivados pela gramática.

Além disso, a derivação vista entre os vocábulos apresentados no quadro 1 também é um exemplo de um fenômeno recursivo, visto que houve mais de uma concatenação de morfemas funcionais, nesse caso o prefixo, para a formação da palavra complexa. Isso leva ao questionamento de como a recursividade, processo potencialmente infinito, é visto nessa abordagem. Se for considerada a proposta de entradas lexicais demonstrada acima, o processo de recursividade em termos idiomáticos não seria examinado como um processo de encaixe morfossintático, uma vez que todas as propriedades dos vocábulos já estariam estabelecidas

no Léxico. No entanto, outros estudiosos compreendem a existência de um componente morfológico previamente à sintaxe.

Halle (1973), por exemplo, propôs a existência de um componente morfológico autônomo, o qual atuaria pré-sintaticamente e teria acesso à estrutura interna da palavra, o que possibilitaria uma organização dos constituintes das palavras hierarquicamente, ou seja, a estrutura interna obedeceria a ordem de concatenação daquela língua, sabendo que, no português, o correto seria *a-co-meter*, e não **co-a-meter*. A representação imagética desse modelo pode ser vista na figura 4:

Figura 4: Componente Morfológico no Lexicalismo



Fonte: Adaptado de Halle (1973)

Esse modelo tem o morfema como unidade básica do léxico, e Halle (1973) explica sua proposta da seguinte forma:

A lista de morfemas e as regras de formação de palavras, juntas, definem as palavras potenciais da língua. O conjunto de palavras reais é obtido ao aplicar a essas palavras as modificações indicadas no filtro. Pode-se pensar na morfologia, então, como produzindo uma longa lista de palavras; é essa lista que é designada pelo termo dicionário. Gostaria de propor ainda que as transformações de inserção lexical sejam pensadas como a seleção de itens do dicionário e a inserção desses

itens nos slots apropriados em estruturas que representam a estrutura constitutiva subjacente de sentenças específicas. (Halle, 1973, p. 8-9, tradução própria)³

Essa não é a única abordagem que propõe a utilização dos mecanismos morfológicos internamente à palavra no modelo lexicalista. Lieber (1992), por exemplo, também aborda o processo de formação de palavras adotando o morfema como unidade básica. A perspectiva da autora também possibilitaria concatenações de partículas. A autora define que os vocábulos são formados no Léxico e encaminhados para a sintaxe. Tais noções aqui expostas possibilitariam o fenômeno da recursividade, devido às ferramentas manipuladas pela morfologia, e seriam formas de análise mais compatíveis com os desajustes semânticos do que a apresentada no início da seção.

No entanto, por mais que as propostas lexicalistas viabilizam uma forma de investigação para estes fenômenos, o argumento utilizado por Scher, Bassani e Minussi (2013), de que a propriedade estabelecida para a morfologia também se encontra na sintaxe, será adotado aqui, não havendo a necessidade de postular dois locais diferentes para a formação de palavras. Dessa forma, devido aos seus mecanismos de estruturação de constituintes maiores, como sintagmas e sentenças, entende-se que a sintaxe também pode atuar na formação de palavras utilizando as mesmas operações em constituintes menores.

Assume-se, portanto, que a sintaxe é o único módulo gerativo, tal qual fazem os modelos construcionistas de Gramática Gerativa a serem trabalhados nessa pesquisa. Com isso, as próximas seções trarão as definições dessas vertentes teóricas. Busca-se, ao fim desta dissertação, compreender como cada modelo contribui para o entendimento da formação de palavras complexas idiomáticas no PB.

2.3 Modelos Construcionistas de Gramática Gerativa

Contrariamente à perspectiva lexicalista, os modelos construcionistas de Gramática Gerativa lidarão com a formação sintática e suas interfaces de modo distinto, o que ocasionará uma mudança na arquitetura da gramática. Os dois modelos construcionistas adotados nesta dissertação, Morfologia Distribuída e Exoesqueletal, assumem que tanto a

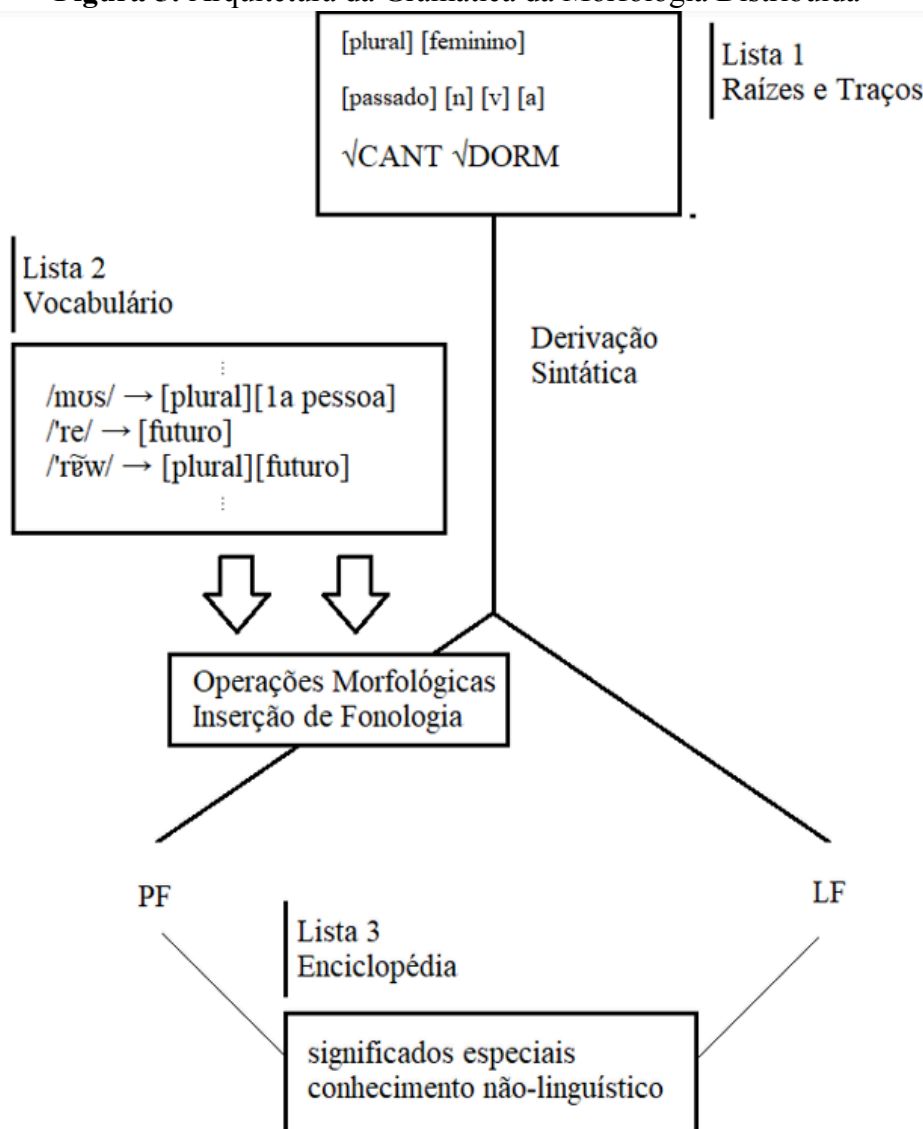
³ No original: The list of morphemes and the rules of word formation together define the potential words of the language. The set of actual words is obtained by applying to the latter the modifications indicated in the filter. One can think of the morphology, then, as producing a long list of words; it is this list that is designated by the term dictionary. I should like to propose further that the lexical insertion transformations be thought of as selecting items from the dictionary and as entering these in appropriate slots in structures representing the underlying constituent structure of particular sentences (Halle, 1973, p. 8-9)

formação de palavras quanto a de sentenças são produzidas por aparatos sintáticos e, consequentemente, haveria uma precedência da sintaxe sobre a semântica.

Entretanto, as duas abordagens construcionistas selecionadas apresentam divergência em alguns pontos. Por isso, as próximas seções apresentarão as propriedades básicas dos modelos ao evidenciar aspectos como suas arquiteturas de gramáticas, a maneira de lidar com as raízes e suas categorizações, bem como as propostas acerca da idiomaticidade. Entender tais pontos será fundamental para a compreensão do objeto de análise desse estudo: palavras complexas idiomáticas prefixadas no português.

2.3.1 Morfologia Distribuída

A partir de uma relação mais transparente entre a morfologia e a sintaxe, na Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993; Marantz, 1997; Embick & Noyer, 2007; etc.), as palavras e as sentenças são geradas por meio do mesmo componente gerativo: a sintaxe. Sendo assim, na MD, o léxico é explodido e substituído por três listas distribuídas, as quais são acessadas ao longo da derivação. A figura 5 demonstra essa modificação na arquitetura da gramática.

Figura 5: Arquitetura da Gramática da Morfologia Distribuída

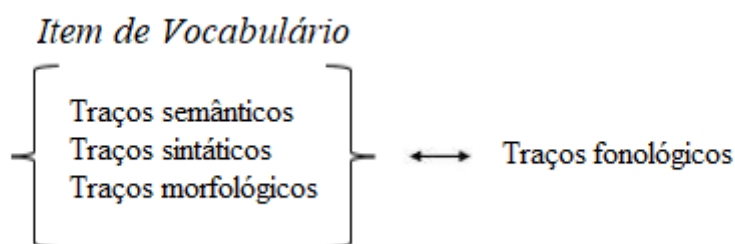
Fonte: Manual de Morfologia Distribuída (2023)

A Lista 1, conhecida como lista dos traços abstratos, é onde estão alocadas unidades que serão operadas pela sintaxe, isto é, os morfemas abstratos, que podem ser divididos em traços funcionais abstratos e raízes. A Gramática Universal, ao propiciar feixes de traços sintático-semânticos aos morfemas abstratos, tais como: [±passado], [± plural], [±definido], [±feminino] etc, determina essa lista. Outro fator importante é o fato desses itens serem integrados somente por traços sintáticos, semânticos e morfológicos, ao passo que não possuem informação fonológica. As raízes também são listadas na Lista 1 e há um consenso entre modelos construcionistas de gramática gerativa de que as noções de “palavra” e “raiz” não se confundem. Além disso, de acordo com Marantz (1997), ela pode ser considerada a

mais próxima ao Léxico proposto nos modelos lexicalistas, posto que essa lista contém as unidades que serão operadas pela sintaxe.

A segunda lista (Lista 2), lista dos Itens de Vocabulário, provém as formas fonológicas para os nós terminais sintáticos, ou seja, as categorias sintáticas são puramente abstratas, uma vez que o conteúdo fonológico é fornecido, por fases, tardiamente após todas as operações sintáticas e morfológicas já terem sido realizadas (*Late Insertion*). Na MD, as conexões entre os traços são efetuadas por intermédio de unidades ou átomos, evidenciados na figura 6, e “vale ressaltar que no processo de Inserção de Vocabulário (VI) os traços sintáticos, semânticos e morfológicos apresentados à esquerda funcionam como índices que identificam o Item cujos traços fonológicos estão inseridos no nó terminal apropriado”⁴ (Halle; Marantz, 1994, p. 276). A inserção das peças vocabulares será feita em posição prevista por um morfema apenas se seus traços forem completamente ou parcialmente compatíveis, isto é, os itens podem ser *subespecificados*.

Figura 6: Unidade Básica da Morfologia na Morfologia Distribuída



Fonte: Adaptado de Halle e Marantz (1994, p. 275)

Por último, a Lista 3, intitulada Enciclopédia, contém entradas enciclopédicas que serão responsáveis pela correlação entre os Itens de Vocabulário de uma língua com o seu significado (Scher et al., 2013). A Enciclopédia é o local na derivação em que, após a primeira concatenação da raiz a uma peça categorizadora, a relação arbitrária entre forma e significado é constituída. Se houver recategorizações desta primeira palavra, o significado convencionado na Enciclopédia passa por alterações composicionais de significado, sendo, portanto, uma cálculo, e não uma nova convenção. Além disso, é a Lista 3 que proporciona os significados especiais de raízes particulares de uma língua, levando em consideração seu

⁴ No original: It is worth noting that in the process of Vocabulary Insertion (VI) the syntactic, semantic and morphological features shown on the left function as indices that identify the Item whose phonological features are inserted into the appropriate terminal node (Halle; Marantz, 1994).

contexto sintático. Observa-se, então, que o conteúdo enciclopédico é definido especificamente por cada língua.

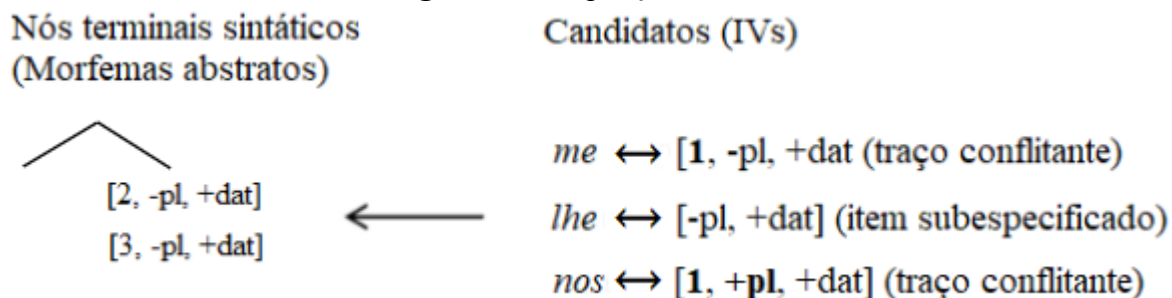
Por exemplo, se sabemos que a sequência fonológica que realiza *cachorr-* pode denotar um animal mamífero carnívoro domesticado, bem como pode denotar uma ofensa em determinados contextos (*O ex-namorado dela era um cachorro*) trata-se de conhecimento idiossincrático e arbitrário (pelo menos na primeira denotação). Além disso, esse conhecimento é particular, pois em outras línguas esse primeiro significado estará associado a outras sequências fonológicas: *chien* (francês), *dog* (inglês), *perro* (espanhol), *hund* (dinamarquês), *madra* (irlandês), etc. (Scher et al., 2013, p. 26)

Além disso, a Morfologia Distribuída apresenta semelhança com outros modelos que seguem a vertente teórica construcionista, mas a MD possui três propriedades básicas, evidenciadas por Halle e Marantz em 1994, no artigo *Some Key Features of Distributed Morphology*, que a fazem divergir de outras abordagens: a *Inserção Tardia*, a *Subespecificação* e a *Estrutura Sintática Hierarquizada All the way down*.

A *Inserção Tardia (Late Insertion)*⁵ difere das teorias lexicalistas, as quais defendem que os itens já entram com conteúdo fonológico no sistema computacional. Na MD, os nós terminais carecem de todos os traços fonológicos, que só serão inseridos após a sintaxe pelos Itens de Vocabulário, armazenados na Lista 2, no processo de *Spell-out*.

A *Subespecificação*, outra propriedade da MD, é denominada dessa forma visto que não há necessidade das expressões fonológicas possuírem os traços totalmente especificados para sua inserção nos nós terminais sintáticos. Se por alguma razão houver discrepância entre o item vocabular e o morfema, a inserção lexical não acontecerá. Os itens, portanto, entram em uma competição para serem inseridos no nó terminal e aquele com traços mais especificado para esse nó será o vencedor da disputa. Um exemplo de subespecificação pode ser visto com o IV *lhe*, que não é especificado para pessoa e pode realizar mais de uma posição sintática devido ao conjunto de traços que carrega.

⁵ Segundo Halle e Marantz (1994), a *Inserção Tardia* contrapõe-se com a “*Inserção Precoce*” (Early Insertion), estabelecida por outras teorias. Neste processo, “as Entradas Lexicais são combinadas (por exemplo, no Léxico) e contribuem com seus traços para os traços das palavras, que então se combinam na sintaxe. Em tais teorias, os traços sintáticos/semânticos dos nós terminais são aqueles das Entradas Lexicais; nós terminais não têm traços independentes dos Itens Lexicais”. (Halle e Marantz, 1994, p. 276, tradução própria)

Figura 7: Competição dos IVs

Fonte: Scher et al. (2013)

Por fim, a *Estrutura Sintática Hierarquizada All the way down* é a propriedade que se refere à organização dos nós terminais, nos quais os IVs são alocados, em estruturas hierárquicas estipuladas pelos princípios e operações sintáticas (Halle; Marantz, 1994). Isso significa que as operações sintáticas concatenar (*merge*), copiar (*copy*) e mover (*move*) são utilizadas não apenas na criação de sintagmas e sentenças mas também no sistema computacional responsável pela formação de palavras.

2.3.2 Palavras complexas e a categorização de raízes na MD

O processo de formação de palavras complexas, no português brasileiro, possui um vasto campo de análise, o qual é explorado por pesquisadores de vertentes distintas da Linguística. Esse fenômeno envolve tanto aspectos morfossintáticos quanto possibilita estabelecer uma interface entre a sintaxe e a semântica. Quanto a como se dá sua ocorrência, em modelos construcionistas de Gramática Gerativa, como é o caso da Morfologia Distribuída, é considerado que a sintaxe concatena *morfemas abstratos*, e não palavras. Nesse modelo, as raízes são livres de categoria sintática, o que indica que a palavra não é o átomo da sintaxe. Contudo, os próprios autores dessa abordagem teórica diferem acerca da categorização de raízes. Assim, essa seção tem o foco de compreender o processo de atribuição categorial das raízes, pois seu papel é crucial para o entendimento de como ocorrem as idiomatizações.

2.3.2.1 Assunção de categorização

Embick e Marantz (2008), fundamentados na MD, apresentam o conceito de Assunção de Categorização (*Categorization Assumption*), que defende que, sem serem

categorizada nos processos de concatenação com núcleos que definem categoria, as raízes não podem ser interpretadas ou pronunciadas, isto é, as raízes não possuem categoria sintática própria. Logo, as palavras são formadas a partir do *merge* entre a raiz e um morfema categorizador — nominalizador (*n*), verbalizador (*v*) ou adjetivador (*a*) —, que pode ou não ser nulo. Essa operação é essencial do ponto de vista semântico porque os significados arbitrários são atribuídos.

Como foi visto, o processo de adjunção é recursivo, o que significa que novos *merges* categorizadores podem ocorrer. Com as novas concatenações, os significados armazenados na Enciclopédia podem sofrer tanto alterações regulares, estabelecidas por uma composição de significados calculados de forma previsível, não sendo uma nova convenção, quanto alterações irregulares, originando palavras idiomáticas.

Com relação ao primeiro caso, o de significados regulares, é válido destacar o *Princípio da Composicionalidade*, de Gottlob Frege, que atesta que uma expressão complexa tem seu significado convencionado por meio da combinação sintática do significado de suas partes (Nóbrega *apud* Partee, 1984, p.281). O quadro 2 expressa essa ideia ao trazer palavras complexas com múltiplas camadas e, em todas elas, o significado atribuído é um cálculo entre suas partes.

Quadro 2: Formação de palavras complexas composicionais

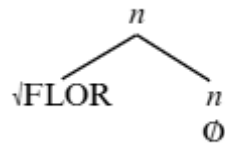
globo ((((glob)Ø)al)iza)ção)	mole ((a(molØ)) ecer)	explicar ((in)(((explic)á)vel)))
nação ((((nac)ion)al)iza)ção)	grande ((en(grandØ))ecer)	pagar (((pag)á)vel)
espécie (((especiØ)al)iza)ção)	louco ((en(louquØ))ecer)	admirar (((admir)á)vel)

Fonte: Pederneira e Lemle (2009)

Vê-se o exemplo do vocábulo *nacionalização*, em que o nome *nação* possibilita as derivações do adjetivo *nacional* (pertencer a uma nação), do verbo *nacionalizar* (tornar-se nacional) e do nome *nacionalização* (efeito de se nacionalizar), e todas as camadas apresentam uma composicionalidade de significado. O quadro acima também demonstra a existência de categorizadores nulos, ou seja, aqueles que não são expressados fonologicamente. Além disso, uma mesma base (ou raiz em alguns casos) pode ser usada para

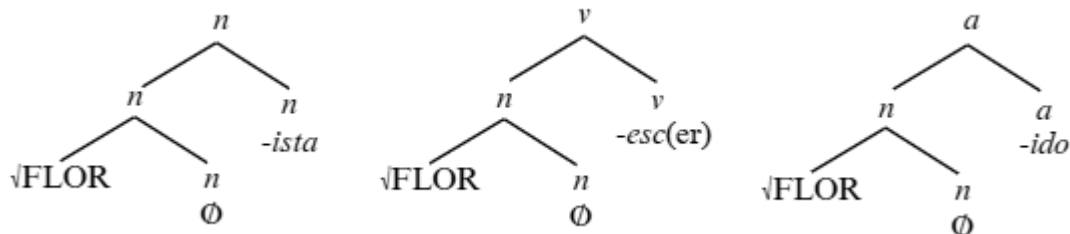
formar categorias distintas. Os dois casos descritos aqui podem ser observados nas árvores das figuras 8 e 9, respectivamente:

Figura 8: Árvore sintática do nome *flor*



Fonte: Elaboração própria

Figura 9: Nome, verbo e adjetivo derivados de *flor*



Fonte: Elaboração própria

A questão da categorização de raízes expande a discussão para o que são esses itens. Com base em estudos sobre o tópico na MD, vê-se que a definição de raiz apresenta heterogeneidade acerca de suas características semânticas e fonológicas⁶. Arad (2003, 2005) defende a subespecificação da semântica nas raízes. Um exemplo pode ser visto com a raiz $\sqrt{\text{RGŠ}}$, em que a autora defende que os significados adquiridos após as operações de *merge* entre a raiz e os categorizadores ainda permitem o reconhecimento de um núcleo compartilhado entre as palavras formadas. Os dados abaixo, na visão da autora, demonstram essa percepção ao apresentar os vocábulos que compartilham a raiz $\sqrt{\text{RGŠ}}$, os quais todos expressam atividade mental relacionada à emoção.

(4) $\sqrt{\text{RGŠ}}$

a. CiCeC (v)	<i>rigeš</i>	“excitar”
--------------	--------------	-----------

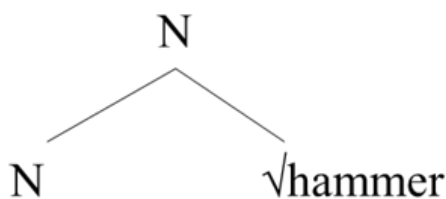
⁶ Esta pesquisa dará mais enfoque ao conteúdo semântico da raiz. No entanto, também não há consenso na MD sobre a existência de fonologia nesses itens. Marantz (1997) e Harley (2014) defendem que a fonologia é inserida tardiamente nas raízes, enquanto Embick (2000, 2015) e Embick e Halle (2005) argumentam que já há uma identidade fonológica antes da derivação sintática.

b. hiCCiC (v)	<i>hirgiš</i>	“sentir”
c. CeCeC (n)	<i>regeš</i>	“sentimento”
d. hitCaCCut (n)	<i>hitragšut</i>	“excitação”
e. CaCiC (adj.)	<i>ragiš</i>	“sensitivo”
f. CaCCan (n)	<i>ragšan</i>	“sentimental”

(Traduzido de Arad, 2005, p. 63)

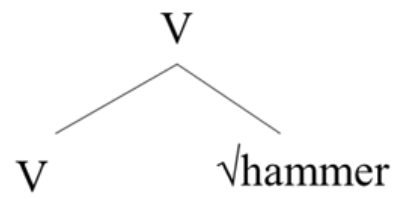
Arad alega que o contexto em que a raiz se encontra define a interpretação de nomes que derivam diretamente dela, opondo-se aos verbos derivados de nomes, já que estes restringem-se ao significado dos nomes de que são originados. Os exemplos do inglês com os verbos *to hammer* (matelar) – formado na primeira concatenação da raiz com o categorizador verbal – e *to tape* (colar com fita adesiva) – derivada do nome *tape* – mostram o ponto da autora ao exibir a diferença de comportamento dos vocábulos. Ao passo que o verbo *to hammer* pode ser utilizado para outros objetos que não seja um martelo (Ex: Martelei o prego com o sapato), o verbo *to tape* só pode ser usado para se referir a uma aplicação que envolva um fita adesiva, o que implica uma diferença nas árvores sintática desses verbos.

Figura 10: Derivação do nome *hammer*



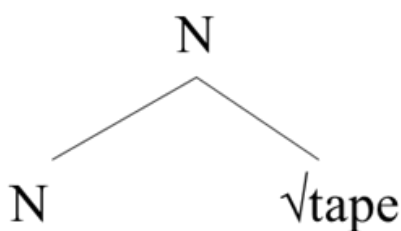
Fonte: Arad (2003, p. 757)

Figura 11: Derivação do verbo *to hammer*



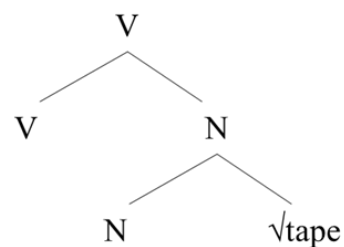
Fonte: Arad (2003, p. 757)

Figura 12: Derivação do nome *tape*



Fonte: Arad (2003, p. 757)

Figura 13: Derivação do verbo *to tape*



Fonte: Arad (2003, p. 757)

Acquaviva (2009) propõe implicações teóricas acerca da hipótese da decomposição lexical, considerando que as raízes são radicalmente subespecificadas. Na perspectiva do autor, as raízes, assim como os morfemas abstratos, também podem ser inseridas tardiamente (*Late Insertion*) e que, portanto, deve-se fazer distinção entre os nós terminais morfossintáticos em que aparecem e a sua exponência morfológica.

O autor, partindo do trabalho de Arad (2003), traz formações relacionadas à raiz, como *to hammer* (martelar) e *hammer* (martelo) ou *to tape* (aplicar fita adesiva) e *tape* (fita adesiva). Para o autor, o tipo semântico se correlaciona com o tipo gramatical. Então, uma vez que as raízes não têm o tipo gramatical, elas também não devem ter o tipo semântico. Ele defende que as unidades mínimas de interpretação são aquelas que definem um tipo semântico, e essas não são raízes, mas substantivos e verbos centrais. Em sua concepção, as raízes são menores, não tendo, portanto, significado por si mesmas, mas sim coocorrem com núcleos de atribuição de categoria para formar entidades gramaticais tipificadas interpretáveis.

De acordo com Acquaviva (2009), previamente à inserção de vocabulário, na representação sintática abstrata, as raízes atuam como “crachás” que definem identidade e diferença. Logo, observa-se que sua função é diferencial, não substantiva, tal como a dos índices 1 e 2 em “*he₁ likes broccoli, but he₂ doesn't*”.

Uma interpretação só surge quando os construtos são montados e se tornam interpretáveis como tipos de entidades, predicados, estados ou atividades. Um nome e um verbo que compartilham a mesma raiz, mas apenas a raiz, compartilharão, por assim dizer, o mesmo crachá de nome, enquanto denotam tipos distintos de referentes, conforme esquematizado em (24a-b)⁷; uma combinação como *to tape* e *tape*, por outro lado, compartilha um domínio maior, composto pela raiz e pelo [n], o que deriva a relação semântica claramente denominal ilustrada em (24c-d)⁸. (Acquaviva, 2009, p. 17)⁹.

⁷ a. [[HAMMER] v]: 'to hammer-do' (action labelled hammer)

b. [[HAMMER] n]: 'a hammer-thing' (kind of entity labelled hammer)

⁸ c. [[[TAPE] n] v]: 'to use a tape-thing' (action on an entity labelled tape)

d. [[TAPE] n]: 'a tape-thing' (kind of entity labelled tape)

⁹ Ver original: “An interpretation only arises when constructs are assembled and become interpretable as kinds of entities, predicates, states, or activities. A noun and a verb that share the same root, but only the root, will share as it were the same name-tag while denoting distinct types of referents, as schematized in (24a-b); a pair like *to tape* and *tape*, on the other hand, shares a larger domain consisting of root and [n], which derives the transparently denominal semantic relationship illustrated in (24c-d)”. (Acquaviva, 2009, p. 17)

Para Harley (2014), as raízes também não apresentam conteúdo semântico. A autora defende que a interpretação semântica da raiz é proporcionada pelo contexto morfossintático em que elas aparecem. Ao retomar o trabalho de Aronoff (2007) com as raízes consonantais do hebraico, Harley (2014) argumenta que estas podem formar palavras que não possuem nenhuma relação semântica, como é o caso da raiz $\sqrt{\text{KB}\text{f}}$, que forma as palavras *kevef* (fruta em conserva), *kviḥ* (estrada pavimentada) e *kivḥan* (forno), as quais possuem significados que não se correlacionam.

A autora, revisitando o trabalho de Aronoff (1976), também destaca os casos de que algumas raízes não possuem significado em determinadas línguas. Harley (2014) usa os dados do inglês de raízes que sozinhas não apresentam nenhuma interpretação possível. Casos semelhantes também aparecem no português, em que vocábulos como *deprimir*, *comprimir*, *oprimir*, bem como *replicar*, *complicar* e *aplicar* advém, respectivamente, das raízes $\sqrt{\text{PRIM}}$ e $\sqrt{\text{PLIC}}$, que só possuem um parentesco etimológico com palavras latinas, mas sincronicamente não possuem significado próprio no PB. Casos das duas línguas podem ser vistos em 5 e 6.

(5) Raízes etimológicas do inglês

- a. -ceive: deceive, receive, conceive, perceive
- b. -here : adhere, inhere
- c. -port: comport, deport, report, import, support
- d. -pose: suppose, depose, compose, repose, propose

(Harley, 2014, p. 240)

(6) Raízes etimológicas do português

- a. $\sqrt{\text{GRED}}$: agredir, progredir, regredir...
- b. $\sqrt{\text{DUZ}}$: introduzir, deduzir, abduzir, conduzir...

(Alves, 2023, p. 42 -43)

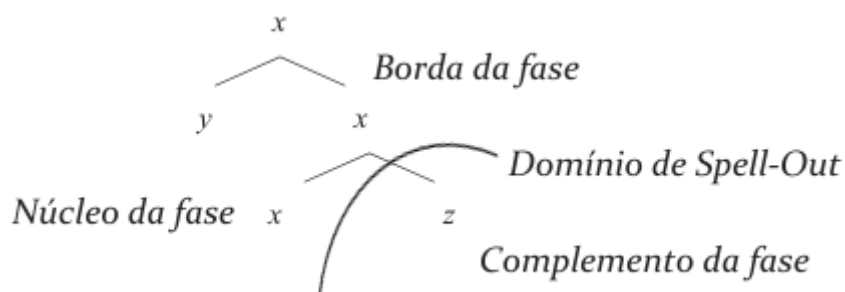
A autora, com isso, constata que as raízes são unidades de computação sintática que não devem ser individualizadas por propriedades semânticas (ou fonológicas). Dessa forma, a atribuição de significado desses itens está estritamente vinculado à sintaxe, que a manipula e fornece seus contextos de uso.

Nesse panorama, entende-se que é fundamental debater sobre o caráter semântico das raízes, pois tal discussão questiona em que ponto sintático há a negociação de significado, o que contribui para uma compreensão sobre como são formadas as palavras complexas idiomáticas. Na próxima subseção, esse ponto da localidade da interpretação arbitrária das palavras, seguindo os pressupostos da MD, será mais discutido com a teoria de fases.

2.3.2.2 As fases e a idiomatização

As fases, formulada por Chomsky (2001) em uma perspectiva lexicalista, são estabelecidas por núcleos sintáticos fixados, e seus complementos, após o processo de adjunção, são enviados às interfaces fonológica e semântica, em um processo de *Spell-out*, pelo núcleo de fase. Em uma representação imagética, Scher *et al.* (2023, p. 345), demonstra o mapa estrutural da fase (figura 14), em que, após os envio para as interfaces, os constituintes que compõem a borda da fase (aqueles que não estão inseridos no complemento, como o núcleo, seus especificadores e os elementos concatenados em uma camada acima do núcleo) continuam atuando na computação sintática.

Figura 14: Mapa estrutural da fase



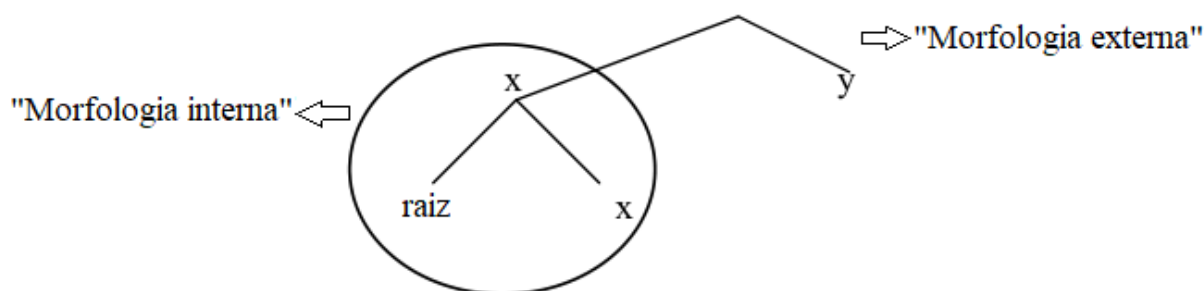
Fonte: Nóbrega (2023, p. 345)

Marantz (2001, 2007), baseando-se na proposta de Chomsky (2001) acerca da existência de uma derivação por fases e reinterpretando-a a partir dos pressupostos da MD, estipula que há fases (ou ciclos) na derivação de palavras complexas, as quais são determinadas pelos categorizadores (α , n , v), o que unificaria a computação sintática acima e abaixo do nível da palavra. Marvin (2003) ressalta que a mudança categorial é capaz de realizar diversas fases dentro de um mesmo vocábulo. Na teoria de fases, os núcleos funcionais categorizadores estabelecem domínios tanto em relação à interpretação semântica

quanto à representação fonológica, que podem ser divididos em morfologia interna e morfologia externa.

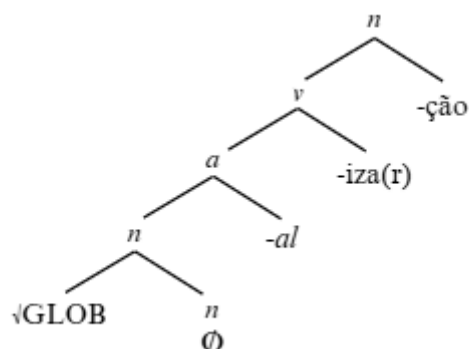
As concepções sobre as morfologias interna e externa advêm de uma reformulação da visão lexicalista de Dubinsky e Simango (1996), cuja visão perpetua uma diferença entre formação de palavras lexical (interna) e sintática (externa). Marantz (2001), por sua vez, faz essa distinção entre aquela em que o núcleo funcional concatena-se à raiz e aquela em que há uma concatenação de núcleos funcionais a estruturas já encabeçadas por um nó categorizador. Dessa forma, a morfologia interna está relacionada a raízes ou constituintes complexos abaixo do primeiro nó categorial x ($x = \{a, n \text{ ou } v\}$) que concebe núcleos de fase acima da raiz, possibilitando a formação de significados idiossincráticos, já a morfologia externa corresponde a toda morfologia acima do primeiro nó x (o que engloba os processos derivacionais de mudança de categoria), de modo a apresentar apenas significados previsíveis.

Figura 15: Domínios para a interpretação semântica



Fonte: Adaptado de Marantz (2007, p. 5)

Com base nisso, entende-se que a teoria de fases nas palavras, assumida pela MD, é um processo inteiramente sintático o qual presume que a idiossincrasia, que antes se sucediam no léxico, é decorrente da primeira fase da formação do vocábulo, enquanto as fases posteriores apresentam regularidade semântica. Marantz (2001, 2007) e Arad (2003, 2005) defendem que o primeiro *merge* entre uma raiz e o morfema categorizador pode resultar em diversos significados, enquanto as recategorizações apresentariam previsibilidade de significado, evidenciando uma restrição de localidade em relação à interpretação semântica. Essa interpretação pode ser vista na palavra *globalização*, em que a negociação de significado seria estipulada no *merge* entre a raiz $\sqrt{\text{GLOB}}$ e o núcleo categorizador n , e às demais camadas da derivação seriam atribuídos significados composicionais.

Figura 16: Árvore sintática do nome *globalização*

Fonte: Elaboração própria

Devido a algumas problemáticas envolvendo a teoria de fases em palavras, Marantz (2013) reformula a proposta inicial acerca da negociação de significado da palavra, em que agora não seria restrita à primeira adjunção com o nó categorizador. O autor propõe uma teoria de *alossemy contextual*, em que múltiplos significados entram em competição para a inserção em um dado nó sintático. Tal proposta tem como alicerce a teoria de ciclos únicos de Chomsky (2001), que consiste em aceitação de que o domínio abaixo da concatenação de cada núcleo de fase é encaminhado para a interpretação fonológica e semântica, o que pressupõe domínios de localidade cíclicos para as derivações sintáticas¹⁰.

Fundamentado na proposta de Embick (2010), Marantz (2013) afirma que a semântica é influenciada pelas relações de adjacência fonológica entre os núcleos de fase. Assim, tanto a interface semântica quanto a fonológica propiciam a *alossemy contextual*, a qual será estabelecida “dentro dos mesmo domínios de *Spell-Out* que os da alomorfia contextual e regida pelas mesmas restrições de localidade”¹¹. Com essa nova proposta, o significado da palavra não seria limitado à primeira concatenação entre a raiz e o núcleo categorial. Como novos significados surgem em cada núcleo de fase, o último núcleo de fase encaminhado para *Spell-Out* definiria essa restrição de localidade.

No tocante às irregularidades de significado, estas serão determinadas pela distinção entre morfema interno e morfema externo e determinadas por localidade estrutural. Para entender melhor a teoria de fases em palavras com semântica irregular, destaca-se os

¹⁰ Os categorizadores são exemplos de domínios cíclicos, mas nem todos os itens funcionais são classificados dessa forma. Agr e T, por exemplo, são exemplos de itens funcionais não cíclicos, os quais possibilitam alomorfia contextual.

¹¹ No original: “[...] the semantic interface, like the phonological interface, does allow for contextual allosemy, within the same spell-out domains as for contextual allomorphy and governed by the same locality constraints” (Marantz, 2013).

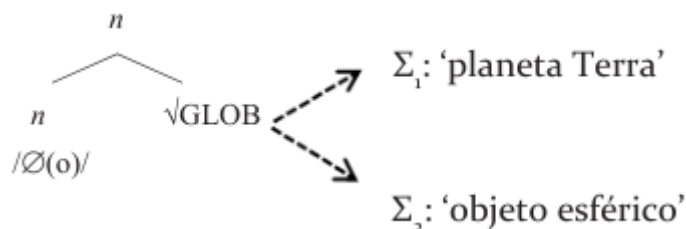
exemplos, evidenciados por Nóbrega (2023), da série *globo*, *global*, *globalizar* e *globalização* (já apresentada anteriormente para demonstrar palavras complexas do português que apresentam composicionalidade em termos de significado), os quais são correspondentes em termos de significação ao conjunto do inglês *globe*, *global*, *globalize* e *globalization* fornecido por Marantz (2013).

A raiz $\sqrt{\text{GLOB}}$ é polissêmica no português, possuindo múltiplas significações, como as de (i) “objeto esférico”, (ii) “planeta Terra” ou (iii) “todo, integrado”. No momento da primeira concatenação da raiz com o morfema categorizador nominalizador (*n*), a palavra resultante *globo* pode apresentar tanto o primeiro significado, observado em (7a), quanto o segundo, retratado em (7b).

(7) a. “Foram 11 cirurgias entre a retirada do *globo* ocular e a implantação de prótese.”¹²

b. “Ambos chegaram ao tratado de Alcaçóvas-Toledo, de 1479-1480, pelo qual, entre outras coisas, combinavam o casamento de seus filhos[3] e dividiam o *globo* em duas partes: acima ou abaixo das Ilhas Canárias (posse espanhola) [...]”¹³

Figura 17: Possibilidades de significado da raiz $\sqrt{\text{GLOB}}$



Fonte: Nóbrega (2023 p. 339)

Tal como ressaltou Marantz (2013) para a série equivalente no inglês, no contexto do *merge* da raiz com o núcleo *n*, nenhuma escolha de significado será feita nesse núcleo, de maneira que qualquer significado ainda é possível. No entanto, com a criação do adjetivo *global* a partir da adjunção com o morfema categorizador *a*, consistindo um núcleo de fase (assim como todo núcleo que define categoria), a raiz $\sqrt{\text{GLOB}}$ é enviada para a interface e, em seguida, tem o alossema de “planeta Terra” selecionado para o contexto adjetival na Lista

¹² Fonte - Corpus do Português: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/06/28/cdh-debate-projeto-que-classifica-o-cego-de-um-olho-como-pessoa-com-deficiencia>.

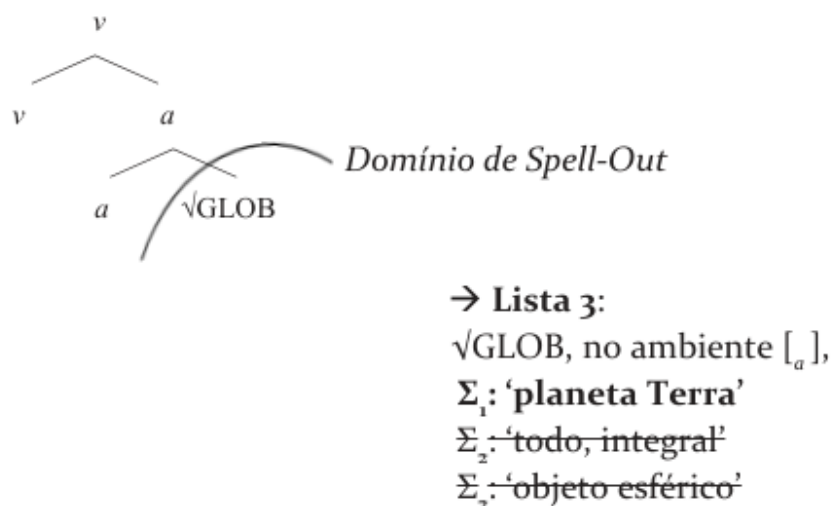
¹³ Fonte - Corpus do Português: <https://www.conjur.com.br/2019-jun-30/josemunhoz-tratado-tordesilhas-nao-foi-arbitragem/>.

3. As demais leituras, semelhante à observada em (7a), não são preservadas nas derivações consecutivas, exemplificadas em (8). Isso pode ser visto no vocábulo derivado *globalizar* (figura 18), que mantém a ideia de “tornar algo universal, ou seja, distribuído/conhecido mundialmente”¹⁴, e o mesmo ocorre com *globalização*.

(8) a. “O Brasil precisa se *globalizar*. A verdade é que existem poucas marcas brasileiras de varejo com relevância mundial”.¹⁵

b. “Não se ignora a importância das exportações para a economia do país, sobretudo após a *globalização* mundial”¹⁶

Figura 18: Domínio de Spell-Out



Fonte: Nóbrega (2023, p. 349)

Com isso, evidencia-se a impossibilidade de fazer uma inversão semântica, o que significa que *globalizar* não poderia ter como significado “objeto esférico” após o núcleo *a* selecionar a leitura de “planeta Terra”, o que demonstra que o verbalizador não possui a capacidade de modificar a seleção do seu alossema após o envio da raiz para a interface. Observa-se, então, que o ambiente adjetival estipulou essa interpretação, demonstrando como o contexto sintático induz a interpretação, na qual a escolha da significação é explicada pela restrição de localidade da estrutura.

¹⁴ Definição dada em Scher (2023, p. 349)

¹⁵ Fonte - Corpus do Português: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/05/cofundador-da-natura-ciment-ambicoes-mundiais-com-aquisicao-da-avon.shtml>

¹⁶ Fonte - Corpus do Português: <https://www.conjur.com.br/2012-nov-26/stj-discute-sujeicao-adiantamento-cambio-recuperacao-judicial/>

É importante destacar aqui que Harley (2011) e Borer¹⁷ contestaram a proposta de que o primeiro ciclo (isto é, a primeira concatenação entre a raiz e o núcleo categorizador) seria responsável por estabelecer a arbitrariedade do signo, sendo as demais adjunções sistemáticas. Tal problematização é feita com base em palavras complexas que apresentam idiomaticidade, como em *nationalize* e *existentialism*. Harley (2011) evidencia que o vocábulo *national* não se apresenta em termos de significado dentro de *nationalize*, posto que esta última significa “transformar-se em uma empresa de propriedade/operada pelo governo”¹⁸. O mesmo é observado para a palavra *existentialism*, em que Borer destaca que este termo, enquanto significa um sistema de crenças, não tem seu significado derivado composicionalmente de *exist* e *existence*.

Por sua vez, Marantz (2013), com base na concepção de alossemia de raiz já apresentado nesta seção, que consiste na seleção de um significado específico para determinada raiz em um contexto particular, contra-argumenta pontuando que o alossema da raiz *nation* em *nationalize* não é distinto do de *national* e ainda ressalta que o significado de *nationalize* é muito específico e ligado ao conhecimento sobre governos. Para o dado de Borer, o autor também destaca que os alossemas de *exist* e *existence* aparentam ser os mesmo em *existentialism*. Embora traga essa justificativa, Marantz (2013) reconhece a não previsibilidade de significado em palavras complexas idiomáticas e tece novas considerações, descritas abaixo:

Marantz (2001) está confuso, se não simplesmente errado, ao confundir a noção de "idiomático" com a noção de "significado especial" ou "escolha de significado" associada à polissemia. Para a questão da polissemia de raízes (e provavelmente morfemas funcionais), o domínio de localidade relevante para "fixar" o significado parece ser a fase, enquanto para os idiomatismos, o domínio é claramente maior. (Marantz 2013, p. 105 - tradução própria)¹⁹

Marantz (2013) defende, portanto, que a idiomaticidade abrange um tipo de significação formulada sobre os moldes da polissemia, isto é, um significado resultante de um

¹⁷ No artigo “Title: Locality Domains for Contextual Allomorphy across the Interfaces”, situado no livro “Distributed Morphology Today”, Marantz não menciona a fonte do dado de Borer, mas tal dado pôde ser encontrado no volume “Taking Form”, de 2013. Além disso, a autora destaca inúmeros exemplos de idiomatizações em sua extensa bibliografia.

¹⁸ No original: “make into a government-owned/operated business” (Harley, 2011)

¹⁹ No original: “Marantz (2001) is confusing if not simply wrong in conflating the notion of “idiom” with the notion of “special meaning” or “meaning choice” associated with polysemy. For the issue of root (and likely functional morpheme) polysemy, the relevant locality domain for “fixing” meaning appears to be the phase, while for idioms, the domain is clearly larger.” (Marantz, 2013).

alossema consolidado na raiz. Isso significa que, em um exemplo como “*kick the bucket*”, “*bucket*”, devido a um domínio de localidade, teria o significado de sua raiz implementado antes da inserção do sintagma nominal ao vP idiomático. Assim sendo, os significados idiomáticos, tal como em Marantz (1997), têm como limite o domínio estipulado pelo núcleo funcional *Voice* (adjungido acima do vP) que projeta argumento externo, possibilitando a idiomatização em estruturas inseridas no vP (Marantz, 2013; Harley 2011, 2014).

No entanto, a perspectiva de Borer no modelo XS acerca da negociação da arbitrariedade do signo e, conseqüentemente, sua relação com a idiomatização e a estrutura argumental parece mais promissora para uma abordagem sintaticocêntrica como os modelos construcionistas propõem. Na próxima seção, o modelo de Borer será apresentado, bem como suas postulações no que concerne à idiomatidade, de modo a evidenciar os pontos responsáveis pela escolha de tal modelo nesta pesquisa.

2.3.3 O modelo Exoesqueletal:

O modelo Exoesqueletal (Borer, 2003, 2005a, 2005b, 2013a, 2013b etc.) também segue a vertente construcionista de modelo de gramática, no qual há uma ruptura entre a estrutura e o léxico, permitindo, concomitantemente, uma forte correspondência entre a estrutura e o significado. O nome Exoesqueletal advém do fato de a categoria do vocábulo ser definida por meio do contexto sintático em que o item está, o que significa que a categorização é feita “fora” da palavra, no qual “o importante é o esqueleto que está fora, envolvendo o item a ser classificado” (Pederneira, 2015). Ainda, a estrutura sintática é responsável não só por determinar esse aspecto categórico como também definir a estrutura argumental, os quais são propriedades sintáticas que, em abordagens lexicalistas, eram relacionadas aos Itens Lexicais.

Contata-se que, na XS, a sintaxe é tida como o único componente do sistema computacional, que irá manipular hierarquicamente os itens de modo a possibilitar a formação de palavras complexas ao atuar no interior da palavra. Esse componente sintático manipula *raízes* (também chamadas de *listemas*) e *funtores gramaticais*. À base do sistema computacional encontra-se um reservatório das raízes, constituintes que não possuem nenhuma informação gramatical, isto é, “raízes não têm nenhuma estrutura gramatical interna e são desprovidas de qualquer valor sintático: (a) nenhuma categoria, (b) nenhuma marcação

morfológica e (c) nenhuma estrutura argumental (nem interna nem externa)”²⁰ (Borer, 2009). Ao afirmar que as raízes não possuem estrutura argumental, isso quer dizer que elas não projetam argumentos, bem como não possuem conteúdo semântico.

As raízes são índices fonológicos, índices estes que servem para mapeá-las à pronúncia correta, e são “categorizadas”²¹ após serem concatenadas aos funtores. É importante notar que a raiz, por si só, não estabelece uma pronúncia. Como exemplo, repara-se que / π cat/ não pode ser considerada a manifestação fonológica de $\sqrt{\text{CAT}}$, e sim de uma unidade sintática maior que, após o processo de concatenação entre esse listema e o funtor categorial, tornou-se equivalente a um nome. Logo, fica claro que essa realização fonológica será designada através da estrutura sintática ao qual a raiz estará inserida.

Somado aos listemas, também há um reservatório de funtores determinados pela GU, mas estes são finitos. Os funtores gramaticais, a partir de um processo derivacional e dos contextos sintáticos estipulados, são responsáveis por estabelecer a semântica e as funções sintáticas da estrutura, projetando nós lexicais e funcionais. Esse conjunto, composto por determinantes, marcadores de tempo e de número, quantificadores, marcadores aspectuais (o que inclui prefixos aspectuais), afixos derivacionais categorizadores²² etc., pode ser subdividido em dois grupos: os funtores semânticos (*S-functors*) e os funtores categoriais (*C-functors*).

Entende-se como funtores semânticos aqueles que atribuem valores semânticos a uma posição sintática aberta dentro de projeções estendidas. Borer (2013a) também evidencia que *S-functors* são modificadores (adjuntos) que não atuam como projeções de categoria, mas sim concatenam-se a outros núcleos de projeção de valor aberto, atribuindo-lhes valor semântico. Um exemplo de funtores semânticos são os determinantes *the*, do inglês, e *o* do português, visto em Aquino (2021a e 2021b), que também destaca que os funtores desse grupo atribuem uma leitura semântica estritamente formal, já que a semântica dos itens funcionais e o conteúdo conceitual das palavras são aspectos diferentes na Exoesqueletal.

²⁰ No original: “Roots (listemes, in Borer (2005a,b) do not have any internal grammatical structure, and are devoid of any syntactic value: a. No category b. No morphological marking c. No argument structure (either external or internal)”.

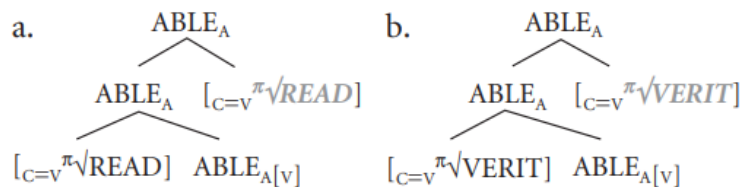
²¹ Nesse modelo, as raízes não são exatamente categorizadas, mas sim se tornam equivalentes à determinada categoria.

²² Borer destaca os afixos *-tion*, *-able*, *en-* e *-ship* e aborda a questão de que é difícil classificar os afixos derivacionais não categorizadores, como os prefixos do inglês. Esse grupo aparenta apresentar tipos variados de características e de classificação. No original: “Non-categorial derivational affixes, notably English prefixes, are a harder class to characterize, and, like prepositions, are in all likelihood a mixed bag” (Borer, 2013, p.29).

Como exemplo, considere a notação $D \in \{Ex[N]\}$, na qual D é um segmento Exp semanticamente valorado por um funtor semântico como *the*, em inglês, ou *o*, em português. Nessa notação, $\{Ex[N]\}$ é o conjunto de segmentos de uma projeção estendida que coletivamente definem seu CCS como equivalente a N . As expressões nominais do tipo *o menino forte* e *o céu azul* exemplificam esse caso. (Aquino, 2021a, p. 40)

Por outro lado, os funtores categoriais equivalem-se a funções sintáticas, isto é, esses elementos dispõem do papel sintático de projetar categoria e determinar um espaço de complemento categorial (Categorial Complement Space – CCS), além de não necessitarem ter uma função semântica (Borer, 2014). Nota-se, também, que os funtores categoriais podem ser adjungidos a outro funtor caso tal projeção seja equivalente ao seu CCS. Como exemplo desse grupo, o sufixo *-able*²³, do inglês, pode ser caracterizado como um *C-functor*, o qual projeta A e define seu CCS como equivalente a V , sendo um funtor do tipo $C_{A[V]}$ ²⁴. Como seu CCS é equivalente a V , $ABLE_{A[V]}$ tornará as raízes $\pi\sqrt{\text{read}}$ e $\pi\sqrt{\text{verit}}$, as quais são desprovidas de categoria, equivalente a V , tal como está representado na figura 19. Nesse modelo, a categoria é definida em contexto de T ou de ASP_Q , designado segmento de uma projeção estendida com o espaço de complemento categorial equivalente a V .

Figura 19: Árvores sintáticas com o sufixo *-able* na XS



Fonte: Borer (2013a, p. 31)

Após a compreensão dos primitivos da Exoesqueletal, é necessário o entendimento da arquitetura da gramática do modelo de Borer (figura 20). Ao longo do processo de derivação, são formadas estruturas sintáticas por meio do *merge* de uma raiz aos funtores gramaticais, as quais são encaminhadas para a Forma Fonológica (FF) (Phonological Form – PF), a partir do *Spell-out*. Supondo uma instância de Inserção Tardia, Borer (2014) defende que a entrada para o *en-searching* constitui tanto o índice fonológico da raiz quanto a realização fonológica

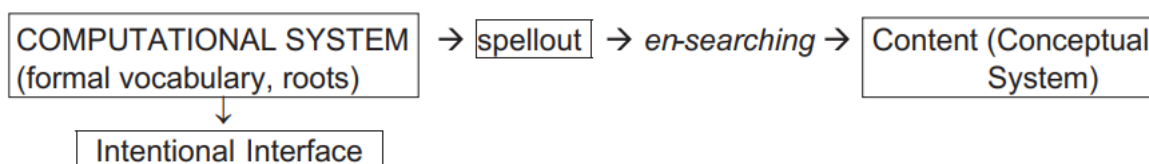
²³ Borer salienta que alguns funtores categoriais, como o *-able*, também possuem função semântica que, além de não ser necessária, não é suficiente para caracterizá-lo como esse tipo de funtor.

²⁴ Essa designação não é apenas para *-able*, uma vez que o sufixo *-ive* também é caracterizado dessa forma. O mesmo também pode ser visto para a representação $C_{N[V]}$, a qual caracteriza alguns sufixos do inglês como *-ation*, *-ment* e *-al*, por exemplo, como também do português como *-ção*, *-mento* e *-al*.

dos funtores categoriais. A busca enciclopédica é ativada, após o *Spell-Out*, e o conteúdo conceitual, o qual é pesquisado com base nas representações fonológicas, finalmente é convencionado a essa estrutura.

A autora também ressalta que o significado não é um componente unificado na Língua Natural (*Natural Language*), já que o input das computações formais é a representação sintática, desconsiderando as representações fonológicas, ao passo que o Conteúdo conceitual baseia-se justamente nestas representações.

Figura 20: Arquitetura da Gramática do modelo Exoesquelético



Fonte: Borer (2014)

Uma Lista, um ponto de acesso: Existe um reservatório de unidades atômicas de conteúdo indivisível (conceitualmente e/ou potencialmente convencionalizadas) chamado enciclopédia. Mediando a enciclopédia e as representações gramaticais, está um mecanismo de busca (en-search) que estabelece correspondências entre determinados constituintes parentesados (pelo menos parcialmente explicitados, como veremos) com unidades de conteúdo da Enciclopédia.

Conteúdo não composicional (= conteúdo atômico): é o resultado de uma única busca enciclopédica bem-sucedida que poderia ser igualmente associada com *gato*, supostamente uma estrutura não ramificada, como também poderia ser associada com *transformação* ou *naturalizar*. Raízes, índices fonológicos, podem ser um constituinte específico (parcialmente determinado) que está associado com conteúdo, mas, como tal, não têm qualquer tipo de conteúdo independente e não representam um domínio privilegiado para pareamento de conteúdo. (BORER, 2014, p. 85, tradução de Aquino, 2021a)²⁵

²⁵ **I. One list, one access point.** There exists a reservoir of (conceptual and/or potentially conventionalized) atomic, indivisible Content units, call it the encyclopedia. Mediating between the encyclopedia and grammatical representations is a search engine (en-search), which matches qualified bracketed (at least partially spelled out, as we shall see) constituents with encyclopedic Content units.

II. Non-Compositional Content (=atomic Content) is the output of a single, successful en- search, and could be equally associated with cat, by assumption a non-branching structure, as it may be associated with transformation or naturalize. Roots, phonological indices, may happen to be coextensive with a qualifying (partially spelled out) constituent which is matched with Content, but do not, as such, have an independent Content of any sort, nor do they represent a privileged domain for Content matching. (BORER, 2014a, p. 85)

Em termos de conteúdo não composicional, a próxima subseção dará enfoque ao modo de análise de Borer para esse fenômeno, o qual se apresenta como uma alternativa promissora para o estudo da idiomatidade em palavras complexas. A hipótese formulada por Borer, neste trabalho, será intitulada como *Idiomatização Tardia*.

2.3.3.1 Palavras complexas e a idiomatização tardia

Como foi pontuado ao longo desta dissertação, palavras complexas podem possuir um significado idiomático, ou seja, conter uma interpretação que não corresponde a um cálculo composicional de suas partes. Marantz (2001, 2007) e Arad (2003, 2005), tal como pôde ser observado na subseção 2.3.2.2, utilizando-se da vertente da MD, postularam que as idiosincrasias das palavras recaem na concatenação da raiz, dotada de semântica, com o primeiro morfema categorizador e, mais tarde, Marantz reformulou essa restrição de localidade de significado ao propor que a arbitrariedade do signo era determinada após o envio do último núcleo de fase para *Spell-Out* (Marantz, 2013). Em se tratando de significados idiomáticos, estes possuiriam um domínio de localidade maior do que a fase, o que levaria a uma proposta que relacionaria essa interpretação à estrutura argumental ao demonstrar que o contexto sintático influencia a seleção do significado não composicional.

Borer (2013a, 2013b, 2014 etc.), por sua vez, traz em sua literatura dados que problematizam a incidência da arbitrariedade saussureana no primeiro ciclo de categorização. A autora indaga a existência de domínios distintos para lidar com a correspondência de conteúdo das palavras, tal como os postulados para significados composicionais e os idiomáticos. A proposta da autora, nesse sentido, tem o objetivo de postular um único domínio sintático, independente e bem definido, o qual se mostra acessível a uma única busca enciclopédica. Além do mais, esse domínio seria delimitado pelas ocorrências de projeção estendida (Borer, 2014, p. 88).

Para compreender melhor essa proposta, é imperioso a análise dos vocábulos encontrados na tabela 1.

Tabela 1: Leituras idiomáticas em palavras complexas do inglês

[_N [_N [_V react] tion] ary]	REACTIONARY	≠ REACT+ion+ary REACTION+ary
--	-------------	---------------------------------

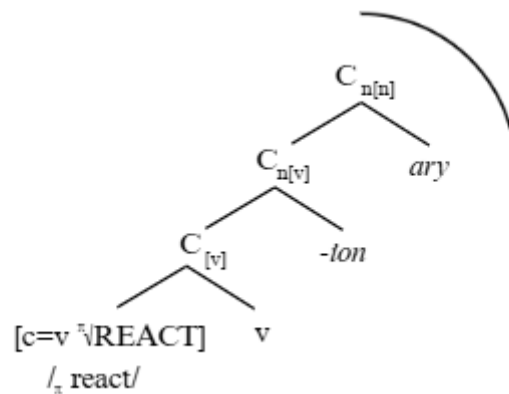
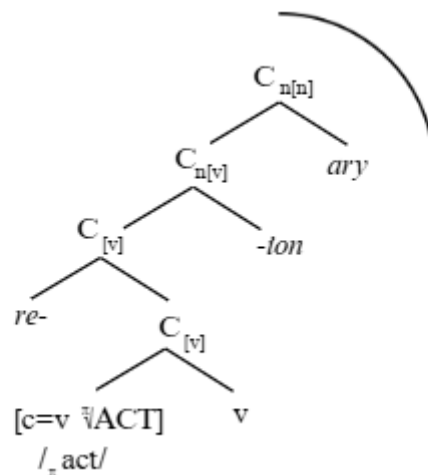
[_V [_A [_N natur] al] ize]]	NATURALIZE	≠ NATURE+al+ize NATURAL+ize
[_N [_V [_A civil]iz]ation]	CIVILIZATION	≠ CIVIL+ize+ation CIVILIZE+ation
[_N [_A [act] ive] ism/ist]	ACTIVIST/ISM	≠ ACT+ive+ist/ism ACTIVE+ist/ism
[_N [_N [_V protect] ion] ism]	PROTECTIONISM	≠ PROTECT+ion+ism PROTECTION+ism
[_A [_N [_V except] ion] al]	EXCEPTIONAL (= EXCELLENT and compare with SPECIAL)	≠ EXCEPT+ion+al EXCEPTION+al
[_{N/A} [_N [_N [_V edit] or] y] al]	EDITORIAL	≠ EDITOR+y+al EDIT+or+y+al EDITORY+al
[_V [_{N/A} [_N [_N [_V edit] or] y] al] ize]	EDITORIALIZE	≠ EDITORIAL+ize
[_N [_A [_V relate[ive] ity]	RELATIVITY	≠ RELATE+ive RELATIVE+ity

Fonte: Adaptado de Borer (2014, p. 88)

Os dados presentes na tabela 1 mostram palavras do inglês que apresentam desajustes semânticos, uma vez que o todo não apresenta uma interpretação resultante do cálculo de suas partes. Isso pode ser evidenciado com o termo *reactionary*, por exemplo, em que o significado de *reactionary*, com o significado de uma pessoa conservadora no que tange a mudanças políticas, não deriva composicionalmente de *react* (reagir) ou *reaction* (reação). Borer (2013b) também estabelece uma outra camada, que seria composta pelo verbo *act*. Entende-se com isso que o prefixo, assim como ressaltou Pederneira (2010), pode idiomatizar palavras, e isso pode ser notado devido à não composicionalidade existente entre *act* (agir) e *react* (reagir). As figuras 21 e 22 representam as duas versões arbóreas.

(9) *reactionary* (ACT, REACT, REACTION, REACTIONARY)

(Borer, 2013b, p. 24)

Figura 21: Árvore sintática de *reactionary* cf. Borer (2013a)**Fonte:** Elaboração própria**Figura 22:** Árvore sintática reformulada de *reactionary***Fonte:** Elaboração própria

Dessa forma, dados como esses comprovam que os significados idiomáticos podem emergir após o processo de categorização, contrariando o limite de localidade definido por Marantz (2001, 2007, 2013) e Arad (2003, 2005). Com isso, a posição da autora é válida, pois sugere que haja uma busca enciclopédica (*en-search*) em toda camada de merge de funtores categoriais (*C-functors*), e isso possibilitaria que a idiomaticidade pudesse incidir em qualquer ponto da derivação de uma palavra complexa, ou seja, a idiomatização seria tardia. As raízes também não apresentam nenhum significado nas fases sintáticas, uma vez que Borer postula que não há semântica em listemas. Assim, esse modelo apresentaria uma maior dissociação entre os módulos sintático e semântico.

Ainda, não há obrigatoriedade de parear a estrutura e a inserção de um novo significado, e Borer defende que esse pareamento é cíclico. Isso significa que nem sempre esse pareamento resultará em uma palavra complexa idiomática, pois não é obrigatório a

aparência de um novo conteúdo, e que o conteúdo de uma palavra pode recair em qualquer ponto de sua derivação, ou seja, tanto a camada mais interna quanto a mais externa. Outros fatores que auxiliam no processo de idiomatização tardia são a projeção estendida verbal (EXP V) e o *C-core*, definido em (10). A projeção estendida verbal não só licencia a estrutura argumental como também restringe a implementação de conteúdo atômico ao nó do C-functor que é regido por ela. Logo, o núcleo de uma sequência funcional (*C-core*) apresenta-se como o domínio sintático fundamental no que diz respeito a conteúdos idiomáticos.

(10) *C-core*:

A. α is a *C-core* iff α is *C-equivalent* and there is a β such that β is contained in α and β is a root, and for all x , α dominates x and x dominates β , x is *C-equivalent*.

B. α is maximal iff there is no γ such that γ is *C-equivalent* and γ immediately dominates α .
(Trivially, recall, all instances of *C* are *C-equivalent*.)

(Borer, H. 2014, p. 81)

Sendo assim, conforme as predições de Borer e enfatizado por Aquino (2016), algumas propostas para a implementação de conteúdo são:

(11) a. O surgimento de conteúdo não é obrigatório;

b. A inserção de conteúdo é cíclica;

c. O limite para a idiomaticidade é o *C-core*.

(Aquino, 2016, p. 35)

Vale destacar que esse fenômeno não está restrito a dados do inglês, tendo em vista que Lemle e Pederneira (2015), Aquino (2016) e Aquino et al. (2018) apontam dados do português que possuem o fenômeno da não composicionalidade. Aquino et al. (2018), por exemplo, destaca as palavras *refrigerante* e *reacionário* (correspondente à *reactionary* do inglês). Tais vocábulos idiomatizam em camadas mais tardias já que as séries (i) *agir*, *reagir*, *reação* e *reacionário* (ii) e *frio*, *refrigerar* e *refrigerante* têm um novo conteúdo atribuído no nó mais externo. Por último, constata-se que, assim como no dado do inglês, o prefixo também atua no processo de idiomatização. Pederneira (2010) já tinha feito essa observação e, a partir do conceito de idiomatização tardia, pretende-se observar até que ponto essa

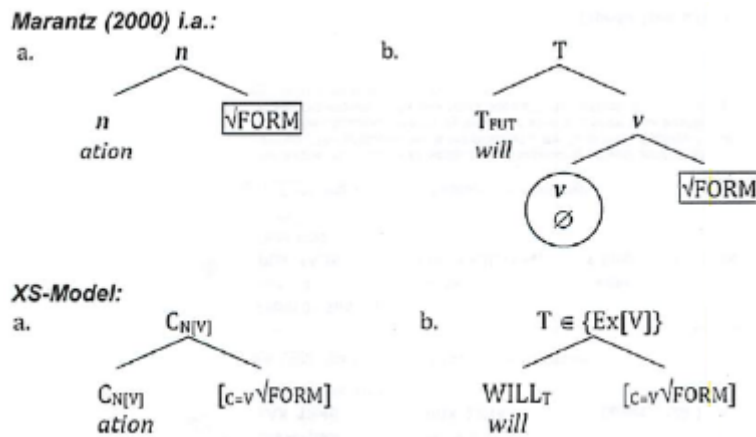
idiomaticidade pode ser atribuída em camadas prefixais, o que será debatido no capítulo 5 desta pesquisa.

2.4 Por que adotar os modelos construcionistas?

Após as apresentações dos modelos e suas propriedades, é válido ressaltar os motivos responsáveis por escolhê-los para a análise de palavras complexas idiomáticas prefixadas no português brasileiro. Salienta-se, em primeiro lugar, que os dois modelos construcionistas de Gramática Gerativa assemelham-se em alguns aspectos, como o fato de compreender que os mecanismos sintáticos usados em sintagmas e sentenças também são utilizados em palavras, contrariando as propostas lexicalistas. O presente trabalho assume que a sintaxe manipula os constituintes internos aos vocábulos ao apontar a recursividade na concatenação de prefixos e que fornece estruturas sintáticas para a atribuição de significado. Por tal razão, as vertentes da MD e da XS dialogam perfeitamente com esse trabalho.

Além disso, ambos os modelos defendem que a palavra não é o átomo da sintaxe, visto que esse módulo concatena e manipula unidades menores, como morfemas (ou funtores) e raízes (ou listemas). Estas, por sua vez, são livres de categoria sintática tanto na MD quanto na XS, mas tais vertentes discordam com relação ao conteúdo da raiz – inclusive, os autores da MD também divergem entre si sobre determinados aspectos desse constituinte – e seu processo de categorização.

Na MD, as raízes sempre se unem a um categorizador, e esse processo configura na formação de um nó categorizador. A estrutura resultante é enviada para a interface, local em que será atribuída sua realização fonológica. Na XS, segmentos de Projeções Estendida (como Tempo ou o Determinante) e *C-functors* possuem um Espaço de Complemento Categorical. Ao entrar no CCS, a raiz pode se tornar equivalente a nome ou a verbo. Como consequência, não é necessário postular categorizadores nulos, o que significa que a categorização de raízes, na XS, depende do contexto em que estas são inseridas.

Figura 23: Categorizadores nulos - MD vs XSM

Fonte: Borer (2014, p. 82)

Foram as divergências, a propósito, que estimularam uma proposta de análise comparativa. Além das arquiteturas de gramática serem distintas, o lugar em que a arbitrariedade saussureana incide também entra em pauta nas duas abordagens teóricas, seja por meio das fases ou da concepção de idiomatização tardia. Enfatiza-se, também, a preferência da Exoesqueletal pelo modelo de templates, em que não há conteúdo lexical em qualquer fase sintática ou nó estrutural.

Em síntese, os modelos adotados permitem propostas de análise que soam interessantes para os rumos desta pesquisa. A “escolha” de um em detrimento de outro não significa que há um descarte de todas as possibilidades que a vertente preterida oferece, mas sim que um dos modelos mostrou-se mais harmonioso aos dados fornecidos. A partir desse esclarecimento, o próximo capítulo apresentará melhor um dos objetos de estudo dessa pesquisa: os prefixos.

CAPÍTULO 3. A PREFIXAÇÃO - DEFINIÇÕES, DEBATES E LACUNAS

A prefixação é um campo muito explorado não só na linguística gerativa como também em outras abordagens teóricas, o que acarreta um estudo multifacetado acerca de suas propriedades, tanto por conta de suas características já definidas quanto devido às lacunas deixadas. O presente capítulo, nesse viés, trará maiores informações sobre o fenômeno da prefixação. Para isso, serão apresentados, primeiramente, alguns prefixos que atuam no português brasileiro e suas definições básicas. Após essa etapa, busca-se revisitar questões que estimulam debates até hoje, visando a compreender melhor esse instrumento de análise para entrar mais precisamente nos pontos centrais deste trabalho.

3.1 Os prefixos do português

No que tange à significação dos prefixos, tais elementos possuem uma vasta aparição no PB. A procedência dessas partículas são majoritariamente latinas ou gregas²⁶, e alguns deles apresentam-se apenas diacronicamente na língua, enquanto outros possuem uma identificação sincrônica²⁷, julgamento este que depende do reconhecimento do falante de determinado idioma. O quadro abaixo, dividido em quatro colunas, apresenta alguns dos principais prefixos encontrados no português, os quais foram extraídos de Cunha e Cintra (2016). A primeira coluna expõe, em ordem alfabética, os prefixos selecionados, sendo seguido, na segunda coluna, de sua origem (latina ou grega). A terceira coluna exhibe alguns dos significados de cada prefixo e, por fim, os exemplos de palavras prefixadas com cada partícula são fornecidos na quarta coluna.

Quadro 3: Prefixos do português

Prefixo	Origem	Significado	Exemplo
<i>a- ab- abs-</i>	l	afastamento, separação	aversão, abdicar, abster

²⁶ Almeida (1989), utilizando-se de uma abordagem normativa, também considera que os prefixos podem ser vernáculos, isto é, prefixos latinos que foram aportuguesados.

²⁷ Esse debate acerca do reconhecimento sincrônico e diacrônico do prefixo também possui ligação com a questão das raízes. Por exemplo, o prefixo *im-* em *importar* é reconhecido sincronicamente pelo falante, uma vez que *portar* é uma palavra com raiz identificável na língua. Por outro lado, na palavra *implicar*, o seu uso não apresenta o mesmo caso, já que o vocábulo **plicar*, que seria oriundo da raiz $\sqrt{\text{plic}}$, não está ativo no léxico dos falantes do PB.

<i>a- ad-</i>	l	aproximação, direção	assentir, assentir
<i>a- an-</i>	g	privação, negação	anarquia, ateu
<i>aná-</i>	g	ação ou movimento inverso, repetição	anáfora
<i>anfî-</i>	g	de um e outro lado, em torno	anfiteatro
<i>ante-</i>	l	anterioridade	antebraço
<i>anti-</i>	g	oposição, ação contrária	antiaéreo
<i>apó-</i>	g	afastamento, separação	apogeu
<i>arqui- arque- arc- arce-</i>	g	superioridade	arquiduque, arcanjo, arquétipo, arcebispo
<i>catá-</i>	g	movimento de cima para baixo, oposição	catacrese
<i>circum- (cincun-)</i>	l	movimento em torno	circunvagar
<i>cis-</i>	l	posição aquém	cisplatino
<i>com- (com-) co- (cor-)</i>	l	contiguidade, companhia	compor, conter, cooperar, corroborar
<i>contra-</i>	l	oposição, ação conjunta	contradizer, contrasselar
<i>de-</i>	l	movimento de cima para baixo	decair
<i>des-</i>	l	separação, ação contrária	desviar, desfazer
<i>dis- di- (dir-)</i>	l	separação, movimento para diversos lados, negação	dissidente, distender, dilacerar, dirimir
<i>dis- di- (dir-)</i>	g	dificuldade, mau estado	dispneia, disenteria
<i>ec- (ex-)</i>	g	movimento para fora	eclipse, êxodo
<i>en- (em-, e-)</i>	g	posição interior	encéfalo, emplastro, elipse
<i>endo</i>	g	posição interior, movimento para dentro	endotérmico, endosmose

<i>entre-</i>	l	posição intermediária	entreabrir
<i>epi-</i>	g	posição superior, movimento para, posterioridade	epiderme, epílogo
<i>eu- (ev-)</i>	g	bem, bom	eufania, evangelho
<i>ex- es- e-</i>	l	movimento para fora, estado anterior	exportar, estender, emigrar
<i>extra-</i>	l	posição exterior (fora de)	extraoficial
<i>hiper-</i>	g	posição superior, excesso	hipérbole, hipertensão
<i>hipó-</i>	g	posição inferior, escassez	hipodérmico, hipotensão
<i>in- (im-) i- (ir-) en- (em-)</i>	l	movimento para dentro	ingerir, impedir, imigrar, irromper, embarcar, enterrar
<i>in- (im-) i- (ir-)</i>	l	negação, privação	inativo, impermeável, ilegal, irrestrito
<i>intra-</i>	l	posição interior	intravenoso
<i>intro-</i>	l	movimento para dentro	introversão
<i>justa-</i>	l	posição ao lado	justapor
<i>metá- (met-)</i>	g	posterioridade, mudança	metacarpo, metátese
<i>ob- o-</i>	l	posição em frente, oposição	objeto, obstáculo, ocorrer, opor
<i>pará- (par-)</i>	g	proximidade, ao lado de	paralogismo, paramnésia
<i>per-</i>	l	movimento através	perfurar
<i>peri-</i>	g	posição ou movimento em torno	perímetro, perífrase
<i>pos-</i>	l	posterioridade	pospor
<i>pre-</i>	l	anterioridade	prefácio
<i>pró-</i>	g	posição em frente, anterior	prólogo, prognóstico
<i>pro-</i>	g	movimento para frente	progresso

<i>re-</i>	g	movimento para trás, repetição	refluir, refazer
<i>retro-</i>	g	movimento mais para trás	retroceder
<i>sin- (sim-, si-)</i>	g	simultaneidade, companhia	sinfonia, simpatia, sílaba
<i>soto- sota-</i>	g	posição inferior	sotopor, sotavento
<i>sub- sus- su- sob- so-</i>	g	movimento de baixo para cima, inferioridade	subir, subalterno, suspender, suster, suceder, supor, sobestar, sobpor, soerguer, soterrar
<i>super sobre-</i>	g	posição em cima, excesso	superpor, superpovoado, sobrepôr, sobrecarga
<i>supra</i>	g	posição acima, excesso	supradito, suprassumo
<i>trans - tras- tres-</i>	g	movimento para além de, posição além de	transpor, transalpino, trasladar, traspasar, tresvariar, tresmalhar
<i>ultra-</i>	g	posição além do limite	ultrapassar
<i>vice- vis (vizo-)</i>	g	substituição, em lugar de	vice-reitor, visconde

Fonte: Adaptado de Cunha e Cintra (2016)

Nota-se que nem todos os significados desses prefixos estão presentes no quadro. O prefixo *re-* com valor restitutivo, por exemplo, como visto em Marantz (2007) e Medeiros (2012; 2016), corresponde a uma das possibilidades de significação dessa partícula no português sincrônico. Schwindt (2000) traz a reflexão de que a Gramática Tradicional, muitas das vezes, utiliza a língua escrita como base, o que proporciona um não acompanhamento da evolução de alguns aspectos linguísticos observados na fala, que são reconhecidos por meio do julgamento dos falantes nativos da língua. Diante disso, por meio da utilização dos dados fornecidos por Sandmann (1996), Schwindt (2000) apresentou formações prefixais novas no português com o fito de equiparar as amostras (fornecidas no quadro 4).

Quadro 4: Novas formações prefixais da língua portuguesa²⁸

Prefixo	Significado	Exemplos
---------	-------------	----------

²⁸ O quadro sofreu leves adaptações devido ao Novo Acordo Ortográfico.

<i>a-, an-</i>	não	apartidário, anecóico
<i>anti-</i>	contra	antialérgico
<i>anti-</i>	ruim	antifutebol
<i>arqui-</i>	grau aumentativo	arqui-inimigo
<i>auto-</i>	mesmo, próprio	autodisciplina
<i>bi-, bis-</i>	duplo	bicama, bisavô
<i>co-</i>	com, juntamente	copatrocinar
<i>des-</i>	não	desatualizado
<i>des-</i>	afastamento, volta a uma situação	desestabilizar
<i>dis-</i>	dsemelhante a des-	disusão
<i>ex-</i>	o que era, antigo	ex-presidente
<i>extra-</i>	grau	extraforte
<i>extra-</i>	fora, além	extraterrestre
<i>extro-</i>	fora, além	extrojeção
<i>fil(o)-</i>	amigo, amante de	filonipônico
<i>hiper-</i>	grau (mais do que super-)	hipermecado
<i>in- (i-)</i>	negação	ineslaticidade
<i>inter-</i>	posição intermediária	intersindical
<i>intra-</i>	dentro, no interior de	intrapartidário
<i>macro-, maxi-, mega-</i>	grau aumentativo	macroassalto, maxidesvalorização, megaprojeto
<i>micro-, mini-</i>	grau diminutivo	microinformática, minissaia
<i>multi-</i>	muito, diverso	multidisciplinar
<i>neo-, novo-</i>	novo, jovem	neossacerdote, novo-rico

<i>para-</i>	além	paradidático
<i>poli-</i>	muito	poliesportivo
<i>pós-</i>	depois	pós-guerra
<i>pré-</i>	ante, antes	pré-lançamento
<i>pseudo-</i>	falso, não-legítimo	pseudo-intelectualidade
<i>re-</i>	de novo	recadastramento
<i>re-</i>	novamente + de outra maneira	releitura
<i>re-</i>	repetição continuada de uma ação	repisar (um tema, um assunto)
<i>recém-</i>	recente	recém-eleito
<i>retro-</i>	atrás, para trás	retroescavadeira
<i>semi-</i>	meio	semimobiliado
<i>sub-</i>	embaixo, abaixo de	subgerente
<i>sub-</i>	valoração negativa	subabitação, subemprego
<i>super-</i>	muito grande	superexpressivo
<i>supra-</i>	acima, sobre	suprapartidário
<i>tele-</i> <tele, rad. grego	distante, longe	telesexo
<i>trans-</i>	através, além, do outro lado	transexual, transformista
<i>ultra-</i>	muito, ao máximo	ultrassecreto

Fonte: Schwindt (2000)

3.2 Revisitação de literaturas e exploração de lacunas acerca da prefixação

Como já foi evidenciado, o fenômeno da prefixação é um processo bastante frutífero no português brasileiro, o que traz diversos debates heterogêneos acerca de seu conceito e de seu papel na formação de palavras da língua portuguesa. Tal discussão não só perpassa as

mais variáveis gramáticas mas também adentra questões referentes aos processos morfológicos de composição e derivação, bem como oferece a possibilidade de uma interface com a semântica e apresenta uma controvérsia sobre sua natureza como morfema funcional.

Nas gramáticas normativas do português brasileiro, o processo de prefixação possui, geralmente, uma abordagem consolidada pela maioria dos autores, os quais o consideram uma derivação afixal (Cunha, 1975; Bechara, 2009; Lima, 2011; Cunha e Cintra, 2016). Cunha e Cintra (2016) defendem que são morfemas derivacionais antepostos aos radicais, de modo a alterar o significado desse elemento de maneira precisa na maioria dos casos. Para os autores, os prefixos possuem um comportamento mais independente quando comparados aos sufixos, uma vez que esses constituintes são derivados, em dados casos, de advérbios e de preposições que apresentam ou apresentaram uma forma autônoma no PB. Assim, embora algumas partículas não apresentem um conteúdo capaz de suscitar uma comunicação efetiva, outras exibem um comportamento não dependente na língua.

Quadro 5: Partículas dependentes e independentes no PB conforme Cunha e Cintra (2016)

Prefixos sem existência própria no PB	Prefixos que são independentes no PB
<i>des-</i> (desfazer)	<i>contra-</i> (contradizer)
<i>re-</i> (repor)	<i>entre-</i> (entreabrir)

Fonte: Elaboração própria

Com relação a estas partículas, por mais que os autores optem por considerar a formação de palavras prefixadas um processo derivacional, levantam o ponto de que os exemplos da primeira parte do quadro são claramente casos de derivação, ao passo que também consideram justo falar de composição para os casos de prefixos independentes exemplificados. Esse tema não se limitou à vertente da Gramática Tradicional, haja vista o extenso debate desenvolvido, na linguística descritiva, por Mattoso Câmara Jr. (1971, 1976 etc.), o qual defende que a prefixação é um processo de composição.

Para Mattoso, os prefixos são elementos que constituem o caso da composição, visto que apresentam “valor significativo de preposições” Câmara Jr. (1971, p. 39), ainda que não sejam mais utilizados como tais. Devido a essa característica, essas partículas possuem a capacidade de implementar um novo sentido ao vocábulo formado com sua inserção. A prefixação, portanto, pela perspectiva do autor, pode ter como resultado um só vocábulo fonológico ou uma justaposição. Como a derivação é formada a partir de afixos, o

estruturalista defende que o motivo de os prefixos não constituírem um vocábulo derivado está atrelado ao argumento de que essas partículas são concebidas como preposições que dispõem, morfologicamente e semanticamente, de traços particulares.

Câmara Jr. (1976) considera que a polêmica envolvendo a classificação das palavras prefixadas advém do fato de que, no PB, o fenômeno da prefixação pode ser agrupado em três categorias: i) o primeiro grupo abarca as partículas que também operam como preposição (como *ante*, *sobre*, *entre* etc); ii) o segundo conjunto é composto por constituintes que são variantes de preposições; iii) e o terceiro agrupamento envolve elementos que atuam estritamente como prefixos. Um outro ponto trazido pelo linguista seria de que os prefixos correspondem a radicais devido a sua natureza lexical - como visto com *sub-* em *subchefe* e *co-* em *coorientador*, pois são considerados variantes presas das preposições “sob” e “com”, respectivamente, as quais são formas dependentes - e devido ao valor semântico atribuído ao vocábulo formado a partir de sua incorporação, possibilitando uma nova significação (Câmara Jr., 2011).

Ainda sob um viés das gramáticas descritivas, Gonçalves (2012), que se posiciona a favor da interface entre composição e derivação em seu entendimento sobre a prefixação, afirma que prefixos são formas presas, uma vez que não são encontrados de forma isolada na língua, não sendo capazes de fornecer uma comunicação suficiente²⁹. Os prefixos, então, são morfemas que são concatenados na periferia esquerda de uma base, o que possibilita a formação de novas palavras na língua, no entanto, essas peças não determinam a categoria sintática da palavra complexa formada, diferentemente do que ocorre com os sufixos, como observado em (12) e (13).

(12) [re-[ler]_v]_v [des-[leal]_a]_a [pós-[graduação]_n]_n

(13)

Quadro 6: Categorização sintática (sufixos)

V → N	A → N	V → A	N → A	N, A → V	A → A
<i>-mento;</i> <i>-tório</i>	<i>-ice;</i> <i>-idade</i>	<i>-vel;</i> <i>-nte</i>	<i>-ense;</i> <i>-ar</i>	<i>-izar;</i> <i>-escer</i>	<i>-mente</i>
merecimento	esquisitice	gerenciável	canadense	agilizar	felizmente
lavatório	lealdade	estafante	hospitalar	florescer	certamente

Fonte: Adaptado de Gonçalves (2012)

²⁹ Conceção formulada por Bloomfield (1933).

Gonçalves (2012), ao estabelecer uma comparação entre prefixos e sufixos, alega que as formas prefixais são modificadoras, sendo esta a razão de não funcionarem como cabeças semânticas, contrapondo-se à partícula sufixal, tendo em vista que esta se sobressai em relação ao significado da base. Para o autor, enquanto o sufixo se comporta como núcleo de uma palavra complexa, os prefixos comportam-se como adjuntos. O comportamento da prefixação é semelhante aos de adjetivos, advérbios e preposições:

Prefixos jamais funcionam como cabeças semânticas porque seus significados assemelham-se aos veiculados por

(a) adjetivos, já que contribuem para qualificar/caracterizar a entidade referida pela base, como em ‘sub-humano’, ‘minimercado’ e ‘mega-emprego’; (b) advérbios, pois servem para expressar a circunstância que cerca a significação da base, aqui entendida como qualquer particularidade que determina um fato, ampliando a informação nele contida, a exemplo de ‘recompor’, ‘ante-sala’, ‘pré-natal’ e ‘pós-operatório’; e (c) preposições, por emprestarem à base a ideia de posição ou movimento no espaço: ‘sobreloja’, ‘entressafra’, ‘co-autoria’, ‘intra-venoso’. (Gonçalves, 2012)

Na Morfologia Distribuída, modelo não-lexicalista de Gramática Gerativa, “o estatuto derivacional de um afixo não é uma propriedade codificada como primitivo do modelo, mas uma consequência da organização hierárquica estabelecida no sistema combinatório do componente sintático.” (Nóbrega et al, 2023, p. 237). Logo, o processo de concatenação de prefixos rotulados como derivacionais pode ocorrer de formas distintas nessa vertente construcionista. No caso dos prefixos, ressalta-se seu estatuto sintático como adjunto ou núcleo não categorizador.

Diferentemente do que é concebido como núcleo, ao serem introduzidos na estrutura sintática, os adjuntos não projetam o rótulo da base derivada de uma operação *Merge*, mas sim desempenham o papel de modificadores da estrutura a qual são inseridos, processo de *Pair-Merge*³⁰ postulado por Chomsky (2000; 2004). Os núcleos, por sua vez, ao projetar o rótulo da estrutura sintática, são responsáveis por estabelecer as propriedades formais dos processos concatenativos posteriores. Observa-se, então, que o núcleo estipula os traços morfossintáticos (como categoria, por exemplo) de uma estrutura resultante da operação

³⁰ “But it is an empirical fact that there is also an asymmetric operation of adjunction, which takes two objects β and α and forms the ordered pair $\langle \alpha, \beta \rangle$, α adjoined to β .” e (Chomsky 2004: 117-118)

Merge, caracterizada como Set-Merge³¹ (Chomsky, 2000, 2004), visto que o complemento atende aos traços selecionados pelo núcleo.

Figura 24: Subdivisão da operação *Merge*

Two primitive operations:

a. Set-Merge $(\alpha, \beta) = \{\alpha, \beta\}$

b. Pair-Merge $(\alpha, \beta) = \langle \alpha, \beta \rangle$

arguments

adjuncts

Fonte: Oseki (2015)

Quadro 7: Núcleos e Adjuntos

Propriedade	Núcleos	Adjuntos
Rotulação	projetam seu rótulo na estrutura	não projetam rótulo na estrutura
Propriedades Formais	definem as propriedades formais da estrutura, como categoria, gênero e número	não alteram as propriedades formais da estrutura

Fonte: Nóbrega et al (2023, p, 239)

Tendo em vista as formas distintas em que os afixos podem ser inseridos na estrutura sintática e suas propriedades, pode-se inferir que os prefixos encaixam-se no que é definido como adjunto, posto que essas partículas não projetam categoria e não alteram as propriedades formais da língua. No entanto, casos de parassíntese parecem não se adequar a essa definição (Bassani, 2013; Nóbrega et al, 2023). A parassíntese é um fenômeno de formação de palavras complexas no qual o prefixo e o sufixo precisam ser adjungidos paralelamente à estrutura para que a palavra seja gramatical na língua, isto é, a ausência de uma dessas partículas faz com que a palavra apresente agramaticalidade, como pode ser visto na figura abaixo.

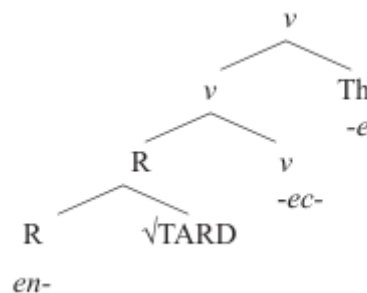
³¹ “For structure building, we have so far assumed only the free symmetrical operation Merge, yielding syntactic objects that are sets, all binary: call them simple. The relations that come “free” (contain, c-command, etc.) are defined on simple structures.” (Chomsky 2004: 117)

Figura 25: Palavras parassintéticas no PB

a. a-X-ecer	apodrecer	*apodre	*podrecer
b. a-X-izar	aterrorizar	*aterror	*terrorizar
c. en-X-ecer	entardecer	*entarde	*tardecer
d. es-X-ejar	esbravejar	*esbravo	*bravejar

Fonte: Nóbrega et al (2023, p. 248)

Nesse contexto, uma proposta para o fenômeno de parassíntese foi proposto por Bassani (2013), em que o núcleo R (relacionador), nó terminal sintático o qual será ocupado pelo prefixo, é concatenado à raiz antes do morfema sufixal categorizador, de modo que esse núcleo projeta seu rótulo sintaticamente na estrutura, não se comportando como um adjunto nesse caso (já que estes não fazem tal projeção) por ter uma função extremamente primordial para estipular a gramaticalidade da estrutura. É importante salientar que os prefixos presentes em formações de palavras parassintéticas não são os responsáveis por categorizar a construção, sendo este o papel do núcleo *v*, mas esses elementos, nessa proposta, apresentam estatuto sintático de núcleo, tal qual pode ser observado na figura 26.

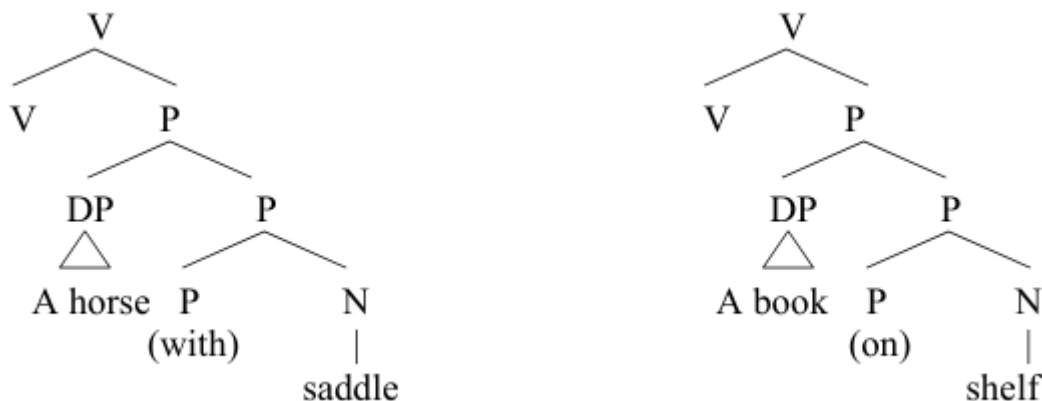
Figura 26: Árvore sintática do verbo *entardecer*

Fonte: Nóbrega et al (2023, p. 248) - Adaptado de Bassani (2013)

Além disso, Bassani (2013) discorre acerca do papel do prefixo na estrutura sintática. Nesse contexto, a autora, ao tratar sobre estrutura argumental diádica básica, demonstrou uma estrutura intitulada *depreposicional*, que são aquelas que, em algumas construções, a preposição atua como núcleo que possui um nome e um sintagma nominal como seu complemento e seu especificador, respectivamente. Segundo a pesquisadora, as preposições

funcionais podem projetar estrutura argumental, pois requerem saturação de argumentos (Bassani, 2013).

Figura 27: Categoria Preposição



Fonte: Bassani (2013)

Visto isso, Bassani (2013) estabelece uma semelhança entre os prefixos de formações parassintéticas e as proposições³². Para a autora, esses prefixos podem se comportar como representações fonológicas de núcleo lexicais e funcionais que introduzem o argumento externo. Também é dito que as partículas prefixais portam-se como alomorfes, e as distinções semânticas que a literatura atribui-lhes não são exibidas pelos prefixos em muitos casos.

Dessa forma, ao interpretar os prefixos como afixos derivacionais, outro debate surge na MD quanto à natureza desses afixos: esses elementos são raízes ou morfemas funcionais? (Marantz, 2001, 2007; Marvin, 2003; Lowenstamm, 2014; Creemers *et al.*, 2018; Scher e Monteiro, 2020). Em primeiro lugar, é válido pontuar que a Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993; Marantz, 1997 e outros) difere da concepção de morfema estipulada pelo estruturalista Bloomfield, que postula que o morfema é a unidade mínima da palavra que possui significado, sendo, portanto, “[...] uma forma recorrente (com significado) que não pode, por sua vez, ser analisada em formas menores recorrentes (com significado)” (Bloomfield, 1926, p. 48).

Na MD, por sua vez, os morfemas não são considerados formas recorrentes, devido a sua natureza abstrata, e apenas são instituídos de fonologia após a inserção de um Item de Vocabulário. Nesse sentido, entende-se o morfema abstratos como um feixe de traços morfossintáticos — sendo estes universais e interpretáveis (Chomsky, 1995) — que podem

³² Ainda neste capítulo foi mencionado que alguns prefixos são derivados de preposições, o que torna a proposta da autora bem interessante.

ser alocados sob os nós terminais sintáticos. Uma vez que o morfema é constituído por um conjunto de traços, isso significa que um mesmo morfema pode ser formado por traços distintos, tal como representado em (14).

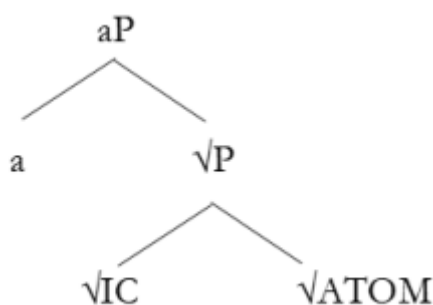
$$(14) \{F_1, F_2, F_3 \dots F_n\}$$

Os morfemas abstratos, encontrados na Lista 1³³, podem ser subdivididos em traços funcionais e raízes. Sendo assim, ao retomar a discussão acerca da natureza dos afixos derivacionais, Marantz (2001, 2007) e Marvin (2003) defendem a posição de que essas partículas correspondem a morfemas funcionais, os quais atuam como projeções de núcleos categorizadores. A proposta de Marantz (2001, 2007) evidencia que os afixos derivacionais são responsáveis por inserir uma fase (cada um introduz uma fase distinta) nas operações sintáticas da estrutura, resultando em uma ciclicidade dos efeitos fonológicos.

Em oposição a essa perspectiva, Lowenstamm (2014) alega que os afixos derivacionais constituem raízes, pois nem todos os afixos são capazes de selecionar a mesma categoria funcional. Dados contendo a partícula sufixal *-able*, do inglês, demonstram que esse expoente pode selecionar tanto uma categoria nominal (*constable*) quanto adjetival (*endurable*), levantando a questão de que não se pode atestar que essas partículas selecionam categorias funcionais, bem como não se pode atestar seu caráter como núcleos categorizadores, sendo, assim, uma estrutura desconsiderada pelo autor.

Com o objetivo de explicar a flexibilidade categorial de determinados afixos, o exemplo do adjetivo *atomic*, retirado de Marvin (2003), é trazido por Lowenstamm (2014) por meio da contestação de que o afixo *-ic* opera como núcleo que projeta a categoria de adjetivo da estrutura. Para o autor, o expoente *-ic* atuaria, assim como $\sqrt{\text{ATOM}}$, como raiz da estrutura, concatenando-se a esta de modo a projetar o sintagma $\sqrt{\text{P}}$, que, por conseguinte, seria concatenado a um categorizador adjetival, projetando, então *aP*. Nessa proposta, essas raízes só poderiam ser projetadas com a cooperação de outra raiz, o que as caracterizariam como raízes presas.

³³ Os fundamentos desse modelo teórico foram fornecidos mais detalhadamente no capítulo 2.

Figura 28: Proposta de categorização da palavra *atomic*

Fonte: Lowenstamm (2014) - retirado de Scher e Monteiro (2020)

Creemers *et al.* (2018) apresentam uma proposta conciliadora no que tange ao estatuto dos afixos derivacionais, que posteriormente foi reformulada por Scher e Monteiro (2000) para dar conta dos prefixos *des-* e *in-* do português brasileiro. Em uma primeira análise, Creemers *et al.* (2018) contra-argumenta a questão postulada por Lowenstamm (2014) ao alegar que nem todos os afixos derivacionais seriam categorialmente flexíveis, estabelecendo como núcleos de projeção categorial aqueles que não possuem tal flexibilidade, enquanto os demais seriam considerados raízes. Diante disso, esses elementos poderiam ser divididos em:

(15) 1. Afixos-l (lexicais): raízes (que serão anexadas a outras raízes, uma vez que são presas).

2. Afixos-f (funcionais): spell out de materiais funcionais.³⁴

2.a. Afixos-f (primeiras fases): concatenam-se a raízes.

2.b. Afixos-f (fases finais): concatenam-se a estruturas já categorizadas. (Creemers *et al.*, 2018)

Os critérios adotados para estabelecer qual categoria cada afixo irá assumir envolvem (i) questões de cunho fonológico, posto que é necessário averiguar qual é o papel do afixo em relação a mudança de acento; (ii) questões de natureza morfossintática, tendo em vista seu comportamento (in)flexível no que diz respeito à seleção categorial e à seleção da estrutura a qual será concatenada (raízes presas ou bases já categorizadas); e (iii) questões de caráter semânticos, já que a significação pode ser mais variável (apresentando significados

³⁴ No original: “We propose that there are two types of affixes: l(exical)-affixes, which are roots, and f(unctional)-affixes (following the terminology proposed by Harley and Noyer 1999), which are the spell-out of functional material”.

suscetíveis a idiossincrasias) ou mais uniforme (ao apresentar um significado mais composicional). A tabela 1 apresenta como tal divisão foi elaborada.

Tabela 2: Tipos de afixos

	Primeira fase		Fases finais
Tipos	a. afixos-l	b. afixos-f	c. afixos-f
	[u √P]	[u √P]	[u xP]
		[u x]	

Fonte: Adaptado de Creemers *et al.* (2018)

Passando agora para (37ii)³⁵, afirmamos que a distinção entre afixos-f no nível I e afixos-f no nível II reside nos seus requisitos de seleção. Propomos que todos os afixos de nível I (isto é, tanto os afixos-l como os afixos-f deste nível) se ligam a raízes não categorizadas, enquanto os afixos de nível II se ligam a estruturas já categorizadas. Seguimos Lowenstamm (2015) na contabilização desses diferentes requisitos de seleção por meio de verificação de traços. Conforme mostrado na Seção 3, Lowenstamm propõe que os afixos têm traços diferentes que precisam ser verificadas: os afixos de nível I têm um traço de raiz não interpretável [u √P], enquanto os afixos de nível II precisam verificar um traço de categoria não interpretável [u xP]. Finalmente, também é possível ter afixos-f sem restrições seletivas específicas. Isto é, permitimos afixos com um traço [u x] (novamente seguindo Lowenstamm) que são satisfeitos pela fusão com qualquer categoria ou raiz possível. Tais afixos ocorrem tanto com raízes quanto com estruturas categorizadas e, além disso, mostram um comportamento de mudança de acento sempre que se fixam às raízes, ao passo que são neutros em termos de acento quando se fixam a uma estrutura categorizada.³⁶ (Creemers et al, 2018, p. 67, tradução própria)

Scher e Monteiro (2020), ao observarem as características de cada afixo (encontradas na figura 28), destacaram que os prefixos de negação *in-* e *des-* parecem não se adequar totalmente a nenhum dos tipos de afixos definidos por Creemers et al. (2018).

³⁵ (37ii) “F-affixes can have different selectional requirements: [u √P], [u xP] or [u x]”.

³⁶ No original: “Turning now to (37ii), we claim that the distinction between f-affixes at level-I and f-affixes at level-II resides in their selectional requirements. We propose that all level-I affixes (i.e. both the l-affixes and f-affixes of this level) attach to uncategorized roots, whereas level-II affixes attach to already categorized structures. We follow Lowenstamm (2015) in accounting for these different selectional requirements by means of feature checking. As shown in Sect. 3, Lowenstamm proposes that affixes have different features that need to be checked: level-I affixes have an uninterpretable root-feature [u √P], whereas level-II affixes need to check an uninterpretable category-feature [u xP]. Finally, it is also possible to have f-affixes with no specific selectional restrictions. That is, we allow affixes with a feature [u x] (again following Lowenstamm) that are satisfied by merger with any possible category or root. Such affixes occur both with roots and categorized structures, and moreover, show stress-shifting behavior whenever they attach to roots, whereas they are stress-neutral when attaching to a categorized structure”.

Figura 29: Características de cada tipo de afixo

Tipos de afixos	a. afixos-l	b. afixos-f	c. afixos-f
Características	Juntam-se a outras raízes; São categorialmente flexíveis; Geram mudança de acento; Apresentam menor uniformidade semântica.	Juntam-se a outras raízes; Não são categorialmente flexíveis; Geram mudança de acento; Apresentam menor uniformidade semântica.	Juntam-se a estruturas já categorizadas; Não são categorialmente flexíveis; Não geram mudança de acento; Apresentam maior uniformidade semântica.

Fonte: Scher e Monteiro (2020)

As autoras apontam que tais prefixos, no que se refere à questão de natureza fonológica, não possuem acento, pois apresentam neutralidade em relação à acentuação, o que faz com que não haja mudança prosódica nas estruturas as quais são adjungidas. Quanto às características morfossintáticas, ambos demonstram uma flexibilidade categorial, tendo em vista que o *in-* concatena-se a bases adjetivais e verbais, enquanto o *des-* une-se a estruturas nominais, adjetivais e verbais. Ainda, os dois prefixos de negação aparentam, por meio da análise do *corpus* colhido, juntar-se a bases já categorizadas ao invés de raízes³⁷. Por fim, em termos de características semânticas, o *in-* e o *des-* diferem um pouco nesse âmbito. O primeiro apresenta uma maior uniformidade de significado, constituindo estruturas composicionais. Já o segundo uma maior variabilidade de significado, com o traço de negação envolvido em todas as possibilidades semânticas, conforme Scher e Monteiro (2020).

Figura 30: Características dos prefixos negativos *in-* e *des-*

	Prefixo <i>in-</i>	Prefixo <i>des-</i>
Características	Junta-se a estruturas já categorizadas; É categorialmente flexível (une-se a bases verbais e adjetivais); Não gera mudança de acento; Apresentam relativa uniformidade semântica.	Junta-se a estruturas já categorizadas; É categorialmente flexível (une-se a bases verbais, adjetivais e nominais); Não gera mudança de acento; Apresentam maior diversidade semântica, embora mantenha o traço comum de negação nas interpretações distintas.

³⁷ As autoras destacam um debate interessante acerca dessa análise, em que Schwindt (2001) argumenta que o prefixo *des-* pode ser concatenado a raízes em estruturas parassintéticas, como na palavra *descamisar*. No entanto, outros trabalhos envolvendo a Morfologia Distribuída, como de Bassani, Medeiros e Scher (2011) e Medeiros (2010), compreendem que a adjunção seria feita a uma base categorizada.

Fonte: Scher e Monteiro (2020)

Devido ao não enquadramento completo em nenhum dos três tipos de afixos da classificação de Creemers *et al.* (2018), Scher e Monteiro (2020) consideraram os prefixos de negação analisados como morfemas funcionais e optaram por reformular tal classificação a fim de adequá-los a uma classificação. Para isso, as autoras defendem que esses morfemas funcionais “não atuam como spell-out de núcleos categorizadores e sim como o núcleo de uma projeção de um núcleo funcional de valor negativo” (Scher e Monteiro, 2020, p. 290), intitulado Núcleo Neg, tais afixos também seriam introduzidos nas fases posteriores (como observado na figura 30). Como característica, os afixos-f-neg seriam aqueles que não modificam o acento, juntam-se a bases já categorizadas, apresentam maleabilidade categorial e carregam um traço negativo em comum, o qual pode manifestar-se de múltiplas formas.

Figura 31: Reformulação da classificação de Creemers *et al.* (2018)

Tipos de afixos	Primeira fase		Últimas fases	
	a. afixos-l	b. afixos-f	c. afixos-f	d. afixos-f-neg
	[u √]	[u √]	[# xP]	[# xP]
		[# x]		

Fonte: Scher e Monteiro (2020)

Com essa remodelação da proposta Creemers *et al.* (2018), verifica-se a dificuldade de classificação dos elementos prefixais como um todo, visto que cada prefixo tem suas idiossincrasias. A ampliação da classificação passou a contemplar o prefixo *des-*, mas será que contemplaria todos os prefixos? Essa resposta ainda está em aberto, e, para obtê-la, seria preciso uma análise mais aprofundada com prefixos específicos, o que não é o foco desta pesquisa.

Já no modelo construcionista de Gramática Gerativa intitulado Exoesqueletal, um dos modelos adotados nesse estudo, a bibliografia sobre prefixos não é tão extensa quanto na MD. Sobre o estatuto do prefixo, Borer (2013a) discorre acerca da complexidade de definição de afixos não categorizadores. Previamente, Borer (2005b), levantou duas possibilidades, ainda em aberto naquele momento, para expressões prefixadas (como *remit*, *commit*, *permit* etc): (i) a primeira seria supor que estes vocábulos apresentam idiomatidade, e os prefixos seriam responsáveis por atribuir domínio a alguma estrutura funcional, como estrutura aspectual; (ii) a outra possibilidade seria defini-los como formas potencialmente complexas

que permitiriam interpretações combinatórias. Nesse caso, *mit* seria “um verdadeiro listema que contribui com sua própria interpretação” (Borer, 2005b, p. 353), mas necessitaria de uma prefixação adicional por não ser um vocábulo identificável na língua. Nesse esquema, os prefixos atuariam como categorizadores morfológicos, e a inserção do prefixo preservaria a complexidade morfofonológica do empréstimo linguístico do listema, de origem latina, feito pelo inglês, mas não seu valor funcional. As estruturas abaixo representam, respectivamente, cada um dos casos apresentados.

- (16) a. $[(e^a > [_{L-D} \pi mit])] \Leftrightarrow [\{re-; con-; e-\} . \pi_{mit} <e> [v \pi mit]]$
 b. $[_v \{re-; con-; e-\}_{L-D} \pi mit]$

Em síntese, nota-se que não há uma definição plena acerca do fenômeno de prefixação, o que demonstra ser uma área com múltiplos caminhos a serem explorados. Nesta dissertação, assume-se que os prefixos constituem morfemas funcionais (ou funtores gramaticais) que, ao serem adjungidos na periferia esquerda de uma base – sendo esta uma raiz ou uma palavra –, não definem sua categoria. No entanto, tais partículas contribuem para a inserção de novos significados, o que as confere uma função de modificador da estrutura. Por último, esses itens funcionais mostram-se bem produtivos quando dispostos a processos recursivos, o que será melhor discutido no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4. A RECURSIVIDADE DOS PREFIXOS

Como visto no capítulo 2, a recursividade, considerada uma das predições teóricas da Gramática Gerativa, é um fenômeno que aparece em diversas áreas da vida, como em cálculos matemáticos, e também se encontra na língua por meio da criatividade linguística do falante. No âmbito linguístico, observa-se esse processo de encaixe não apenas em estruturas maiores, como em sintagmas e sentenças, mas também na palavra, local em que a sintaxe também opera conforme os aparatos das gramáticas construcionistas adotadas, através de operações concatenativas envolvendo os morfemas funcionais. Além disso, esse método recursivo possibilita a formação de palavras complexas.

(17) a. globalização: [[[[[glob]_R Ø]_n al]_a iza]_v ção]_n

b. indeferir: _{pr}[in _{pr}[de [[fer]_R ir]_v]_v]_v

Constata-se, então, que tanto sufixo quanto prefixos podem ser adjungidos a uma base repetidas vezes por intermédio de manipulações sintáticas. Limitando-se essa recursão às palavras prefixadas, surge um questionamento que norteia essa pesquisa: até que ponto essa recursividade é possível no português brasileiro? Sobretudo, até que ponto os prefixos podem ser anexados a uma estrutura possibilitando um significado especial à palavra resultante? Para discutir essas questões, esse capítulo irá percorrer os debates que viabilizaram a proposta deste trabalho e irá abordar esse fenômeno recursivo nos vocábulos com o fito de averiguar quais são os limites para a idiomaticidade em palavras complexas no PB.

4.1 Os prefixos *re-* e *des-*

Os prefixos do português *re-* e *des-* são objetos de estudo de inúmeras análises envolvendo o fenômeno da prefixação (Marantz, 2007; Medeiros, 2010, 2012, 2016; Scher e Monteiro, 2020 etc). Considerações sobre o prefixo *re-*, sobretudo, levaram à ideia central desta pesquisa. Sendo assim, o presente capítulo busca traçar os caminhos responsáveis pelo surgimento da hipótese central do trabalho acerca dos limites para a idiomatização em palavras prefixadas, o qual começou com o prefixo *re-*.

4.1.1 O prefixo re- com valor restitutivo

Stechow (1996), em sua análise envolvendo o advérbio alemão *wieder* e o inglês *again* (de novo / novamente), observa que há uma ambiguidade nesses termos, pois podem apresentar uma leitura com valor repetitivo ou restitutivo, como observados nas sentenças abaixo:

(18) a. [*Jemand öffnete die Tür um neun Uhr.*] *Eine halbe Stunde später wurde die Tür wieder geöffnet.*

‘[Somebody opened the door at nine o’clock.] Half an hour later the door was opened again’.

‘[Alguém abriu a porta às nove horas.] Meia hora depois a porta foi aberta novamente’.

b. [*Hans schloß langsam die Tür.*] *Sie wurde jedoch sofort wieder geöffnet.*

‘[Hans slowly shut the door.] But it was immediately opened again’.

‘[Hans fechou a porta lentamente.] Mas ela foi imediatamente aberta de novo.’

Em (18.a), nota-se a leitura de que houve um evento anterior, nesse caso a abertura da porta por alguém, que aconteceu novamente. Já em (18.b), Hans fechou a porta, o que significa que ela estava aberta antes e, após seu fechamento, foi aberta de novo. Logo, verifica-se que houve uma restituição de um estado desse evento que já existia anteriormente: a abertura da porta. Desse modo, tem-se uma leitura repetitiva em (18.a) e uma leitura restitutiva em (18.b), o qual demonstra uma ambiguidade que “reflete o locus de anexação de *again* na sintaxe, em que *again* modifica o evento ao qual se anexa. A ambiguidade argumenta em favor de uma análise bi-eventiva de *vPs* de realização”³⁸ (Marantz, 2007).

A partir do estudo de Stechow (1996), Marantz (2007), com base na Morfologia Distribuída, alegou que o prefixo *re-*, do inglês, diferentemente do que é observado para os advérbios *wieder/again*, sempre apresentaria um valor restitutivo do verbo, nunca o repetitivo. Isso pode ser visto nos exemplo em (19):

(19) a. *The walls in the house were green long before they purchased it; they plan to re-paint them (white) as soon as they can.*

³⁸ No original: “The ambiguity reflects the locus of attachment of *again* in the syntax, where *again* modifies the event to which it attaches. The ambiguity argues for a bi-eventive analysis of accomplishment *vPs*.”

‘As paredes da casa já eram verdes muito antes de comprarem-na; eles planejam repintá-las (branco) assim que puderem.’

b. *The door of the cabinet was built open, and John closed it for the first time when he brought it home. Mary then re-opened the door.*

‘A porta do armário foi aberta, e John a fechou pela primeira vez quando a trouxe para casa. Mary então reabriu a porta.’

Nas duas sentenças acima, os estados dos eventos ocorridos em um momento prévio são restaurados. A frase em (19.a) não possui uma leitura de repetição porque as paredes não serão pintadas novamente de verde, mas sim de branco. As paredes da casa já tinham sido pintadas, então, ao repintá-las, esse estado de ser “pintada” é restaurado. O mesmo ocorre em (19.b), a porta já havia sido aberta antes, mas não necessariamente pela Mary, quem reabriu a porta, restaurando o estado prévio em que o objeto foi aberto. Isso significa que a estrutura [*re*-Verbo] (no inglês), não repete a atividade representada por todo o VP, mas se refere à reocorrência do estado dentro do VP (Marantz, 2007).

Esse valor restitutivo do prefixo *re-* não foi observado só no inglês. Medeiros (2012) também tece algumas considerações sobre esse prefixo no PB, defendendo que tal partícula tem a capacidade de alterar a subeventualidade estativa interna ao VP e tem escopo sobre uma parcela das representações sintáticas das estruturas de evento dos verbos. Ao dialogar com as propostas de Marantz (2007), o autor, também seguindo a vertente da MD, busca compreender a natureza do prefixo *re-* no português a fim de entender sua interpretação dicionarizada de “repetição”, bem como sua contribuição semântica para as estruturas a qual se anexa.³⁹

No que tange ao valor restitutivo do *re-* no português, tem-se como exemplo a seguinte situação fornecida pelo morfólogo:

Imagine-se a seguinte situação: estou preocupado com problemas que as raízes de uma bela árvore em meu quintal podem estar causando às fundações da minha casa. Juntamente com meu caseiro, cavo a terra em volta da árvore atrás das suas raízes, para expô-las. Expostas as raízes, verifico que elas não estão causando danos à minha casa nem ameaçam suas fundações. Sendo assim, *reenterramos* as raízes,

³⁹ Neste trabalho, não irei me aprofundar em todas as definições e propostas estabelecidas pelo autor, apenas me atentarei aos pontos que impulsionam o desenvolvimento dessa pesquisa.

pois desejo que a árvore continue firme, embelezando meu quintal. (Medeiros, 2012, p. 584).

Ao observar o evento de *reenterrar as raízes*, pode-se perceber que o prefixo *re-* não poderia significar repetição nesse caso, posto que o evento de *enterrar as raízes* nunca aconteceu. Tendo em vista essa percepção, Medeiros (2012) nota que o *re-* ser interpretado como repetição pode ocasionar uma anomalia semântica porque não é possível repetir um evento que nunca ocorreu, já que as raízes não foram enterradas ou se enterraram. Dessa forma, assim como Stechow (1996) para o advérbio *wieder* e Marantz (2007) para o prefixo *re-* do inglês, o autor irá defender uma leitura restitutiva para a partícula *-re* do português, mas busca depreender se a chamada leitura repetitiva (Stechow, 1996) também é possível.

Para tal verificação, Medeiros (2012) tentou prefixar verbos de atividade, que em suas interpretações não contenham um estado atingido:

(20) Verbos de atividade inergativos: *#recorrer*⁴⁰ (significando “correr de novo”), **redormir*, **reandar*, **recaminhar*, *#reagir* (significando “agir de novo”), **reviajar*, **regritar*, **ressorrir*, **rerrir*, **rerrespirar*, **refalar*, **rebailar*, **redançar*, **recantar*, **repular*, etc. (Medeiros, 2012)

Os exemplos fornecidos sustentam a hipótese de que o prefixo *re-* não “repete” qualquer estrutura eventiva, pois os verbos exemplificados acima não abrangem um estado atingido por seu único argumento (nos casos em que são intransitivos). Para Medeiros (2012), mesmo que seja incluído um complemento cognato, como em (21a), ou um complemento quantificado, tal qual em (21b), a prefixação nesses casos é agramatical ou apresenta uma aceitabilidade muito marginal, mesmo que esses complementos viabilizem um fim para o evento determinado pelo VP. Entretanto, vê-se que o prefixo é licenciado em (21c) embora não haja um fim para o evento denotado pelo VP⁴¹, mas a interpretação do VP “implica mudança de estado da denotação do complemento” (Medeiros, 2012, p. 586).

(21) a. **Ele regritou* seu grito de guerra.

b. **?Ele reandou* 10 metros.

⁴⁰ O autor ressalta o fato de as palavras com o símbolo # existirem na língua, mas não serem utilizadas com o sentido evidenciado entre parênteses.

⁴¹ Nesse caso, Medeiros (2012) ressalta que os eventos individuais que integram o evento veiculado pelo VP possuem um ponto final, isto é, cada reconstrução particular de uma casa consiste em um fim de um evento, mas isso não significa que o evento de reconstruir casas se encerrou.

c. Ele *reconstruiu* casas por anos.⁴²

A partir dessa análise, Medeiros (2012) assume a hipótese de que a categoria semântica “estado” contribui para que o prefixo *re-* seja licenciado. Isso não significa que qualquer verbo que denota estado irá permitir o licenciamento, já que exemplos como **reamar* e **reodiar* são puramente estativos, mas apresentam agramaticalidade quando há a inserção dessa partícula. Isso ocorre porque tais verbos indicam os estados de seus sujeitos, e não um estado atingido pelos complementos⁴³. Sendo assim, o prefixo é aceito em verbos que possuam em seu significado um estado atingido pela denotação do seu complemento, sendo ressaltados os seguintes casos:

- (1) uma raiz ou radical que denote um estado atingido;
- (2) um sintagma preposicional complemento que também denote um estado decorrente do evento descrito pelo verbo;
- (3) algum tipo de sintagma preposicional incorporado, como ocorre em algumas análises (HALE; KEYSER, 1993) para verbos do tipo location-locatum, que, do mesmo modo, denote um estado atingido;
- (4) uma predicação interna, estativa, criada por algum morfema associado ao verbo. (Medeiros, 2012, p. 592)

Ainda segundo Medeiros (2012), o prefixo não faz seleção categorial, mas sim semântica. Isso quer dizer que o prefixo pode ser concatenado a uma base que possua qualquer categoria, mas, para que haja uma compatibilidade, tal elemento ao qual o prefixo foi anexado precisará ter o mesmo tipo semântico do prefixo quando a derivação sintática alcançar a interface com a interpretação semântica. E em determinados casos mais incomuns, uma interpretação estativa (mudança de tipo) do componente da estrutura que o prefixo tem escopo dentro da fase vP pode ser forçadamente ocasionada pela própria interferência do expoente prefixal.

Na concepção do autor, os elementos que sofrem essa mudança geram uma predicação e denotam estados. Quando o prefixo faz o *merge* com a estrutura e proporciona a modificação desses elementos, há uma devolução de algo do mesmo tipo semântico. Nesse contexto, ao admitir que $\langle e, \langle s, t \rangle \rangle$ é o tipo semântico do predicator, “isto é, que denota uma função que mapeia uma entidade em uma função que mapeia uma eventualidade num valor

⁴² Parte dos exemplos citados em Medeiros (2012).

⁴³ Na sentença “João amou Maria”, Medeiros (2012) argumentou que o acarretamento não é que Maria ficou amada por João.

verdade” (Medeiros, 2012, p. 598), o prefixo tem o tipo semântico: $\langle\langle s, t \rangle, \langle s, t \rangle\rangle$. Com base nisso, Medeiros (2012) propõe uma definição semântica preliminar para o *re-*:

(22) Definição semântica do *re-*
 $\lambda f_{\langle s, t \rangle} . \lambda s_s . [[\text{AGAIN}]] f(s_s)$

(Medeiros, 2012, p. 598)

O operador AGAIN introduzirá a pressuposição na estrutura, tomando um estado (a variável *s*). Não basta, entretanto, uma ocorrência anterior do estado para caracterizar as condições de verdade veiculadas pelo operador; é necessário que a reocorrência do estado parta de uma situação em que o estado a ser repetido não mais esteja valendo na ocasião de sua repetição. (Medeiros, 2012, p. 598)

Tal análise do autor possibilitou uma consequência envolvendo a sobreposição do *re-* e a interação com outros prefixos, o que serviu de pontapé inicial para esse trabalho. Conforme Medeiros (2012), há a possibilidade de um verbo ser prefixado com o *re-* não apenas uma vez, considerando o fato de que, de acordo com as propostas feitas, o prefixo toma e devolve um estado, tendo apenas a restrição de tomar estados dentro de seu escopo. Assim, estruturas como a de (23) seriam permitidas no português.

(23) “Ainda sinto que a reconstrução do Haiti, após o terremoto, por que 2x re, a primeira re estava em andamento, quando veio a catástrofe [...]”⁴⁴

Além disso, Medeiros (2012) observa que o tipo semântico do *re-* é o mesmo que o proposto para o *des-* em Medeiros (2010): $\langle\langle s, t \rangle, \langle s, t \rangle\rangle$ ⁴⁵, já que defende que ambos os prefixos tomam e devolvem estados sem mudar a natureza da subeventualidade tomada. Isso significa que os dois prefixos poderiam se anexar um sobre o outro, tal como pode ser evidenciado em (24a) e (24b).

(24) a. “A proposta dos antropófagos era *redesconstruir* o Brasil, olhando para sua (...) necessidade de repensar e *redesconstruir* as práticas educativas em que não (...)”

⁴⁴ O trecho do artigo de Medeiros (2012) foi retirado de: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/veja-1-carta-ao-leitor-o-melhor-e-o-pior-do-homem>.

⁴⁵ Análise que será refutada em Medeiros (2016).

b. “Mia Couto firmou-se através de uma (...) deslumbrante arte de ‘*desreconstruir*’ a palavra, o fraseado, a língua comum.”

Com isso, observou-se parte do percurso envolvendo a análise do prefixo *re-* no PB, tendo início em sua propriedade restitutiva, já apresentada para o advérbio *wieder* (Stechow, 1996) e o prefixo *re-* do inglês (Marantz, 2007). Posteriormente, Medeiros (2012), ao se propor compreender tanto a distribuição quanto a contribuição semântica do prefixo *re-* no português, abriu portas para uma temática que viria a ser debatida mais tarde por Medeiros (2016) e que determinou o ponto de partida dessa pesquisa: a recursividade na sobreposição de prefixos.

4.1.2 A sobreposição de prefixos iguais

Acerca do tópico que abarca a sobreposição de prefixos, observa-se que o fenômeno da recursividade pode ser abordado. Em Medeiros (2016), ao buscar pela explicação sobre a distribuição dos prefixos *re-* e *des-* no ambiente verbal, bem como suas relações semânticas e sua relação com a estrutura verbal, contrapondo-se, inclusive, a propostas discutidas em trabalhos anteriores (Medeiros, 2010, 2012), o autor argumenta sobre a possibilidade de haver mais de uma inserção desses prefixos nos verbos, e essas novas ocorrências “serão (re)aplicações de uma mesma regra de interpretação ao resultado de sua aplicação imediatamente anterior” (Medeiros, 2016, p. 57), como exemplificados abaixo:

(25) a. João *desdesmarcou* o encontro de amigos na sua casa.

b. Pedro *rerreavaliou* os documentos apresentados pelo advogado.

Os exemplos destacados por Medeiros (2016) apontam uma sobreposição dos prefixos *re-* e *des-*. Em (25a), com a segunda inserção do prefixo *des-*, ocorre uma inversão ou negação do estado resultante da inversão ou negação anterior, isto é, da ação de *desmarcar*. Logo, aconteceu, em primeiro lugar, o evento de *marcar o encontro*, que foi invertido ou negado com a primeira ocorrência do prefixo, resultando na *desmarcação do encontro*, que, em seguida, também, teve seu evento resultante invertido ou negado, em que houve a *desdesmarcação do encontro*, ou seja, o encontro não está mais desmarcado, e sim marcado.

A exemplificação feita em (25b) passa por um processo semelhante. Primeiro ocorre o ato de *avaliar os documentos apresentados pelo advogado*, após esse acontecimento, ao ser

realizado o *merge* do prefixo com a estrutura verbal, nota-se que tal avaliação é feita novamente, isto é, há uma reavaliação, que denota uma nova repetição com a segunda ocorrência do prefixo, fazendo com que os documentos sejam, portanto, *rerreavaliados*. Medeiros (2016) salienta que a significação dicionarizada de “repetição” é a única que pode ser mantida nas reaplicações desse prefixo. A palavra *realçar* demonstra essa questão, pois o *re-* nesse caso possui significado de “intensificação”, mas *rerrealçar* repete o processo de *realçar*.

O autor destaca que não é qualquer prefixo que possui a capacidade de se sobrepor. Essa propriedade não pode ser vista nos prefixos *a-* e *en-*, por exemplo, já que não é possível *enengavetar* os documentos ou *a-acarpetar* a sala. Sendo assim, Medeiros (2016) argumenta que há dois tipos de prefixo: os adverbiais (como *re-* e *des-*) e aqueles que geram, a partir de bases nominais, estrutura argumental. Contudo, é válido ressaltar que o prefixo *en-* nem sempre irá se concatenar a estruturas oriundas de bases nominais, já que é possível identificar essa partícula em verbos que farão parte da análise dessa dissertação, como: entender, encantar e enrolar.

É relevante destacar aqui outros dois prefixos, não trabalhados ou citados por Medeiros (2016), que possuem essa propriedade de se sobrepor, são eles: *ex-* e *contra-*, encontrados nos exemplos em (26). No que diz respeito às suas classificações, com base nos tipos de prefixos definidos pelo autor, observa-se que o prefixo *contra-* pode ter caráter adverbial, ao passo que o expoente *ex-* não assume esse comportamento, o que contribuiria para uma proposta de que esse prefixo, com valor de estado anterior, é um modificador adnominal, já que sua aparição ocorre apenas em nomes⁴⁶.

(26) a. “Além disso, testemunhas já haviam contado que o casal (?) estava em clima de intimidade durante uma festa privada no festival Coachella, e Bella chegou a assistir ao show do *ex-ex-namorado* na área VIP”⁴⁷.

b. Os guerreiros pareciam derrotados, mas decidiram *contra-contra-atacar* seus inimigos no último instante.

Algumas propriedades do *re-* e do *des-* ressaltadas por Medeiros (2016) contrapõem o que foi postulado em Medeiros (2012). O autor mostra que esses prefixos não possuem uma

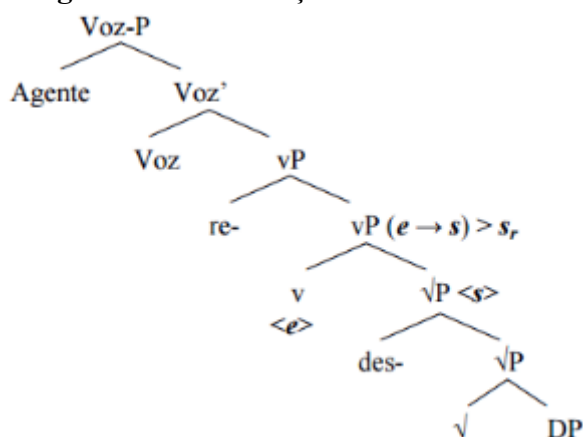
⁴⁶ Os dados analisados são provenientes do Corpus do Português. Até o presente momento, não foi encontrado nenhum uso dessa partícula com essa significação em outras categorias.

⁴⁷ Ver em: <https://capricho.abril.com.br/famosos/voltaram-the-weeknd-assiste-desfile-de-bella-hadid-em-cannes/>.

mesma distribuição entre os verbos, já que verbos como conhecer e respeitar podem ser prefixados com o *-des* (*desconhecer*, *desrespeitar* etc.), mas o *re-* (*#reconhecer*, *??rerrespeitar* etc.) apresenta uma aceitabilidade menor quando comparado ao primeiro. O contrário também ocorre, visto que verbos como ler e interpretar possuem uma aceitabilidade bem natural quando há a anexação do *re-* (*reler*, *reinterpretar* etc.), diferindo da pouca aceitação com o prefixo *des-* (*??desler*, *??desinterpretar* etc.).

Como visto em Medeiros (2012), esses prefixos podem coocorrer, todavia, diferentemente de seu trabalho anterior, Medeiros (2016) argumenta que, em uma leitura composicional, em que o *re-* significa “repetição” e o *des-* significa “negação”, o primeiro pode se sobrepor ao segundo (O governo quer redesmilitarizar a polícia), mas o oposto é incomum, ocorrendo em cenários contestáveis (*O governo quer desremilitarizar a polícia). Tendo em vista as características dessas partículas, Medeiros (2016) formula a seguinte distribuição dos prefixos:

Figura 32: Distribuição do *re-* e do *des-*



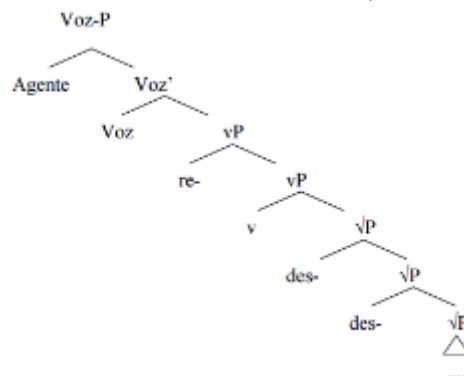
Fonte: Medeiros (2016)

A estrutura elaborada pressupõe, então, que os prefixos analisados são modificadores adverbiais, os quais são inseridos na estrutura por meio de uma operação *Pair-Merge*, pois não há mudança de categoria dos componentes aos quais tais prefixos se concatenam. O autor também enfatiza que não há uma interpretação desses elementos como itens funcionais adjungidos à estrutura via *Set-Merge* porque esses expoentes acabariam projetando categoria, de modo que a categoria projetada na primeira ocorrência do prefixo não seria tida como base em sua reinserção.

Uma vez que os prefixos *re-* e *des-* são adverbiais, o autor, ao trabalhar com a teoria de fases dentro das palavras (Marantz, 2001; Marantz, 2013; etc.), reflete sobre a

possibilidade da existência de mais de uma prefixo recursivo em uma mesma fase, de maneira a influenciar o significado especial previsto para a raiz. Isso pode ser visto na figura 32, que demonstra como o prefixo recursivo *des-* teria sua segunda ocorrência em uma camada abaixo do verbalizador, o qual determinaria uma fase, ao se adjungir ao sintagma raiz que já havia sido concatenado a esse prefixo previamente. Ainda, a estrutura abaixo ratifica uma coocorrência *redesdes-*.

Figura 33: Coocorrência *redesdes-* (árvore sintática)



Fonte: Medeiros (2016)

A esquematização acima não explica o motivo de novas inserções dos prefixos recursivos não redefinirem um novo significado especial para a raiz, haja vista que a fase só seria finalizada acima dessas reinserções. Surge, então, o ponto que culminou na hipótese desta pesquisa, pois o autor sugere que não haveria significados novos atribuídos à raiz nas reocorrências dos prefixos analisados, isto é, “uma segunda ocorrência dos prefixos *re-* e *des-* nunca é idiomática” (Medeiros, 2016, p. 57).

Fundamentado nas discussões de Marantz (2007), Medeiros (2012) e Medeiros (2016), este trabalho, partindo das propriedades atribuídas aos prefixos *re-* e *des-*, defende que haveria um limite para a idiomatização de palavras prefixadas com prefixos iguais, dado que a segunda segunda inserção de uma mesma partícula prefixal não libera o composto para novas idiomatizações. Evidencia-se como hipótese, portanto, que o processo de sobreposição de prefixos iguais demarca esse limite. Mas o que acontece com casos como *comprometer*, por exemplo, em que a inserção de um segundo prefixo, neste caso um prefixo diferente, possibilita uma nova negociação de significado?

4.2 O fenômeno recursivo em prefixos diferentes

Antes de responder a pergunta deixada no final da seção anterior, é interessante relembrar que o fenômeno da recursividade não é limitado à reinserção de prefixos iguais como ocorre com *re-*, *des-*, *ex-* e *contra-*, por exemplo. No início do capítulo foi exemplificado o caso de indeferir (_{pr}[in _{pr}[de [[fer]_R ir]_v]_v]_v), em que duas partículas prefixais distintas, o *in-* e o *de-*, foram concatenadas em um processo de recursão. Como foi mencionado no capítulo 2, a recursividade pode ser potencialmente infinita. Nesse contexto, observa-se que sua ocorrência no português tem caráter bastante produtivo, como se verá nesta seção.

Imagine-se a seguinte situação: Um professor, após a aula de Linguística I na universidade, viu que estava atrasado para encontrar sua esposa. Então, na correria, *meteu* o material da aula na mochila e partiu correndo para o encontro. Chegando lá, ao ver sua esposa irritada, *prometeu* que a levaria para jantar e se *comprometeu* em ajudar o seu sogro na montagem dos móveis. Em uma briga com seu sogro implicante, o professor se *descomprometeu* a auxiliá-lo. Quando sua esposa veio reclamar da situação, o marido decidiu que ajudaria novamente na tarefa (*desdescomprometendo-se*) e, devido a um novo desentendimento, acabou se *redescomprometendo*, e o sogro montou tudo sozinho.

Essa história inventada demonstra como o fenômeno de prefixação é rico no português brasileiro, como visto em 27.

(27) Verbo: meter

- a. [prefixo] + verbo: ***prometer***
- b. [prefixo] + [prefixo] + verbo: ***comprometer***
- c. [prefixo] + [prefixo] + [prefixo] + verbo: ***descomprometer***
- d. [prefixo] + [prefixo] + [prefixo] + [prefixo] + verbo: ***redescomprometer***

Um fato curioso é que seria possível continuar esse processo de encaixe mais um pouco, mas apenas com a inserção (ou sobreposição) dos prefixos *re-* e *des-*, o que traz indícios de que essas partículas são mais suscetíveis a processos concatenativos na língua do que outras. Independente de serem mais produtivas ou não, vê-se que a prefixação pode ocorrer por várias camadas em uma palavra complexa, mas quantas dessas camadas apresentam leitura idiomática? No próximo capítulo, serão analisadas palavras complexas do português brasileiro que possuem idiomaticidade para além da primeira camada, a fim de

entender até que ponto da derivação tal fenômeno ocorre e como as abordagens construcionistas lidam com esse processo.

CAPÍTULO 5. A IDIOMATICIDADE EM CAMADAS PREFIXAIS

Como já foi pontuado nesta dissertação, prefixos podem ser recursivos e bem atuantes nas interpretações semânticas das palavras. Uma vez que o fenômeno recursivo tem capacidade infinita de ocorrência, infere-se que a recursão pode proporcionar múltiplas concatenações entre os constituintes nas línguas. O que impede esse processo de continuar ilimitadamente tem relações com outros fatores, como as particularidades de cada língua, por exemplo, ou fatores relacionados aos módulos mentais. No português, a recursividade de prefixos apresenta uma enorme produtividade, pois tais partículas não só contribuem composicionalmente nos significados de vocábulos mas também na atribuição de novas significações, como já foi pontuado em Pederneira (2010) e reiterado nesta pesquisa.

(28) Palavras idiomáticas após a primeira camada

- a. **Comprometer:** meter - *prometer* - *comprometer*
- b. **Indispor:** por - *dispor* - *indispor*
- c. **Desenrolar:** rolar - *enrolar* - *desenrolar*
- d. **Acometer:** meter - *cometer* - *acometer*
- e. **Desenvolver:** volver - *envolver* - *desenvolver*
- f. **Desconversar:** versar - *conversar* - *desconversar*
- g. **Desencantar:** cantar - *encantar* - *desencantar*⁴⁸

Os dados deste trabalho limitam-se a verbos, já que, na etapa atual da pesquisa, optou-se por utilizar palavras que não tivessem muita interferência do sufixo em seu significado, e não foram encontrados nomes e adjetivos com idiomatizações em mais de uma camada (isso não quer dizer que não existam tais vocábulos). No entanto, é interessante ressaltar que algumas palavras em sua forma participial demonstram um comportamento passível de análise.

Um exemplo breve é o adjetivo *desimpedido*. Em uma análise superficial, tem-se que os verbos *pedir*, *impedir* e *desimpedir* compartilham raiz, formando uma família de palavras,

⁴⁸ Por mais que desempenham o mesmo papel dos três verbos selecionados, os verbos *desconversar*, *desenvolver* e *desencantar* foram preteridos devido ao pouco uso das partes *versar* (298), *volver* (245) e *desencantar* (227) segundo o *Corpus do Português*. Por mais que este trabalho não envolva frequência de uso, para não entrar em uma análise repetitiva, esse critério foi usado e, por isso, optou-se por apenas mencioná-los.

juntamente com expedir, despedir etc. Porém, por mais que haja uma idiomatização em *impedir*, *desimpedir* aparenta ser composicional em relação a *impedir*. Por outro lado, o adjetivo desimpedido pode remeter a “alguém solteiro”, o que demonstra uma irregularidade semântica com relação a *impedir*. E embora a participação do sufixo *-ido* tenha sido fundamental para o novo conteúdo semântico estabelecido e para a mudança de categoria, é possível defender que o prefixo também atuou nessa idiomatidade do vocábulo, já que *impedido* não se apresenta em *desimpedido* (alguém solteiro) em termos de significado.

Diante disso, com base na junção dos fenômenos da recursividade e da idiomatização, este capítulo tem o objetivo de analisar verbos prefixados no português brasileiro que contenham leituras idiomáticas para além da primeira camada. Entende-se que o limite para significados especiais não é o mesmo visto em prefixos iguais, observados em Medeiros (2012, 2016). Para tal análise, portanto, serão analisadas três palavras complexas idiomáticas no PB fundamentado nas premissas, discutidas até o momento, dos modelos construcionistas de Gramática Gerativa: Morfologia Distribuída e Exoesqueletal. Limitar os dados foi uma escolha feita para não gerar uma análise repetitiva, posto que os casos são semelhantes.

Esse capítulo, assim, irá apresentar a origem etimológica desses vocábulos, os quais foram obtidos na versão online do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, bem como serão apresentados alguns de seus significados. Por fim, na última subseção, encontra-se a análise de como a MD e a XS lidariam com as idiomatizações ocorridas.

5.1 O verbo *comprometer*

Os verbos *comprometer* e *acometer* tratam de vocábulos pertencentes à mesma família linguística formadas a partir da raiz $\sqrt{\text{MIT/MET}}$, tal como evidenciado em (29). Devido a isso, uma subseção com essa segunda palavra idiomática deixaria a análise repetitiva, tendo em vista que o processo é o mesmo visto em *comprometer*, o que resultou na não análise individual desse termo⁴⁹. Observa-se que *meter* advém do verbo latino *mītto, is, mīsi, mīssum, mittēre*⁵⁰, o qual derivou inúmeros verbos, nomes e adjetivos, de maneira a originar um extenso grupo aparentado etimologicamente.

⁴⁹ Embora não seja feita uma análise particular do verbo *acometer*, é relevante mostrar sua formação não composicional, pois foi o motivo para selecioná-lo.

Prefixo *co-* + $\sqrt{\text{met}}$, no ambiente [v]

Σ_1 : fazer, executar; Σ_2 : atacar.

Prefixo *a-* + prefixo *co-* + $\sqrt{\text{met}}$, no ambiente [v] Σ_1 : investir, atacar; Σ_2 : manifestar-se, seja um estado físico, mental ou emocional, [em];

⁵⁰ Outro ponto interessante é o fato de um fenômeno com poucos exemplos ter dois verbos advindo de uma mesma raiz. Isso não foi analisado nesta pesquisa, mas pode ser um dado a ser explorado no futuro.

(29) *Demitir, admitir, emitir, readmitir, omitir, transmitir, transmissão, transmissor, readmissão, retransmissão, transmitido, retransmitir, retransmissor, demitido, admitido, readmitido, comprometer, remeter, intrometer, prometer, promessa, promissor, comprometimento, compromisso, compromissado, compromissar, descomprometer, descomprometimento, descompromissado, remessa, remetente, intrometido, intromissão, metido, prometido, comprometido, submeter, submissão, submisso, insubmissão, insubmisso, cometer, cometido, cometimento, acometimento, acometer, permitir, permissão, permitido, permissor, permissivo.*

(Adaptado de Alves, 2023, p. 42)

Como analisados em Pederneira (2010) e Alves (2023), o caso dessa família de palavras revela ser um exemplo esclarecedor de como o prefixo pode conferir novos significados a um termo, ocasionando desajustes semânticos. Ao explorar a série *meter - prometer - comprometer*, vê-se que em cada camada de derivação é convencionado um significado que não apresenta uma relação semântica regular com a que foi estabelecida anteriormente. Abaixo, serão listados alguns exemplos de significado para esses verbos, de modo a verificar melhor a não correspondência semântica⁵¹.

(30) a. $\sqrt{\text{MET}}$, no ambiente [_v]

Σ_1 : enfiar, introduzir;

Σ_2 : praticar ato sexual, copular;

Σ_3 : inserir, incluir;

Σ_4 : tomar parte em algo, intrometer-se.

b. Prefixo *pro-* + $\sqrt{\text{MET}}$, no ambiente [_v]

Σ_1 : fazer promessa de;

Σ_2 : anunciar com antecedência, pressagiar.

c. Prefixo *com-* + prefixo *pro-* + $\sqrt{\text{MET}}$, no ambiente [_v]

⁵¹ Vale destacar que não serão fornecidos todos os significados, e estes foram selecionados com base em sua diversidade baseada em minha introspecção linguística de falante nativo do português. Ademais, os significados escolhidos foram majoritariamente retirados do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Finalmente, a ordem listada foi feita conforme constava no dicionário online, e não devido a alguma análise envolvendo frequência de uso de minha parte.

Σ_1 : obrigar-se por compromisso;

Σ_2 : firmar casamento;

Σ_3 : arruinar algo.

5.2 O verbo *indispor*

O verbo pôr também é derivado do Latim, originando-se de *pono, is, posui, positum, ponere*, e sua fonte histórica é datada, pelo menos, desde o século XVIII, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Já o vocábulo *indispor* é derivado de *dispor*, que, por sua vez, derivou-se de verbo *pôr*. Essa família linguística compartilha a raiz \sqrt{P} , que, assim como o exemplo da seção anterior, forma múltiplos verbos, nomes e adjetivos derivados tanto composicionais quanto idiomáticos.

(31) *Repor, compor, impor, dispor, reposição, repositior, repositório, composição, composto, compositor, imposição, impositor, imposto, impostor, disposição, disposto, propor, proposição, proposta, propósito, supor, suposição, suposto, supositório, composicional, pressupor, pressuposição, pressuposto, indispor, indisposição, decompor, decomposição, decomposto, indisposto, predispor, predisposição, disponível, disponibilizar, indisponível, composicionalidade, depor, depoimento, depósito, depositar, depositado, recompor, recomposição.*

(Alves, 2023, p. 41-42)

A seleção dos significados disponíveis dessa série foi a mais complexa, uma vez que o verbo pôr apresenta mais de 50 significações atribuídas no dicionário. Buscou-se, dessa maneira, escolher diversificar o conteúdo semântico das palavras com base apenas na introspecção linguística.

(32) a. \sqrt{P} , no ambiente [_v]

Σ_1 : colocar, depositar;

Σ_2 : aplicar, colocar em prática;

Σ_3 : fixar, estabelecer

Σ_4 : expelir, botar

b. Prefixo *dis-* + \sqrt{P} , no ambiente [_v]

Σ_1 : organizar, ordenar;

Σ_2 : oferecer-se a.

c. Prefixo *in-* + prefixo *dis-* + \sqrt{P} , no ambiente [_v]

Σ_1 : adoentar;

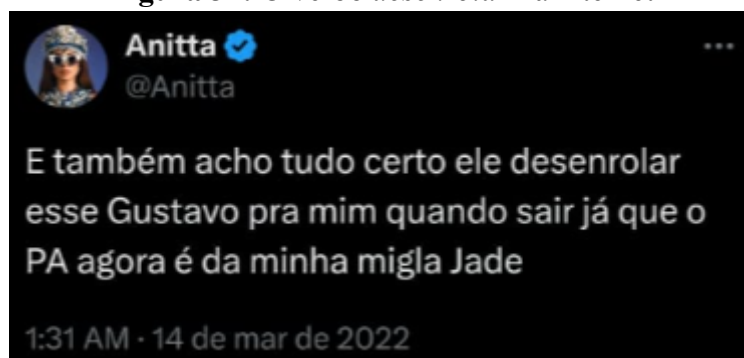
Σ_2 : produzir ou entrar em discórdia;

Σ_3 : tornar inimigo.

5.3 O verbo *desenrolar*

Finalmente, o último verbo desta análise é o *desenrolar*, o qual compartilha a raiz \sqrt{ROL} com *rolar* e *enrolar*. O verbo *rolar* é oriundo do vocábulo francês *rouler* (antigamente usado para se referir à roda de charrua), que, no que lhe concerne, derivou-se do latim tardio *rotella*, por *rotūla* (derivado de *rota*, que possui significado de roda). O conjunto de verbo dessa série (*rolar* - *enrolar* - *desenrolar*) tornou-se interessante para essa análise visto que o resultado da última derivação, *desenrolar*, demonstra um significado mais atual muito utilizado na internet, visto na figura 33, o que evidencia que o processo de idiomatização está sempre ocorrendo na língua.

Figura 34: O verbo *desenrolar* na internet



Fonte: Rede social X, antigo Twitter (2022)

Foram selecionados, portanto, os seguintes significados:

(33) a. \sqrt{ROL} , no ambiente [_v]

Σ_1 : fazer girar, rodar;

Σ_2 : fluir, correr;
 Σ_3 : acontecer, ocorrer.

b. Prefixo *en-* + $\sqrt{\text{ROL}}$, no ambiente [v]

Σ_1 : conferir formato de rolo (composicional) ou espiral
 Σ_2 : adiar,
 Σ_3 : embromar
 Σ_4 : fazer ficar ou ficar atrapalhado, complicar-se

c. Prefixo *des-* + prefixo *en-* + $\sqrt{\text{ROL}}$, no ambiente [v]

Σ_1 : explicar, desenvolver;
 Σ_2 : resolver;
 Σ_3 : conseguir algo com alguém⁵².

Nesse panorama, ao examinar os verbos acima, nota-se que a idiomatização ainda é possível em uma segunda camada de inserção de um prefixo. Tal observação leva a uma postulação de que, quando as camadas prefixais são compostas por partículas diferentes que se sobrepõem, o significado idiomático ainda é possível. Isso é um fator que corrobora a hipótese de que o limite estipulado por Medeiros (2012, 2016) para prefixos iguais não seria o mesmo em palavras como *comprometer*, *indispor* e *desenrolar*, compostas pela sobreposição de [com + pro], [in + dis] e [des + en], respectivamente.

Em relação a um limite propriamente dito para a convenção de novos significados, este aparenta ser de duas camadas prefixais até o momento. Poucas foram as palavras que apresentaram esse comportamento, o que indica que é um fenômeno menos recorrente na língua. Entretanto, esse foi o limite encontrado, o que não significa que será uma restrição que perdurará. Dito isso, busca-se agora a compreensão de como esse significado idiomático é fixado, de modo que duas vertentes construcionistas apresentam possíveis formas de análise, as quais serão debatidas na seção a seguir.

5.4 Propostas de análise: reanálise estrutural, fases ou idiomatização tardia?

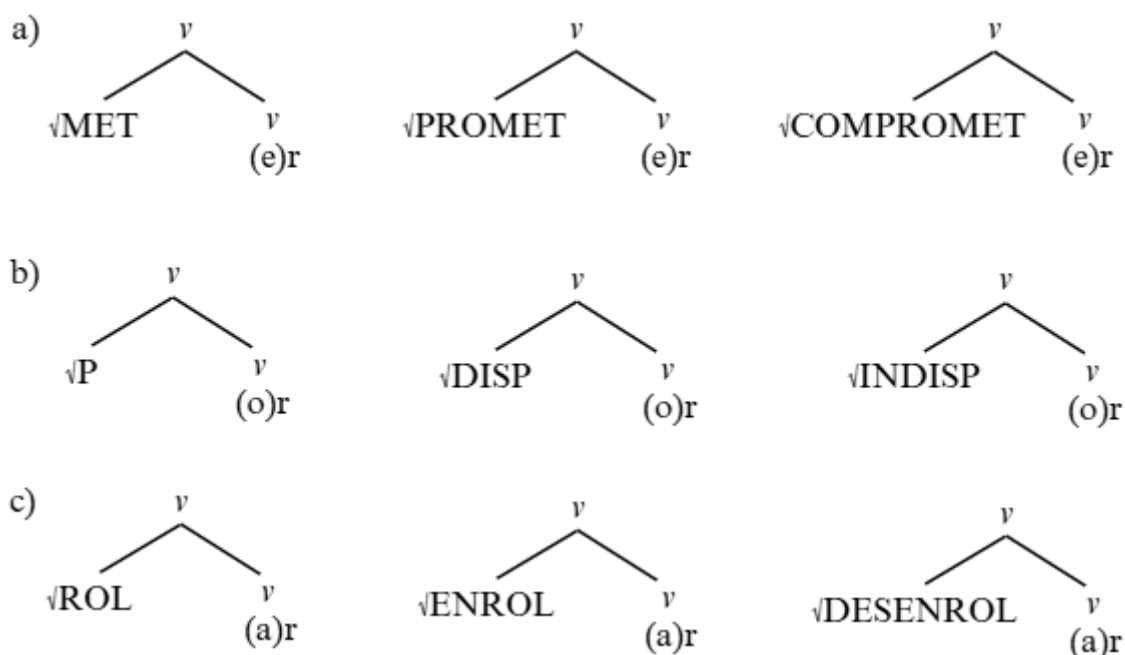
⁵² Esse significado não foi encontrado no dicionário utilizado, mas o próximo capítulo fornece exemplos que demonstram sua possibilidade.

Os modelos construcionistas adotados nesta dissertação divergem em alguns pontos (ver seção 2.4), dentre eles sobre o *locus* para a negociação da arbitrariedade do signo. Com o processo intitulado *Assunção de Categorização* (Embick, 2008), o contexto de concatenação entre uma raiz e o primeiro morfema categorizador definiria a categoria de uma raiz sintaticamente acategorial. O momento dessa concatenação, como mencionado anteriormente, seria, para Marantz (2001, 2007) e Arad (2003, 2005), o local em que recairia a idiosincrasia da palavra, o que depois foi um pouco mais expandido por Marantz (2013), restringindo o domínio de localidade do significado para o primeiro ciclo enviado para o *Spell-Out* e um domínio mais amplo para a idiomaticidade ao relacioná-la à estrutura argumental.

Tendo em vista essas concepções fundamentadas na MD, surgem duas formas de analisar os vocábulos idiomáticos apresentados na seção anterior. O primeiro seria retomando o processo de reanálise estrutural trazido em Pederneira (2010). Tal como foi pontuado na introdução deste trabalho, os falantes possuem percepções múltiplas acerca da composição de uma palavra complexa, isto é, muitos falantes terão uma percepção clara da existência dos prefixos *en-* e *a-* em *engaiolar* e *amanhecer*, mas poucos são aqueles que verão o prefixo *de-* em *decidir*.

Tal acepção foi estabelecida com base na transparência de raízes, uma vez que **cidir* não significa nada na língua portuguesa, sendo sua percepção dificultosa. No tocante às idiomatizações na primeira inserção de um prefixo, foi postulado que os casos em que os falantes não reconhecem a estrutura morfológica [Prefixo + Raiz + Verbo] passavam por uma reanálise estrutural em que havia uma realocação entre forma e significado, já que a estrutura agora passaria a [Raiz + Verbo], na qual a primeira sílaba seria semelhante ao prefixo por mero acaso.

Dessa forma, o que a autora propôs poderia ser uma forma de análise para os verbos aqui trabalhados, pois não se sabe se os falantes do português interpretam que existe *meter* dentro de *comprometer* e o mesmo ocorre com os pares *por* e *indispor* e *rolar* e *desenrolar*. Caso os nativos do português não tenham a percepção da composição [Prefixo + Prefixo + Verbo], isso significa que uma reanálise dessas estruturas precisaria ser feita, de forma que a estrutura [Raiz + Verbo] seja incorporada. Isso significa que os verbos citados teriam os prefixos integrados às raízes, e estas passariam a $\sqrt{\text{COMPROMET}}$, $\sqrt{\text{INDISP}}$ e $\sqrt{\text{DESENROL}}$. As representações abaixo demonstram esse processo de reanálise:

Figura 35: Árvores sintáticas dos verbos após o processo de reanálise

Fonte: Elaboração própria

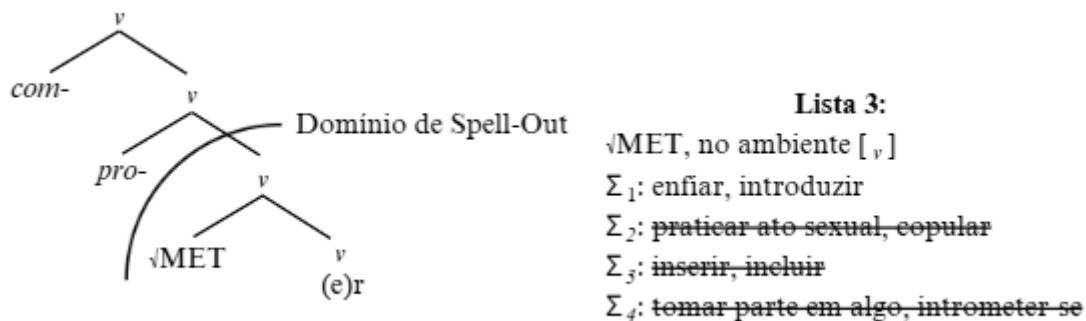
Todavia, a reanálise estrutural como proposta de análise não é a alternativa mais viável, já que ainda não se tem como saber de forma precisa a real percepção dos falantes. Um experimento piloto envolvendo o protocolo de Decisão Lexical com *priming encoberto*, apresentado no congresso “*Words in the Mind: A Workshop on Experimental Morphology*” por Alves e Pederneira (2024) mostrou que não houve resultado significativo no que diz respeito à interpretação do falante. Isso pode ser atribuído ao fato de que esses processos idiomáticos são pouco comuns na língua, dificultando uma experimentação mais acurada. Outro fator pode ser o fato de que idiomatizações em camadas mais tardias podem não captar uma consciência do indivíduo, mas seriam necessários mais testes e um experimento mais desenvolvido para determinar isso.

Além do mais, a reanálise faz com que o modelo fique dependente da semântica, haja vista que uma nova estrutura seria formada com base nas interpretações de seus significados. Isso colabora para uma rejeição dessa possibilidade de análise, levando em consideração que a sintaxe deveria ser o componente central de modelos construcionistas de Gramática Gerativa.

A outra possibilidade para a exploração desses dados também envolve a Morfologia Distribuída, mas agora a partir da teoria de fases. Como foi mencionado outras vezes durante o trabalho, a teoria de fases passou por uma reformulação em sua proposta (Marantz, 2013).

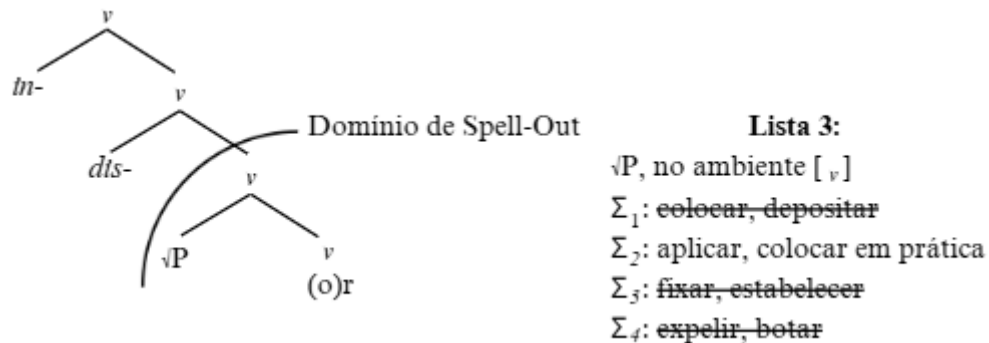
Não será retomada aqui a primeira proposta, tendo em vista que as alterações feitas soam mais atrativas para os dados da pesquisa. Para as palavras semanticamente irregulares, Marantz (2013) estabeleceu que a primeira fase enviada ao *Spell-Out* definiria o significado da palavra. Isso aparenta ser interessante para vocábulos que apresentam polissemia, que, de certo modo, é um fenômeno que também ocorre nos verbos *comprometer*, *indispor* e *desenrolar* devido aos diversos significados que possuem. Sendo assim, caso o caráter polissêmico fosse o único tipo de irregularidade que se manifestasse nesses verbos, seria possível estabelecer as seguintes restrições para inserção de suas idiossincrasias:

Figura 36: Domínio de fase da palavra *comprometer*

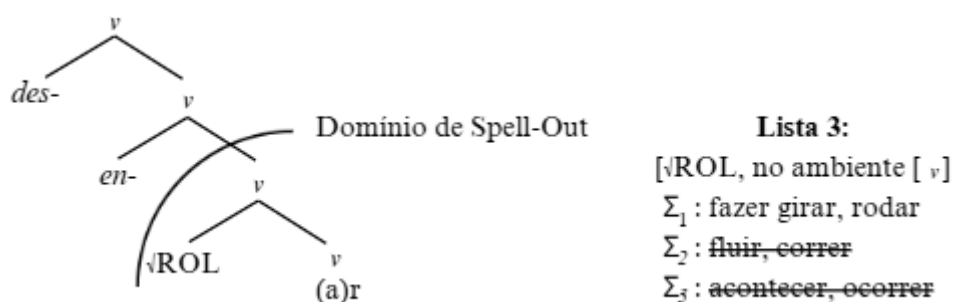


Fonte: Elaboração própria

Figura 37: Domínio de fase da palavra *indispor*



Fonte: Elaboração própria

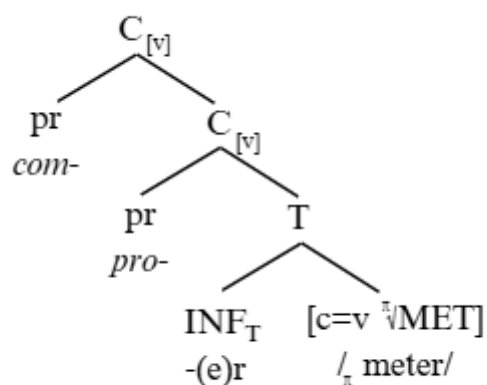
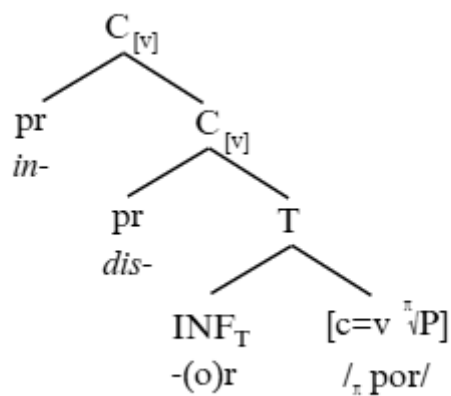
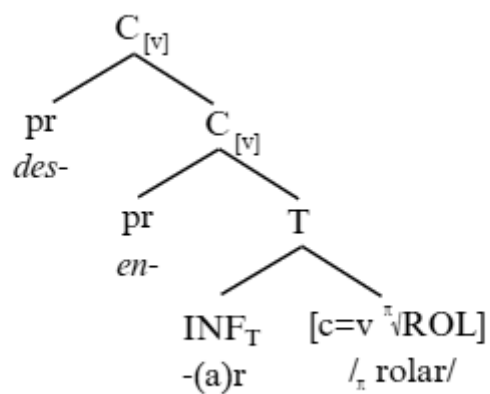
Figura 38: Domínio de fase da palavra *desenrolar*

Fonte: Elaboração própria

Contudo, além de polissêmicas, tais palavras também apresentam novos significados após o primeiro ciclo ter sido enviado às interfaces, o que significa que não é possível analisá-las com base no domínio de fases estabelecidas para as palavras em Marantz (2013), já que não seria possível explicar como o vocábulo *comprometer*, por exemplo, apresentaria a interpretação de “arruinar” enquanto o alossema selecionado de $\sqrt{\text{MET}}$ foi “enfiar, introduzir” e, a partir dessa restrição, os significados deveriam ser derivados de forma totalmente previsível.

Desse modo, para lidar com esses dados nos moldes da MD, é necessário estabelecer um domínio sintático maior do que as fases, envolvendo a estrutura argumental desses verbos, como já foi mencionado em seções anteriores. Logo, devido à estipulação de dois domínios distintos para tratar da localidade do significado em palavras complexas, este estudo adotará a terceira possibilidade de análise, a de Borer (2013a, 2013b etc).

Assim como foi trazido na seção 2.3.3.1, Borer adota um único domínio para tratar a correspondência de conteúdo nas palavras. Com uma busca enciclopédica em cada camada de concatenação de funtores categoriais, a incidência da arbitrariedade do significado pode recair em qualquer ponto da derivação de uma palavra complexa, ou seja, a idiomatização pode ser tardia. Com essa perspectiva, seria possível compreender as estruturas morfológicas de *meter* e *prometer* dentro da construção *comprometer*, de *pôr* e *dispor* dentro de *indispor*, bem como de *rolar* e *enrolar* dentro da estrutura de *desenrolar*. E em todos esses casos, o significado seria incidido no nó mais externo.

Figura 39: Árvore sintática de *comprometer* (XS)**Fonte:** Elaboração própria**Figura 40:** Árvore sintática de *indispor* (XS)**Fonte:** Elaboração própria**Figura 41:** Árvore sintática de *desenrolar* (XS)**Fonte:** Elaboração própria

Observa-se que o modelo Exoesqueletal, ao ponderar a relação entre os campos sintático e semântico, estabelece que a interpretação dada tanto a vocábulos quanto a sintagmas e sentenças são demarcadas pelas informações fornecidas pelos nós sintáticos, ou seja, a própria estrutura sintática delimita à semântica atribuída, e isso pode ser visto em palavras idiomáticas. Sendo assim, a XS irá fornecer ferramentas capazes de relacionar os significados das raízes, a idiomatização e a estrutura argumental.

O modelo de Borer, nesse sentido, apresenta uma maior harmonia aos dados trabalhados nesta pesquisa pela perspectiva de uma análise teórica. Todavia, ainda é preciso formular uma proposta que incorpore melhor a atuação do prefixo na projeção de argumento, mas esse ponto será desenvolvido em etapas futuras desse estudo sobre palavras complexas prefixadas com idiomatização. Com relação a uma análise menos abstrata, envolvendo o campo experimental, observa-se que essa harmonia não é plena, o que será trazido mais detalhadamente no capítulo 6.

CAPÍTULO 6. ANÁLISE EXPERIMENTAL

Como foi visto na introdução deste trabalho, em palavras com morfologia com semântica irregular, Pederneira (2010) notou que as raízes têm uso independente daquele tido na palavra prefixada (Ex: arrumar - rumo), e o composto prefixado tem leitura idiomática. Desse modo, esse desencontro entre a estrutura morfológica e a leitura semântica, tal como observou Pederneira (2010), é um fator que favorece a variedade de comportamento dos falantes, o que permite que alguns deles vejam a composição morfológica das palavras, enquanto outros não terão a mesma percepção.

No que tange ao papel que a morfologia possui no reconhecimento de palavras, teorias não-lexicalistas, como a da Morfologia Distribuída e da Exoesqueletal, questionam a indecomponibilidade lexical, o que favorece a proposta da computação da palavra em camadas funcionais. Assim, com o intuito de compreender melhor sobre a computação mental da morfologia, buscou-se técnicas psicolinguísticas (Maia *et al*, 2007) no que tange ao processamento morfológico no português brasileiro. A união das duas ciências torna-se interessante para o entendimento de como se sucede o armazenamento e a computação de peças morfológicas de palavras complexas, como as estudadas nesta pesquisa.

Uma questão que pode parecer ingênua é: até onde podemos ir na relação isomórfica entre uma previsão teórica abstrata, baseada em dados empíricos de frequência mais baixa e na intuição do falante nativo, e ferramentas experimentais que exigem o que, muitas vezes, a língua não pode fornecer com tais precisão? Desta forma, essa parte da pesquisa busca respostas de forma pontual e discreta. Assim, o que será mostrado neste capítulo é um experimento piloto, com algumas características que fornecem pistas para responder algumas das questões teóricas, mas que ainda precisa ser melhor desenvolvido e explorado.

Pretende-se, então, nesta dissertação, apresentar um experimento piloto utilizando como metodologia a técnica de *priming*. O termo *priming* possui relação com o efeito de memória implícita entre a influência que a exposição a um estímulo pode gerar em termos do reconhecimento, o chamado *prime*, e a produção de outro estímulo, o chamado *alvo* (Maia, 2015).

6.1 Experimento *Priming* com Decisão Lexical

O procedimento escolhido para tal experimento é intitulado de *priming* com Decisão Lexical. Essa é uma técnica off-line em que o participante deve decidir se o item alvo, apresentado após o *prime*, é uma palavra ou não na língua. O objetivo é identificar quais os efeitos que o *prime*, primeira palavra da sequência, possui na ativação do alvo.

De acordo com Garcia (2009), os estudos que utilizam o protocolo de *priming* geralmente propõem tarefas em que o *prime* é apresentado por um tempo suficiente para que ele possa ser lido com facilidade pelo sujeito do experimento. Dessa forma, a estimulação por *priming* é feita através de diversos pares *prime/alvo* (*target*) misturados aleatoriamente a um número idêntico de pares não-*prime/alvo*, bem como pares *prime/não-palavra*.

Os *primes* aparecem primeiramente na tela e, posteriormente, aparecem os alvos, além do mais, o que é medido é o tempo de resposta do participante ao alvo. Com base nessa técnica, é possível utilizar *priming* aberto, o qual fica exposto durante 200 ms, ou *priming* encoberto, que fica na tela por um curto período de tempo, como 38 ms, por exemplo, de modo a ficar abaixo da fronteira de consciência do falante. Como se trata de um experimento piloto, em primeiro plano, optou-se por iniciar uma análise experimental sem considerar os efeitos semânticos. De acordo com Rueckl e Aicher (2008), os estímulos são quase invisíveis para o participante, mas tais estímulos produzem efeitos rapidamente detectáveis no comportamento do sujeito.

Dessa forma, houve a preferência por um tempo de 43 ms, que geralmente proporciona um efeito morfo-ortográfico independente da semântica, em que palavras com morfemas opacos apresentam uma facilitação que não pode ser atribuída à similaridade ortográfica. Na próxima seção, serão apresentados os métodos adotados nessa técnica experimental.

6.2 Método

Participantes

O experimento foi rodado com um total de 32 participantes, os quais eram todos falantes nativos do português e adultos, com idades entre 18 e 38 anos. Dentre eles, 20 eram mulheres e 12 eram homens, e todos tinham pelo menos Ensino Médio completo, sendo a maioria pertencente ao nível de escolaridade “Ensino Superior em curso”, além disso, apenas três participantes eram canhotos. Todos os sujeitos participaram de forma voluntária e foram

informados sobre o sigilo dos dados. Caso não se sentissem confortáveis, foi oferecida a opção de retirar seus dados do experimento, o que não foi solicitado por nenhum participante.

Procedimento

O experimento de *Priming* encoberto com Decisão Lexical foi realizado utilizando o programa A PennController for Ibex ou PCibex, que é uma plataforma gratuita e totalmente online. O programa, embora baseado na linguagem computacional JavaScript, possui uma linguagem própria (Fonseca *et al*, 2021). Além disso, o experimento foi disponibilizado por meio de um link, inteiramente online. Portanto, cada participante participou através do seu próprio computador. Previamente ao contato com os itens experimentais, as instruções da tarefa foram transmitidas aos voluntários por vias textuais, tal qual podem ser observadas no anexo 1.

Materiais

Ao todo, o experimento continha 44 pares de palavras, sendo 20 pares de palavras experimentais, nas quais foram manipuladas duas condições experimentais: (i) palavras morfologicamente / morfo-ortograficamente relacionadas e (ii) palavras morfologicamente / morfo-ortograficamente não relacionadas. Houve também 24 pares de palavras distratoras, composta por 12 pares de distratores que são palavras no português e 12 pares de palavras que possuem uma não-palavra no alvo, o que justifica a tarefa de decisão lexical exigida ao voluntário. Observa-se abaixo exemplos de cada item presente no experimento:

Quadro 8: Itens e condições experimentais

Relacionadas morfologicamente/morfo-ortograficamente (R)	comprometido-METER
Não relacionadas morfologicamente/morfo-ortograficamente (N)	apreciado-ROLAR
Distratoras (D)	referência-BOLAR
Não-palavras (NP)	dissimulado-VARSE

Fonte: Elaboração própria

Ainda, uma vez que os alvos repetiam-se nas condições R e N, o experimento foi rodado no formato de Quadrado Latino (*Latin Square*). Esse desenho experimental é usado para evitar que o participante seja exposto ao mesmo item, já que tal exposição pode comprometer um experimento de *priming*. Sendo assim, foram elaboradas duas versões do experimento, cada uma contendo 34 pares, os quais eram compostos por 10 itens experimentais, em que 5 eram pares relacionados e 5 eram pares não relacionados, 12 itens distratores e 12 não-palavras. Os distratores e as não-palavras se repetiam nas duas versões. Com a escolha desse formato, todas as condições experimentais eram vistas pelos voluntários, mas não todos os itens dessas condições. O quadro 9 demonstra como os itens foram distribuídos. É importante ressaltar, também, que as versões eram disponibilizadas aleatoriamente devido a uma programação prévia no PCIBex.

Quadro 9: Quadrado Latino (*Latin Square*)

Versões/Condições	Relacionadas	Não relacionadas
Versão 1	comprometido-METER	apreciado-ROLAR
Versão 2	desenrolado-ROLAR	entediado-METER
Versão 1	desimpedido-PEDIR	persuadido-TENDER
Versão 2	desentendido-TENDER	manipulado-PEDIR

Fonte: Elaboração própria

Como variáveis independentes tem-se a relação morfo-ortográfica e como variáveis dependentes observa-se os índices de decisão e tempo de resposta para as opções “sim” no teste de priming com decisão lexical. A hipótese era a de que os falantes veriam a raiz dentro da palavra complexa idiomática. Já a previsão era a de que haveria maior facilitação na condição em que as palavras tivessem relação morfológica/morfo-ortográfica.

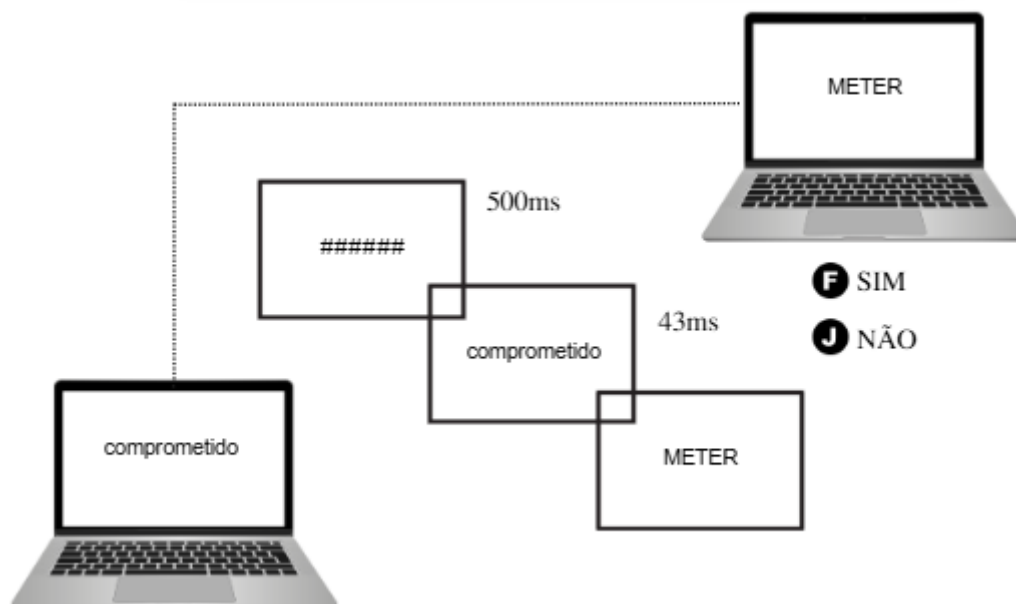
Desenho do experimento e estímulos

Após ler as instruções e responder ao questionário informando o seu nome, sua idade, sua lateralidade e sua escolaridade, o participante poderia iniciar o teste experimental. A fim de assegurar que as respostas seriam dadas de forma automática, os voluntários realizaram um teste, utilizando palavras não experimentais, com o objetivo de habituá-los com as teclas e com a tarefa.

Com o fim do período teste, a tarefa do participante era a de decidir se o item alvo, apresentado após o *prime*, era uma palavra ou não. Assim, em primeiro lugar, aparecia pré-prime composto por uma sequência de seis asteriscos (#####), que permanecia na tela por 500 ms, no intuito de direcionar o olhar do voluntário e alertá-lo para o início de uma sequência de *prime*-alvo. Em seguida, uma palavra *prime* aparecia na tela em caixa baixa, fonte Arial tamanho 20, e permanecia por 43 ms, seguida pelo alvo – em caixa alta, fonte Arial, tamanho 20. Posteriormente à apresentação do alvo, o sujeito efetuava a decisão lexical sem um limite temporal. Ao fim desse ciclo, uma nova sequência começava, e os asteriscos apareciam novamente, de modo a romper as estratégias do sistema cognitivo que foram usadas para o processamento do conjunto disponibilizado na sequência anterior.

Para efetuar a decisão lexical, o sujeito deveria apertar a tecla F caso considerasse o item alvo uma palavra ou a tecla J se julgasse o item alvo uma não-palavra. A tecla ESPAÇO permitia que o participante seguisse adiante como uma nova sequência. O desenho do experimento pode ser visto na figura 42:

Figura 42: Desenho do experimento



Fonte: Elaboração própria

Resultados

Os resultados desse experimento, submetidos a um teste-T, foram obtidos por meio da computação das variáveis dependentes, isto é, dos índices de decisão e tempo de resposta

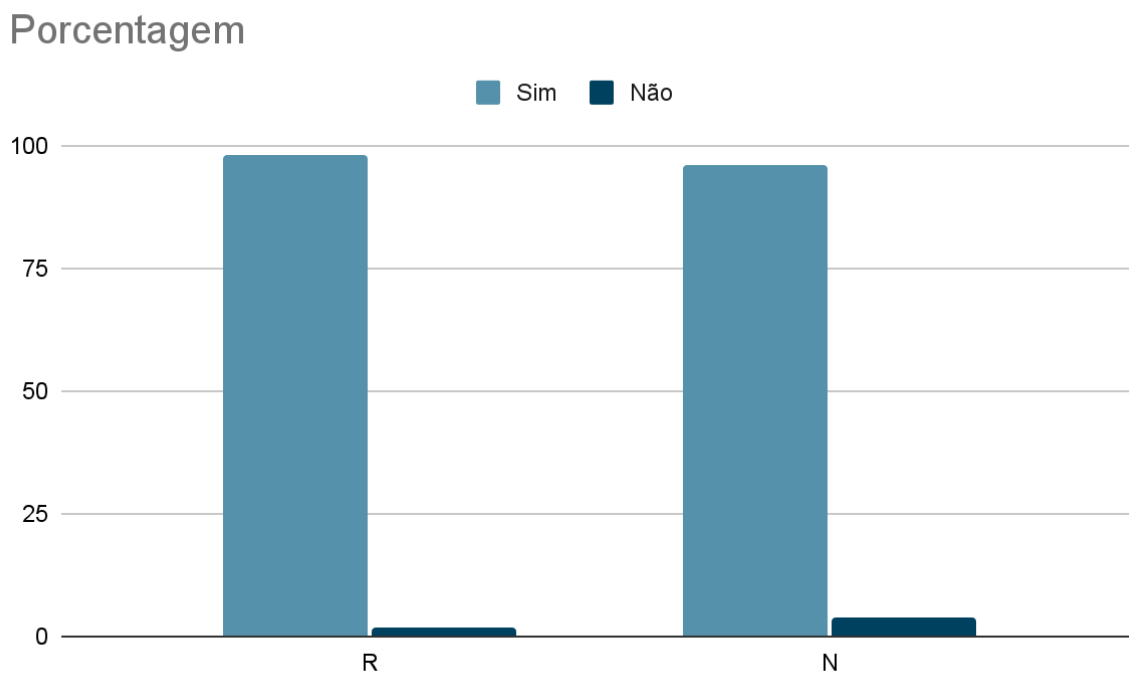
para as opções “SIM” efetuados pelos 32 participantes. Os 32 voluntários, ao serem expostos a 10 condições experimentais, geraram 320 observações ao todo, sendo 160 observações por cada condição. As análises estatísticas dos resultados podem ser encontradas no quadro abaixo:

Quadro 10: Análise dos resultados experimentais

	R	N
Number of values	160	160
Missing	0	0
Mean	1142	987
Median	898	806
Standard deviation	891	631
Minimum	411	444
Maximum	8762	5570

Fonte: Elaboração própria

Com relação às decisões lexicais realizadas pelos sujeitos, como o esperado, observa-se que a maioria das respostas para os alvos contidos nos pares experimentais foi de “SIM”, indicando que tais itens são palavras no português brasileiro. A diferença entre as condições foi pequena, e o grupo de palavras não relacionadas morfológicamente / morfo-ortograficamente teve um percentual um pouco menor de acertos, como visto na figura 43 e no quadro 11.

Figura 43: Porcentagem de Respostas SIM e NÃO

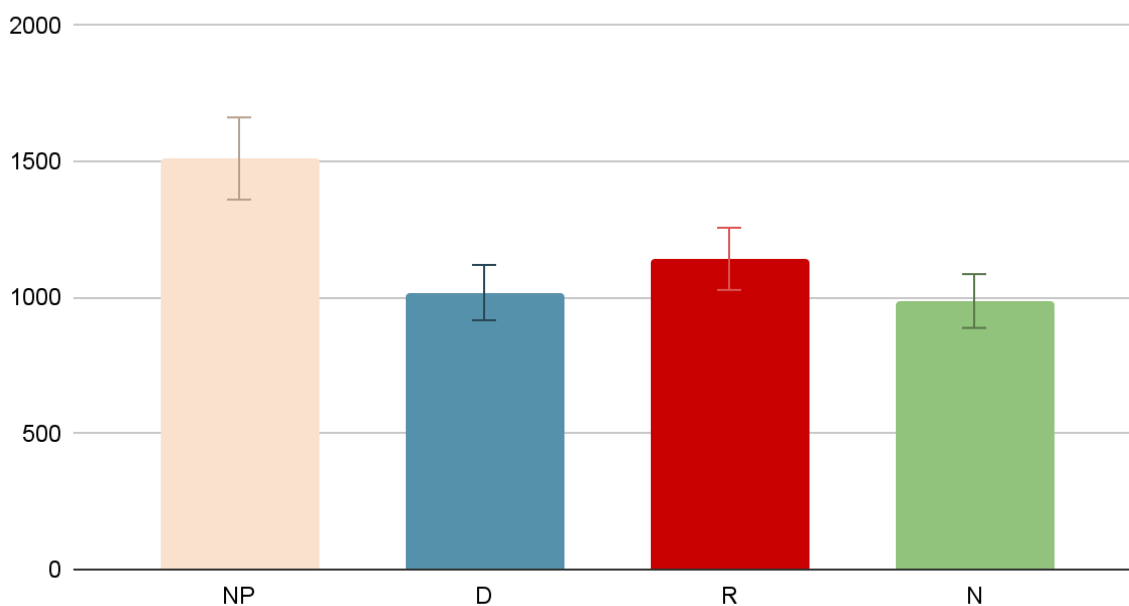
Fonte: Elaboração própria

Quadro 11: Percentuais de Respostas SIM na tarefa de DL por condição experimental

R	N
98,12%	96,25%

Fonte: Elaboração própria

Outro aspecto a ser notado foi que a condição N obteve uma facilitação maior quando comparada à condição R. No entanto, não houve diferença significativa estatisticamente entre as médias de tempo de decisão lexical ($t=1796$ $df=318$ $p=0,073$). A figura abaixo reitera, através de um gráfico, o que foi trazido no quadro 10.

Figura 44: Tempo médio de resposta**Média aritmética (RTs)****Fonte:** Elaboração própria**Discussão**

Como é muito difícil encontrar palavras idiomáticas com duas camadas de prefixos no Português Brasileiro, optou-se, neste experimento piloto, por utilizar um SOA (Stimulus Onset Asynchrony) mais curto, no qual os efeitos fonológicos e semânticos não se manifestariam. Isso proporcionou o uso de um desenho mais simples, que apresentava apenas um fator: a relação morfológica/morfo-ortográfica, dividindo-a em condições relacionadas e não relacionadas. Como limitação do experimento, teve-se o fato de não haver separação entre condições opacas, transparentes e apenas semântica (sem relação morfológica/fonológica), pois é muito difícil encontrar essas palavras com dupla prefixação e manter os controles do experimento.

Com os resultados, notou-se que a hipótese e a previsão tidas para o experimento foram refutadas. Se houvesse facilitação no índice de decisão e tempo de resposta na condição de palavras relacionadas morfológicamente / morfo-ortograficamente, isso poderia ser atribuído à morfologia e não à ortografia. Porém, com base no quadro 10 e na figura 44, o tempo de resposta para palavras relacionadas foi maior que o tempo para palavras não relacionadas (e também não houve diferença significativa entre as respostas), o que pode ser explicado por um efeito de inibição devido à semelhança ortográfica. Essa não facilitação

para as respostas da condição R pode trazer indícios de que talvez os falantes não interpretem que essas palavras compartilham raízes. Isso favoreceria a proposta de reanálise estrutural defendida por Pederneira (2010), por exemplo. Tal observação demonstra que a relação entre previsões teóricas e ferramentas experimentais nem sempre converge. Se por um lado, a proposta de idiomatização tardia possibilita que se considere a existência da raiz $\sqrt{\text{MET}}$, em *prometer* e *comprometer*, proporcionando as estruturas [Prefixo + Raiz] e [Prefixo + Prefixo + Raiz], por outro lado, um não reconhecimento do falante no que diz respeito a essas estruturas poderia induzir outro tipo de análise. No entanto, essas respostas não aparentam muita clareza na pesquisa, até porque condições semânticas também não foram testadas, e esses aspectos são bem relevantes para uma análise que envolve itens idiomáticos.

Por fim, espera-se que, como próximos passos, haja um aprimoramento no desenho experimental, já que a quantidade de prefixos não foi manipulada nesse experimento. Um aperfeiçoamento do desenho teria como objetivo contribuir para a compreensão do processamento morfológico no reconhecimento de palavras e na organização lexical, bem como fornecer ferramentas menos abstratas para a explicação teórica sobre a diversidade de significados estabelecidos para uma mesma raiz ou palavra fonológica no português brasileiro. As hipóteses de diferentes prefixos permitindo a idiomatização e de sobreposições virtualmente infinitas sendo um limite à idiomaticidade são bastante promissoras para explicar esse fenômeno no português brasileiro, mas ainda precisam ser testadas experimentalmente.

CAPÍTULO 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação apoiou-se no objetivo central de investigar os processos de formação de palavras complexas prefixadas com leitura idiomática a partir de dados do português brasileiro. Para isso, a linguística formal fornece ferramentas adequadas, já que os modelos construcionistas de Gramática Gerativa, Morfologia Distribuída e Exoesqueletal, possuem propriedades capazes de lidar com o fenômeno retratado ao propor uma atuação da sintaxe no interior das palavras. Com isso, buscou-se adotar uma análise que abrangesse uma relação entre a formação do vocábulo e a atribuição de significado da raiz. Além disso, algumas questões nortearam esse estudo:

(i) Há limite para a inserção de significados especiais em palavras prefixadas no português brasileiro? Como a recursividade atua nesse processo? Quais os papéis dos prefixos?

(ii) As ferramentas ofertadas pelos modelos teóricos assumidos lidam bem com os dados selecionados? Há uma vertente mais satisfatória? Como é feita a interface sintaxe-semântica? O resultado obtido em uma análise teórica abstrata equipara-se àquele obtido através de ferramentas experimentais?

Com o objetivo de responder a essas perguntas, a fundamentação teórica, trazida no capítulo 2, apresentou características básicas no modelo gerativo, em que um maior destaque foi dado para o fenômeno da recursividade, assumindo que esse processo também pode ser visto na formação de palavras complexas, como com a inserção de camadas prefixais. Ainda, foram mostradas duas correntes teóricas que se distinguem na determinação da função do componente sintático nas palavras: o Lexicalismo e o Construcionismo. Tal comparação evidenciou novamente a questão recursiva ao apresentar como ela seria tratada na primeira abordagem. Enfim, foi visto que o modelo lexicalista, embora houve reformulações quanto à atuação morfológica dentro dos vocábulos, mostrou-se menos minimalista ao propor que a morfologia e a sintaxe fossem módulos distintos, sendo o motivo para que o trabalho seguisse por outro caminho de análise.

Isso motivou a adoção de modelos construcionistas para lidar com os dados. No entanto, duas vertentes, dentro do Construcionismo, mostraram-se promissoras: a MD e a XS. Ainda no capítulo 2, ambos os modelos foram explorados, de modo a apontar suas principais

características, como suas arquiteturas de gramática e suas propriedades centrais, e apresentar em quais pontos eles convergem e divergem. Tendo isso em vista, verificou-se que as abordagens apresentam propostas distintas para a incidência do significado idiossincrático da palavra e lidam de maneira diferente com a definição de raiz.

Após reformular a ideia de que a arbitrariedade do signo recairia entre a raiz e a primeira concatenação com um morfema categorizador, a MD estipulou que a restrição de localidade para a inserção do significado seria o último ciclo de fase encaminhado para o *Spell-Out* em palavras com semântica irregular de polissemia, mas esse limite seria maior em casos de idiomatização. A XS problematiza essa proposta, uma vez que postula a não necessidade de domínios distintos para lidar com o mesmo processo, o que contribui para a proposta da idiomatização tardia, a qual traz a precedência da sintaxe sobre a semântica e apresenta uma forte correlação entre o significado e sua estrutura argumental. Ambos os modelos também utilizam a raiz como parte fundamental nesse debate, mas divergem quanto ao seu estatuto, até mesmo dentro do próprio modelo no caso da MD.

O capítulo 3 buscou trazer um dos objetos centrais da pesquisa: a prefixação. Foram apresentados, então, os prefixos do português em sua maioria, bem como as inúmeras discussões que rodeiam a temática. O intuito foi mostrar que não existe uma uniformidade na definição desse objeto de estudo e que esse vasto campo ainda necessita ser explorado, o que motivou a pesquisa nessa área. A definição escolhida, de que o prefixo é um morfema funcional não categorizador, pareceu se adequar melhor com a proposta de análise feita posteriormente. Além disso, esse capítulo foi usado como uma espécie de introdução para que o capítulo seguinte trouxesse as questões mais específicas do tema.

Em seguida, o capítulo 4 revisitou os trabalhos motivadores desta pesquisa, os quais se centravam nos prefixos *re-* e *des-*. As discussões sobre as propriedades dessas partículas e suas características de reinserção estimularam a hipótese de que a sobreposição era um limite para a idiomatização, mas que esse limite seria maior em palavras com prefixos distintos. Para trilhar tal debate, o fenômeno da recursividade, como conceito fundamental da Gramática Gerativa, mostrou-se pertinente. Como resposta para uma das perguntas levantadas, viu-se que a recursividade na inserção do prefixo são potencialmente infinitas, limitadas por questões que vão além da competência linguística do falante, como o tamanho das palavras naquela língua, a pragmática do composto formado, a memória etc.

Baseando-se na ideia de recursão e nas abordagens construcionistas adotadas, o capítulo 5 teve como foco mostrar como o processo da idiomatização ocorre nos vocábulos. Antes disso, foram apresentados conjuntos de verbos derivados de outros etimologicamente,

mas que idiomatizaram com a concatenação de novas camadas prefixais. O resultado obtido foi que o limite para novos significados é maior do que aqueles propostos para prefixos que se sobrepõem, já que palavras como *comprometer*, *indispor* e *desenrolar*, por exemplo, idiomatizam mesmo após a inserção de uma segunda camada prefixal. No entanto, é válido lembrar que a recursividade é ilimitada, e as línguas estão em constante estágio de evolução. Sendo assim, o limite atual definido para os significados especiais baseiam-se no estágio atual do PB, o que não significa que ele é imutável.

Ainda no capítulo 5, a Exoesqueletal, com a concepção da idiomatização tardia, mostrou-se mais satisfatória na análise dos dados. Ao postular que o significado pode cair em qualquer ponto da derivação de uma palavra complexa e que este está amplamente relacionado com a estrutura argumental, o modelo apresentou uma maior economia linguística por propor um único domínio para dar conta de casos com semântica regular e com semântica irregular (tanto polissemia quanto idiomatidade). Ademais, algumas propostas da MD, como a reanálise dos casos em que o significado se perdeu sincronicamente e a atribuição de um estatuto semântico às raízes – o que simultaneamente impactava no significado –, aparentaram manter uma dependência da sintaxe pela semântica.

Por outro lado, ao desvincular a sintaxe da semântica, mostrando que a incidência das idiosincrasias das palavras é estabelecida exclusivamente por operações sintáticas e que as raízes não possuem nenhum significado, a Exoesqueletal impede que mudanças estruturais provenientes de semântica irregular ocorram. Isso é positivo para um modelo sintaticocêntrico como o da Gramática Gerativa, uma vez que as estruturas morfológicas passariam a ser preservadas e independentes de mudanças linguísticas na semântica, trazendo resultados mais compatíveis à direcionalidade sintaxe – semântica.

Contudo, no capítulo 6, viu-se que os resultados não corroboraram uma percepção morfológica do falante em camadas mais tardias, o que demonstra uma pouca equivalência entre os aparatos experimentais e uma análise teórica abstrata. O experimento piloto com a técnica *Priming* com Decisão Lexical contribui para a compreensão do processamento morfológico no reconhecimento de palavras e na organização lexical. Seu uso nesta pesquisa apresentou limitações devido aos poucos dados levantados, mas já trouxe algumas respostas interessantes para os debates trazidos. Com o aprimoramento do desenho experimental, há a possibilidade que essa técnica forneça, ainda mais, ferramentas menos abstratas para a explicação teórica.

Conclui-se, portanto, que todos os objetivos foram alcançados durante a pesquisa. Entretanto, outras questões surgiram ao longo desse processo analítico. Primeiro, há limites

para a inserção de prefixos e sufixos concomitantemente? A concatenação apenas de partículas sufixais apresentaria uma restrição maior para os significados especiais do que a encontrada para os prefixos? Como os modelos construcionistas adotados lidam com a relação entre o prefixo e a estrutura argumental? Como o prefixo projetaria argumentos nas estruturas dessas abordagens? Até que ponto a idiomatização em camadas mais tardias pode ser identificada pelo falante nativo? Essas são questões para serem exploradas no futuro. Por ora, ressalta-se que essa temática ainda pode dar muitos frutos e, como agora com esta dissertação, contribuir muito mais para o estudo de formação de palavras complexas em modelos que prezam pela economia linguística e pela sintaxe “até o fim”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 46^a ed. São Paulo: Saraiva, 2019.

ALVES, T. F. **Níveis de percepção de transparência do prefixo no português brasileiro sob a ótica da Morfologia Distribuída**. 2023. Monografia (Licenciatura em Letras - Português-Literaturas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2023.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 46^a ed. São Paulo: Saraiva, 2019.

ALVES, T. F. **Níveis de percepção de transparência do prefixo no português brasileiro sob a ótica da Morfologia Distribuída**. 2023. Monografia (Licenciatura em Letras - Português-Literaturas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2023.

ACQUAVIVA, P. Roots and lexicality in Distributed Morphology. In: GALANI, Alexandra; REDINGER, Daniel; YEO, Norman (ed.). **York Papers in Linguistics 2**, York: University of York, p. 1-21, 2009.

AQUINO, R. N. M. Encontros e desencontros semânticos em palavras cognatas nas línguas portuguesa e espanhola. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística – Faculdade de Letras - UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

AQUINO, R. N. M. **Nomes deverbais em português do Brasil**. 2021. 145 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística – Faculdade de Letras - UFRJ, Rio de Janeiro, 2021a.

AQUINO, R. N. M. A estrutura argumental e a polissemia em nominalizações. **Revista Linguística**, v. 17, n. 3 (2021): Estudos gramaticais sincrônicos e diacrônicos. Rio de Janeiro, 2021b.

AQUINO, R. N. M.; PEDERNEIRA, I. L.; LEMLE, M. A relação raiz e estrutura sintática na semântica da formação de palavras no português brasileiro e espanhol. **Revista da ANPOLL**. v.1 n.45, p.90-105, 2018.

ARAD, M. Locality Constraints on the Interpretation of Roots: The Case of Hebrew Denominal VERBS. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 21, p. 737–778, 2003.

ARAD, Maya. **Roots and patterns: Hebrew morpho-syntax**. Studies in Natural Language and Linguistic Theory. Amsterdam: Springer, 2005.

ARONOFF, Mark. **Word formation in Generative Grammar**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1976.

Aronoff, M. In the beginning was the word. **Language**, 83(4), p. 803–830, 2007.

BASSANI, I. de S. **Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro**. 2013. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BLOOMFIELD, L. **Language**. London: George Allen e Unwin LTD Museum Street, 1933.

BLOOMFIELD, L. (1926). Um conjunto de postulados para a ciência da linguagem. In: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. Campinas: UNICAMP, 1978

BORER, H. Exo-skeletal vs. Endo-skeletal explanations: syntactic projections and the lexicon. In: MOORE, John; POLINSKY, Maria (ed.). **The Nature of Explanation in Linguistic Theory**. Chicago: University of Chicago Press (CSLI), 2003. p. 31–67.

BORER, H. The grammar machine. ALEXIADOU, A., ANAGNOSTOPOULOU, E. and EVERAERT, M. (eds). **The unaccusativity puzzle**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BORER, H. **In name only**. Structuring sense, Volume I. Oxford: Oxford University Press, 2005a.

BORER, H. **The normal course of events**. Structuring sense, Volume II. Oxford: Oxford University Press, 2005b.

BORER, H. **Roots and Categories**. Circle of Generative Grammar: University of the Basque Country, 2009. Handout. Disponível em: <http://webspace.qmul.ac.uk/hborer/downloads/roots_and_categories-revised.pdf>.

BORER, H. **Taking form**. Structuring sense, Volume III. Oxford: Oxford University Press, 2013a.

BORER, H. The syntactic domain of content. In: BECKER, M.; GRINSTEAD, J.; ROTHMAN, J. (Eds.). **Generative Linguistics and Acquisition**. Studies in honor of Nina M. Hyams. John Benjamins Publishing Company, 2013b.

BORER, H. Derived nominals and the domain of content. **Lingua**, pp. 71-96, 2014.

CÂMARA JR., J. M.. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1971.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CÂMARA JR., Joaquim M. **Dicionário de linguística e gramática**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures**. Dordrecht: Foris Publications, 1981.

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, R., MICHAELS, D. and URIAGEREKA, J., Eds., **Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000, pp. 89-155.

CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (org.). **Ken Hale: a life in language**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001, p. 1-52.

CHOMSKY, Noam. Beyond Explanatory Adequacy. In: BELLETTI, A. (Ed.). **Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures**, Volume 3. Oxford: Oxford University Press, 2004. pp. 104-131.

CREEMERS, A.; DON, J; FENGERS, P. Some affixes are roots, others are heads. **Natural Language and Linguist Theory**, vol. 36, p. 45–84, 2018.

CUNHA, C. F. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1975.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo** [recurso eletrônico]/ Celso Cunha, Lindley Cintra. - 7. ed., reimpr. — Rio de Janeiro : Lexikon, 2017. 800 p., recurso digital.

DUBINSKY, Stanley; SIMANGO, Ron. Passive and stative in Chichewa: evidence for modular distinctions in grammar. **Language**, v. 72, n. 4, p. 749-781, 1996.

EMBICK, D. Features, syntax, and categories in the Latin perfect. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v. 31, n. 2, 185-230, 2000.

EMBICK, D. **Localism versus globalism in morphology and phonology**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2010.

EMBICK, D. **The morpheme: a theoretical introduction**. Berlin, München, Boston: De Gruyter Mouton, 2015.

EMBICK, D.; HALLE, M. On the status of stems in morphological theory. In: GEERTS, Twan, GINNEKEN, Ivo van; JACOBS, Haike (ed.). **Romance Languages and Linguistic Theory 2003**. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 59-88.

EMBICK, D.; MARANTZ, A. Architecture and blocking. **Linguistic inquiry**, Cambridge, MA: MIT Press, v. 39, n. 1, p. 1-53, Winter 2008.

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C. (Eds.). **The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces**. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 237-289.

GARCIA, D. C. **Elementos estruturais no acesso lexical: O reconhecimento de palavras multimorfêmicas no Português Brasileiro**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

GONÇALVES, C. A. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.19 n.30, jan./jun. 2012.

GUIMARÃES, M. **Os fundamentos da teoria linguística de Chomsky**. Petrópolis: Vozes, 2017

HALLE, M. Prolegomena to a Theory of Word Formation. **Linguistic Inquiry**, v. 4, n. 1, p. 3–16, 1973.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Some key features of Distributed Morphology. In: CARNIE, A.; HARLEY, H.; BURES, T. (ed.). **MIT working papers in Linguistics: Papers on Phonology and Morphology**. Cambridge, MA: The MIT Press, n. 21, p. 275 - 288, 1994.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALLE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.). **The View from Building 20**. Cambridge, MA: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HARLEY, H. On the identity of roots. **Theoretical linguistics**, v. 40, n. 3-4, p. 225-276, 2014.

Houaiss, A., & Villar, M. de S. (Eds.). (n.d.). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. UOL Educação. Recuperado em 25 de dezembro de 2024, de https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#4

JACKENDOFF, R. S. **Languages of the mind: Essays on Mental Representation**. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

KENEDY, E. **Curso Básico de Linguística Gerativa**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LEMLE, M.; PEDERNEIRA, I. L. Inserção lexical ou envoltório lexical? **Alfa: Revista de Linguística**, v. 56, n.2, dez. 2012.

LEMLE, M.; PEDERNEIRA, I. L. Word-internal syntactic complexity. **Revista da ABRALIN**, v.14, n.3, p. 389-410, jul./dez., 2015.

LEVIN, B. Objecthood. An Event Structure Perspective. In: BILLINGS, S., BOYLE, J. & GRIFFITH, A. (eds.). **Proceedings of Chicago Linguistic Society (CLS)**, 35, v. 1: The Main Session. Chicago: University of Chicago, 1999; p. 223–247.

LIEBER, R. **Deconstructing morphology: word formation in syntactic theory**. Chicago and London: University of Chicago Press, 1992.

LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2011.

LOWENSTAMM, J. Derivational affixes as roots: Phasal Spell-out meets English Stress Shif. In ALEXIADOU, A.; BORER, H.; SCHÄFER, F. (ed.) **The Syntax of roots and the Roots of Syntax**, p.230-258, Oxford University Press, 2014.

MAIA, M. **Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MAIA, M.; LEMLE, M.; FRANÇA, A. I. Efeito stroop e rastreamento ocular no processamento de palavras. **Ciência & cognição**, v. 12, p. 2-17, 2007.

MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: DIMITRIADIS L. S, A.; SIEGEL, L. (Eds.). **Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium**. University of Pennsylvania working papers in linguistics, 4.2. Philadelphia: University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, v. 4.2, 1997, p. 201-225.

MARANTZ, A. Words and things. Manuscrito, Massachusetts Institute of Technology, 2001.

MARANTZ, A. Phases and words. In: CHOE, Sook-Hee (org.). **Phases in the theory of grammar**. Seul: Dong In Publishing Co., 2007, p. 191-222.

MARANTZ, A. 2007. Restitutive re- and the first phase syntax/semantics of the VP. Ms., New York University.

MARANTZ, A. Locality Domains for Contextual Allomorphy across the Interfaces. In: MATUSHANSKY, O.; MARANTZ, A. (Org.). **Distributed Morphology Today: Morphemes for Morris Halle**. Cambridge Mass: MIT Press, 2013. p. 95-115.

MARVIN, T. **Topics in the stress and syntax of words**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 2003.

MEDEIROS, A. B. Para uma abordagem sintático-semântica do prefixo des-. **Revista da Abralin, Brasília**, v.9, n.2, p.95-121, 2010.

MEDEIROS, A, B. Considerações sobre o prefixo re-. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n.2, dez. 2012.

MEDEIROS, A. B. Prefixos, recursividade e a estrutura do sintagma verbal. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 56–86, 2016.

NÓBREGA, V. A. *Domínios de localidade na interpretação semântica*. In: SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; ARMELIN, Paula Roberta Gabbai (orgs.). **Manual de Morfologia Distribuída**. São Paulo: ABRALIN, 2023. p. 325-353.

NÓBREGA, V. A.; BASSANI, I. S.; ARMELIN, P. R. G. *Flexão, derivação e composição em morfologia distribuída*. In: SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; ARMELIN, Paula Roberta Gabbai (orgs.). **Manual de Morfologia Distribuída**. São Paulo: ABRALIN, 2023. p. 222-266.

OSEKI, Y. Eliminating Pair-Merge. In **Proceedings of the 32nd West Coast Conference on Formal Linguistics**, ed. Ulrike Steindl et al., 303-312. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2015.

PEDERNEIRA, Isabella Lopes; LEMLE, Miriam. Como criamos palavras novas: considerações sobre dois processos de reanálise. **ReVEL**, vol. 7, n. 12, 2009. [www.revel.inf.br].

PEDERNEIRA, I. L. **Etimologia e reanálise de palavras**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

PEDERNEIRA, I. L. **Implicações teóricas dos Verbos leves para o estudo de estrutura argumental**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

PEDERNEIRA, I. L.; MELO, R.; SILVA, F. L.; LEMLE, Miriam. Prefixos em verbos: um estudo nas interfaces. **ReVEL**, vol. 10, n. 18, 2012. [www.revel.inf.br].

PIAGET, J. **A Linguagem e o Pensamento na Criança**. São Paulo: Editora Cultrix, 1959.

PINKER, S.; JACKENDOFF, R. S. The Faculty of Language: What's Special About It? **Cognition**, v. 95, n. 2, 201-236, 2005.

RUECKL, J.; AICHER, W. Are CORNER and BROTHER Morphologically Complex? Not in the Long Term. **Language and Cognitive Processes**, v. 23, n. 2-3, 2008, pp. 192-216.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. 2 ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

SCHER, A. P.; BASSANI, I. S.; MINUSSI, R. D. Morfologia em Morfologia Distribuída. In: **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 1, n. 47, jan-jun. 2013, p. 9-29.

SCHER, A. P.; MONTEIRO, B. N. O estatuto morfossintático dos prefixos negativos des- e in- em português. **Revista do GELNE**, v. 22, n. 2, p. 280-293, 2020.

SCHER, A. P. *et al.* **Manual de Morfologia Distribuída**. 1. ed., Campinas, SP : Editora da Abralin, 2023.

SCHWINDT, L. C. **O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica**. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

SCHWINDT, L. C. O Prefixo no Português Brasileiro: Análise Prosódica e Lexical. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 17, n. 2, 2001, pp. 1-20.

SKINNER, B. F. **Science and Human Behavior**. New York: Macmillan 1953.

VON STECHOW, A. The Different Readings of *Wieder* ‘Again’: A Structural Account, **Journal of Semantics**, Volume 13, Issue 2, May 1996, Pages 87–138.

ANEXO 1Instruções do experimento e formulário

Olá!

Você está sendo convidado a participar de um experimento linguístico sobre o processamento de palavras.

A sua tarefa será ler sequências de letras na tela do computador e julgar se essas sequências formam ou não palavras em Português.

O experimento leva cerca de 15 minutos e deve ser feito em um computador. Não use tablet ou celular.

A seguir, você vai ler as instruções detalhadas e fará um treino antes de começar.

CONTINUAR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa busca entender o processamento de palavras e foi desenvolvida pela Pesquisadora Thays Ferreira Alves, sob a orientação da Professora Isabella Pederneira (Programa de Pós-graduação em Linguística - UFRJ)

Caso você concorde em participar, a sua tarefa será ler sequências de letras na tela do computador e, em seguida, responder se estas sequências formam ou não palavras em português brasileiro. Para responder, você utilizará botões no teclado do seu computador.

Não se preocupe, pois você fará um treinamento antes de iniciar o teste.

Todos os seus dados pessoais serão mantidos em sigilo. As suas respostas são anônimas e não serão divulgadas individualmente em hipótese nenhuma.

Se eventualmente, após a sua participação, você desejar que os seus dados não sejam utilizados nesta pesquisa, por favor, entre em contato conosco: thays.ferreira37@letras.ufrj.br

Agora, que você já entendeu melhor o teste, aperte o botão abaixo,

se aceitar continuar.

EU DECLARO QUE ENTENDI E ACEITO PARTICIPAR DESTA PESQUISA

Início

ATENÇÃO: Este experimento só funciona corretamente se realizado em um computador.

Antes de prosseguir, preencha o formulário abaixo:

Por favor, escreva seu NOME COMPLETO na caixa abaixo.

Escreva sua IDADE na caixa abaixo.

Selecione com qual mão você escreve:

Lateralidade (OPÇÕES: Canhoto, Destro, Não específico)

Agora selecione sua ESCOLARIDADE na caixa abaixo:

Escolaridade (OPÇÕES: Ensino Básico Incompleto, Ensino Básico Completo, Ensino Médio Regular, Ensino Superior em Curso, Ensino Superior Completo, Pós-graduação)

CONTINUAR

EXEMPLO

Vai aparecer na tela:

#####

Em seguida, aparecerá um estímulo muito rápido, seguido por uma sequência em CAIXA ALTA:

FILHO

Você deve julgar a SEQUÊNCIA que permanece na tela. A partir da sua decisão, aparecerá uma nova sequência.

Para responder, você deve apertar a **TECLA F** para **PALAVRA** ou

Apertar a **TECLA J** para **NÃO PALAVRA**

CONTINUAR

...

Muito bem!

Agora que você já praticou, vamos começar o teste.

Não se esqueça:

Aperte F, se a sequência for UMA PALAVRA em Português.

Ou aperte J, se for uma NÃO PALAVRA.

**Aperte o botão abaixo, quando estiver pronto para começar o
TESTE.**

COMEÇAR O TESTE

ANEXO 2

Versão 1 do experimento

	item	prime	alvo	condição	resposta esperada
1	5R	descompensado	PENSAR	R	S
2	7NP	significado	PIRTO	NP	N
3	2NP	telefonema	POSU	NP	N
4	8N	persuadido	TENDER	N	S
5	12NP	conhecimento	MOTIR	NP	N
6	4NP	recuperação	PLINA	NP	N
7	3R	comprometido	METER	R	S
8	11NP	resistência	PELER	NP	N
9	3NP	indiferença	PENGAR	NP	N
10	9N	supracitado	VISAR	N	S
11	10D	sororidade	TENTAR	D	S
12	4D	discrepância	MOSTRAR	D	S
13	6N	emancipado	PONTA	N	S
14	3D	maturidade	PARAR	D	S
15	5NP	divergência	RELOR	NP	N
16	2R	desimpedido	PEDIR	R	S
17	5D	referência	BOLAR	D	S

18	2D	imprescindível	POSAR	D	S
19	1NP	jabuticaba	MAVO	NP	N
20	8D	serenidade	LEVAR	D	S
21	4R	desconversado	VERSAR	R	S
22	1D	perseverança	CHECAR	D	S
23	6D	comorbidade	PINTAR	D	S
24	7N	apreciado	ROLAR	N	S
25	6NP	dissimulado	VARSE	NP	N
26	11D	hipocrisia	QUERER	D	S
27	10N	interessado	CANTAR	N	S
28	12D	expectativa	PERDER	D	S
29	7D	circunstância	PROVAR	D	S
30	1R	desajustado	JUSTO	R	S
31	9D	consequência	SABER	D	S
32	10NP	antagonismo	MARPO	NP	N
33	8NP	perseverança	LORTA	NP	N
34	9NP	autonomia	VALDER	NP	N

Versão 2 do experimento

	item	prime	alvo	condição	resposta esperada
1	6R	desapontado	PONTA	R	S
2	7NP	significado	PIRTO	NP	N
3	2NP	telefonema	POSU	NP	N
4	12NP	conhecimento	MOTIR	NP	N
5	4NP	recuperação	PLINA	NP	N
6	2N	manipulado	PEDIR	N	S
7	11NP	resistência	PELER	NP	N
8	3NP	indiferença	PENGAR	NP	N
9	7R	desenrolado	ROLAR	R	S
10	10D	sororidade	TENTAR	D	S
11	4D	discrepância	MOSTRAR	D	S
12	8R	desentendido	TENDER	R	S
13	3D	maturidade	PARAR	D	S
14	5NP	divergência	RELOR	NP	N
15	9R	desavisado	VISAR	R	S
16	5D	referência	BOLAR	D	S
17	2D	imprescindível	POSAR	D	S
18	1N	extrovertido	JUSTO	N	S

19	1NP	jabuticaba	MAVO	NP	N
20	8D	serenidade	LEVAR	D	S
21	10R	desencantado	CANTAR	R	S
22	1D	perseverança	CHECAR	D	S
23	6D	comorbidade	PINTAR	D	S
24	4N	predestinado	VERSAR	N	S
25	6NP	dissimulado	VARSE	NP	N
26	11D	hipocrisia	QUERER	D	S
27	3N	entediado	METER	N	S
28	12D	expectativa	PERDER	D	S
29	7D	circunstância	PROVAR	D	S
30	5N	deliberado	PENSAR	N	S
31	9D	consequência	SABER	D	S
32	10NP	antagonismo	MARPO	NP	N
33	8NP	perseverança	LORTA	NP	N
34	9NP	autonomia	VALDER	NP	N